

Carolina Ribeiro Diniz

EU TE AMO VOCÊ  
O REDOBRO DE PRONOMES CLÍTICOS SOB UMA ABORDAGEM  
MINIMALISTA

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007

Carolina Ribeiro Diniz

EU TE AMO VOCÊ  
O REDOBRO DE PRONOMES CLÍTICOS SOB UMA ABORDAGEM  
MINIMALISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Linha C  
Linha de Pesquisa: Estudo da Estrutura Gramatical da Linguagem  
Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2007



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Letras**  
**Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos**

Dissertação intitulada “*Eu te amo você: o redobro de pronomes clíticos sob uma abordagem minimalista*”, de autoria da mestranda Carolina Ribeiro Diniz, submetida à aprovação pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte – FALE / UFMG – Orientador

---

Profa. Dra. Maria Aparecida C. R. Torres Morais – USP

---

Profa. Dra. Jânia Martins Ramos – FALE / UFMG

---

Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral – FALE / UFMG – Suplente

Belo Horizonte, 17 de dezembro de 2007

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – 31270-901 – Brasil – tel.: (31) 3499-5492

*Aos meus filhos, Felipe e Marina,  
que foram gerados juntos com esta dissertação.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me abençoar grandemente, concedendo-me sabedoria para superar mais este desafio.

Ao meu marido que sempre esteve caminhando ao meu lado, providenciando o melhor para mim e cercando-me de carinho e estímulo.

Aos meus pais, às minhas irmãs e à minha sogra pelo apoio incondicional.

Ao meu querido orientador Professor Doutor Fábio Bonfim Duarte que, com seu entusiasmo, conduziu-me à conclusão desta dissertação. Agradeço pela disponibilidade que sempre demonstrou ao responder as minhas dúvidas tão prontamente e por ser tão atencioso e presente.

À Professora Doutora Jânia Ramos que, com seu olhar de rigorosa pesquisadora, ajudou-me a ver e resolver algumas questões teóricas que minha pesquisa levantava. Muito obrigada também por me permitir consultar os *corpora* do dialeto mineiro organizados por ela.

À Professora Doutora Maria Aparecida Torres Morais pelas valiosas observações que contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

À Professora Doutora Maria do Carmo Viegas, juntamente com seu orientando Alan Jardel de Oliveira por cederem seu *corpus* para coleta dos dados do redobro em PB. Agradeço também ao Mestre em Linguística Leonardo Araújo por tão gentilmente disponibilizar para consulta o Corpus de Venda Nova, organizado por ele.

Ao Professor Doutor Lorenzo Vitral e ao Professor Doutor José Olímpio de Magalhães por me ajudarem a ver o redobro de perspectivas diferentes da gerativa.

Ao Professor Doutor César Nardelli e à Doutora Eugênia Hernández por me ajudarem com os dados do Romeno.

Aos amigos e colegas, Elizete, Ricardo, Juliana, Maria Alice, Paloma, Ana Paula, Ernane, por me ajudarem discutindo algumas questões teóricas e passando-me os dados de redobro que encontravam.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram com a realização deste trabalho.

*“Vento de calor  
De pensamento em chamas  
Inspiração  
Arte de criar o saber  
Arte, descoberta, invenção  
Teoria em grego quer dizer  
O ser em contemplação”  
Gilberto Gil (1998)*

## RESUMO

O presente estudo tem por fim pesquisar o redobro de pronomes clíticos, adotando, para tal, uma abordagem gerativa. Este fenômeno consiste na coocorrência de um pronome átono cliticizado ao verbo com um D/NP acusativo ou dativo em posição de argumento interno de um verbo transitivo da oração.

A análise interlingüística mostrou que o redobro de pronomes clíticos impõe restrições quanto ao importe semântico-sintático do sintagma que será ou não redobrado. A realização morfossintática dos sintagmas que participam de construções de redobro evidencia que o objeto redobrado não pode ser um NP nu, devendo, portanto, projetar uma capa funcional.

Ao constatar que o objeto redobrado deve fazer menção a um elemento previamente dado no contexto pragmático-discursivo, propusemos que, do ponto de vista semântico, o D/NP objeto direto ou indireto deve apresentar o importe configuracional [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]. Este feixe de traços



poderá acionar alguns ou todos os seus traços, dependendo do contexto lingüístico. A variação paramétrica que se observa nas construções de redobro de clíticos entre as línguas se deve, portanto, à forma como cada uma acionará este feixe de traços em construções com redobro acusativo e dativo.

O clítico que redobra um D/NP objeto direto ou indireto é analisado neste trabalho como a cópia de traços-phi do argumento interno do verbo. De acordo com esta intuição, o clítico é inserido após o Spell-Out e não participa dos mecanismos de valoração dos traços de Caso e de atribuição de papel temático.

**PALAVRAS-CHAVE:** Redobro de clíticos; valoração de Caso; concordância; traços-phi, minimalismo.

## **ABSTRACT**

The present study aims at looking into the clitic doubling, adopting for this, a generative approach. This phenomenon consists of the co-occurrence of the unstressed clitic pronoun adjoined to the verb with an accusative or dative DP in an internal argument position of a transitive verb.

The crosslinguistic analysis has shown that the clitic doubling imposes restrictions to the syntactic-semantic nature of the noun phrase which will or will not be doubled. The morphosyntactic properties of the noun phrases that participate in the clitic doubling constructions show that the doubled object can not be a bare NP; it should, therefore, project a functional layer.

Evidencing that the doubled object must make mention of an element previously given in the pragmatic-discourse context, it is proposed that, from the semantic point of view, the indirect or direct object DP must present the configurational features [[+REFERENTIAL][+SPECIFIC][+DEFINITE]]. The parametric

variation that is observed in the constructions of clitic doubling among the languages is, therefore, sensitive to the presence, or not, of these features.

The theoretical proposal that we assume is that the clitic that doubles a direct or indirect object DP is analyzed in this dissertation as copy of phi-features of the internal argument of the verb. In line with this intuition, clitics are viewed as an insertion of a post Spell-Out operation and does not participate either in the mechanisms of the Case feature evaluation or in the mechanisms of the thematic role assignment.

**KEY WORDS:** Clitic doubling, Case evaluation, agreement, phi-features, minimalism.

## TABELAS

TABELA 1 – Pronomes pessoais do português segundo a gramática tradicional-----	58
TABELA 2 – Origem latina dos pronomes de primeira e segunda pessoas do português-	59
TABELA 3 – Origem latina dos pronomes de terceira pessoa do português-----	59
TABELA 4 – Proposta de reformulação do paradigma pronominal do PB-----	60
TABELA 5 – Traços do DP redobrado em cada língua-----	89
TABELA 6 – Feixe de traços do DP redobrado interlingüisticamente-----	91
TABELA 7 – Inserção dos clíticos em construções de redobro sem perífrases-----	125
TABELA 8 – Inserção dos clíticos em construções de redobro com perífrases-----	137

## **ABREVIATURAS**

Acc – Acusativo

Agree – Concordância (Agreement)

AgrOP – Sintagma de concordância de objeto (Object Agreement Phrase)

Asp – Aspecto

Asp<sup>o</sup> – Núcleo da categoria funcional AspP

AspP – Sintagma aspectual (Aspect Phrase)

Aux – Auxiliar

C<sup>o</sup> – Núcleo da categoria funcional CP

CI – Sistema conceitual-intencional

CP – Sintagma complementizador (Complementiser Phrase)

CV – Categoria vazia

D - Determinante

Dat – Dativo

D/NP – Sintagma nominal que projeta sempre uma categoria funcional DP

DP – Sintagma determinante (Determiner Phrase)

ECM – Marcação excepcional de Caso (Exceptional Case Marking)

EF – Traço de margem (Edge Feature)

EM – Merge externo (External Merge)

EPP – Princípio de projeção estendida (Extended Projection Principle)

FL – Faculdade da linguagem (Faculty of Language)  
[iF] – Traço interpretável (Interpretable Feature)  
IM – Merge interno (Internal Merge)  
Imperf – Imperfectivo  
LDA – Concordância à longa distância (Long Distance Agreement)  
LF – Forma lógica (Logical Form)  
LI – Item lexical (Lexical Item)  
NP – Sintagma nominal (Noun Phrase)  
NTC – Condição de não mudança (No Tempering Condition)  
OV – Ordem Objeto-Verbo  
PB – Português Brasileiro  
PE – Português Europeu  
Perf – Perfectivo  
PF – Forma fonológica (Phonological Form)  
PIC – Condição de impenetrabilidade de fase (Phase Impenetrability Condition)  
PP – Sintagma Preposicional (Prepositional Phrase)  
SC – Mini-orção (Small Clause)  
SM – Sistema sensório-motor  
SMT – Hipótese Minimalista Forte (Strong Minimalist Thesis)  
SO – Objeto sintático (Syntactic object)  
SPEC – Posição de especificador  
T<sup>o</sup> – Núcleo da categoria funcional TP  
TP – Sintagma de tempo (Tense Phrase)  
[uF] – Traço ininterpretável (Uninterpretable feature)  
v<sup>o</sup> – Núcleo do verbo leve (Light verb)  
VO – Ordem Verbo-Objeto  
VOS – Ordem Verbo-Objeto-Sujeito  
vP – Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo leve  
VP – Sintagma verbal que tem como núcleo um verbo lexical

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	18
<b>CAPÍTULO 1. ESTUDOS PRÉVIOS</b> -----	22
1.1. Estudos sobre o redobro de clíticos no espanhol-----	23
1.1.1. Proposta de Jaeggli (1986)-----	24
1.1.2. Proposta de Suñer (1988)-----	30
1.1.3. Outras propostas para a língua espanhola-----	33
1.2. Estudos sobre o redobro de clíticos no português-----	35
1.2.1. Gramáticas normativas da língua portuguesa-----	35
1.2.2. Estudos de Castilho (2004 e 2005)-----	37
1.2.3. Estudo de Gibrail (2003)-----	39
1.2.4. Estudo de Oliveira (2006)-----	43
1.3. Resumo do capítulo-----	45

<b>CAPÍTULO 2. O REDOBRO DE CLÍTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO-----</b>	<b>47</b>
2.1. Apresentação dos dados-----	48
2.1.1. Redobro em contextos de marcação excepcional de Caso-----	53
2.1.2. Redobro em contextos de <i>small clause</i> -----	54
2.1.3. Redobro em contextos de alternância de dativos-----	55
2.2. O redobro no PB e as mudanças relativas a seu sistema pronominal-----	56
2.2.1. Reformulação do sistema pronominal-----	58
2.2.2. Redução ou cliticização de pronomes-----	63
2.2.3. Alternância de dativo-----	66
2.3. Resumo do capítulo-----	68
<b>CAPÍTULO 3. SOBRE O IMPORTE SEMÂNTICO-SINTÁTICO DO OBJETO REDOBRADO----</b>	<b>69</b>
3.1. O objeto redobrado no PB, no espanhol, no romeno e no grego-----	70
3.1.1. O redobro no Português Brasileiro-----	71
3.1.2. O redobro no Espanhol-----	72
3.1.2.1. Redobro de objeto direto-----	72
3.1.2.2. Redobro de objeto indireto-----	76
3.1.3. O redobro no Romeno-----	78
3.1.4. O redobro no Grego-----	81
3.2. O objeto redobrado do ponto de vista semântico-----	85
3.2.1. Sobre os traços do D/NP redobrado-----	88
3.3. O objeto redobrado do ponto de vista sintático-----	92



3.4. Resumo do capítulo-----	96
<b>CAPÍTULO 4. SOBRE O ESTATUTO DO PRONOME CLÍTICO EM CONSTRUÇÕES COM REDOBRO-----</b>	<b>97</b>
4.1. Clíticos ou morfemas de concordância?-----	98
4.2. Clíticos como cópias de traços-phi-----	102
4.3. Resumo do capítulo-----	107
<b>CAPÍTULO 5. PROPOSTA TEÓRICA-----</b>	<b>109</b>
5.1. O modelo de fases proposto por Chomsky (2005)-----	110
5.2. Derivando estruturas com redobro-----	115
5.2.1. Derivação de estruturas de redobro acusativo-----	116
5.2.2. Derivação de estruturas de redobro dativo-----	123
5.2.3. Derivação de estruturas de redobro com perífrases verbais-----	125
5.2.3.1. Inserção dos clíticos nas perífrases do PB-----	128
5.2.3.2. Inserção dos clíticos nas perífrases do espanhol-----	131
5.2.3.3. Resumo da seção-----	137
5.3. Resumo do capítulo-----	139
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS-----</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS-----</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO

O redobro de clíticos consiste na coocorrência de um pronome clítico e um D/NP acusativo ou dativo em posição de argumento interno de um verbo transitivo da oração, conforme se vê no exemplo abaixo:

(1) Eu *te<sub>i</sub>* amo *você<sub>i</sub>*.

O dado em (1) – cantado por Marina Lima (1985) - representa um problema para a teoria gerativa, pois, de acordo com a Teoria do Caso, o verbo pode atribuir Caso acusativo a um argumento uma única vez e, no entanto, no exemplo acima, o verbo *amar* parece c-selecionar dois argumentos com uma mesma função sintática: o clítico *te* e o pronome *você*. Por conseguinte, parece que o verbo está atribuindo Caso estrutural (acusativo) duas vezes.

Com base em dados como esse, a presente pesquisa buscou alcançar os seguintes objetivos:

- (i) analisar descritiva e teoricamente o redobro de pronomes clíticos, adotando uma perspectiva interlingüística;
- (ii) verificar se é possível realizar uma análise teórica do fenômeno que se estenda a outras línguas que permitem este tipo de construção;
- (iii) delimitar o ambiente lingüístico no qual o fenômeno é produzido a partir da descrição de suas ocorrências;
- (iv) testar a aplicabilidade da proposta de Bobaljik (2006) de que o fenômeno da concordância está dissociado de Caso;
- (v) buscar evidências que permitam relacionar o redobro de clíticos à maneira como o PB realiza traços-phi em sentenças verbais, no momento sincrônico.

Embora a proposta inicial fosse a de ater-se apenas à análise do fenômeno no PB, para consecução dos objetivos propostos, acabamos optando por fazer uma comparação interlingüística de nosso objeto de estudo. A análise das ocorrências de redobro no PB, no espanhol, no romeno e no grego permitiu propor generalizações que buscassem contribuir, de alguma forma, com a elucidação de questões referentes ao paradigma do redobro de clíticos numa perspectiva mais geral. Apesar de o fenômeno do redobro ser pensado dentro da proposta de adequação explicativa, ao longo de toda a pesquisa, houve sempre o cuidado de se observar e respeitar as particularidades de cada língua. Dessa forma, o caminho trilhado por esta pesquisa oscila entre o geral e o particular.

O estudo sobre o redobro de pronomes clíticos foi organizado em cinco capítulos. No primeiro deles, apresentamos um levantamento bibliográfico para revisão da literatura existente sobre o tema com o fim de favorecer a definição de contornos mais precisos sobre o problema estudado. Arrolamos, entre os estudos prévios realizados sobre o tema, pesquisas sobre o redobro de clíticos em espanhol e em português. Escolhemos o espanhol porque parece ser a língua que apresenta ocorrências de redobro mais livres e em maior quantidade. Conforme dito anteriormente, a proposta inicial era realizar um estudo sobre o redobro apenas no PB e, por isso, tratamos de levantar bibliografia sobre o tema. Para nossa surpresa, constatamos que nosso objeto de estudo ainda não havia sido investigado dentro do quadro teórico minimalista e encontramos apenas estudos que analisavam o fenômeno em outros períodos da língua portuguesa e de uma forma colateral. Para o momento atual, encontramos somente um artigo que também tratava do tema do redobro indiretamente, já que o foco da pesquisa era a cliticização do pronome reflexivo *se*. Com o fim de sanar esta falta, realizamos, no capítulo 2 desta dissertação, uma descrição minuciosa do redobro de pronomes clíticos no PB, via dialeto mineiro.

Como se sabe, o redobro consiste na coocorrência de dois elementos: o D/NP objeto e o clítico. Estes elementos foram analisados separadamente nos capítulos 3 e 4, respectivamente. No terceiro capítulo, realizamos uma análise semântico-sintática das ocorrências de redobro no PB, no espanhol, no romeno e no grego buscando

caracterizar o D/NP objeto direto e indireto. No capítulo seguinte, buscamos delinear o estatuto do clítico presente em construções de redobro. Após termos definido o importe semântico-sintático do D/NP redobrado e o estatuto do clítico, empreendemos, no capítulo 5, nossa proposta teórica, adotando como quadro teórico o modelo de fases de Chomsky (2005).

A presente pesquisa abordará o fenômeno do redobro de pronomes clíticos qualitativamente. Infelizmente, as ocorrências de redobro elencadas neste trabalho não foram suficientes para uma análise quantitativa. Os dados do PB foram retirados do Corpus de Fala Belo Horizontina e do Corpus de Fala Ouro Pretana organizados pela Professora Doutora Jânia Ramos. Além destes *corpora*, consultamos ainda os dados do Corpus Oral de Itaúna-MG, coletados por Oliveira, A. (2006) e também os dados do Corpus de Venda Nova, organizados por Araújo (2007). Os dados do espanhol, do romeno e do grego foram retirados de trabalhos como os de Jaeggli (1986), Suñer (1988), Dobrovie-Sorin (1987), Alexiadou (2006), Anagnostopoulou (1999), entre outros. Dessa maneira, a interpretação do fenômeno não requererá o uso de métodos e técnicas estatísticas, mas se pautará na descrição e análise dos dados, buscando sempre avaliar pressupostos teóricos assumidos no âmbito da gramática gerativa.

## CAPÍTULO 1

# ESTUDOS PRÉVIOS

Neste capítulo faremos uma revisão de alguns dos estudos sobre o redobro de pronomes clíticos realizados até o momento. Acreditamos que a relevância de se considerar o que já foi dito sobre nosso objeto de pesquisa pode pautar-se na seguinte afirmação de K. Popper:

Entre los muchos métodos que puede usar [un filósofo o cualquier persona] me parece que hay uno digno de ser mencionado [...]: consiste simplemente en intentar averiguar qué han pensado o dicho otros acerca del problema en cuestión, por qué han tenido que afrontarlo, cómo lo han formulado y cómo han tratado de resolverlo. [K. POPPER, 1967, p. 17, (*apud* FERNÁNDEZ SORIANO, 1993, p. 14)]<sup>1</sup>

Três seções compõem este capítulo. Na primeira, apresentaremos algumas das investigações sobre a natureza do redobro de clíticos na língua espanhola. Mais precisamente, sintetizaremos a proposta de Jaeggli (1986), Suñer (1988),

---

<sup>1</sup> “Entre os muitos métodos que pode usar [um filósofo ou qualquer pessoa] parece-me que há um digno de ser mencionado [...]: consiste simplesmente em tentar averiguar o que pensaram ou disseram outros acerca do problema em questão, por que tiveram que afrontá-lo, como o formularam e como trataram de resolvê-lo.” (Tradução nossa).

Silva-Corvalán (1981) e Groppi (2006). Na segunda seção, trataremos dos estudos sobre redobro na língua portuguesa. Para tanto, retomaremos os estudos normativos de Rocha Lima (2000) e Celso Cunha e Cintra (2001) e examinaremos também os estudos do português medieval e clássico de Castilho (2004, 2005) e Gibrail (2003), respectivamente. Para analisar ocorrências de redobro num período mais atual, apresentaremos o estudo de Oliveira (2006).

### **1.1. ESTUDOS SOBRE O REDOBRO DE CLÍTICOS NO ESPANHOL**

Nesta seção, apresentaremos os estudos de Jaeggli (1986), Suñer (1988), Silva-Corvalán (1981) e Groppi (2006). Os trabalhos de Jaeggli e Suñer foram um dos primeiros estudos gerativistas a tratar do tema de redobro e, até hoje, têm suscitado bastante discussão. Particularmente, não poderíamos deixar de resenhar as propostas destes autores, uma vez que em nossa análise teórica tomaremos como referência alguns de seus pressupostos. Os estudos de Silva-Corvalán (1981) e Groppi (2006), apesar de terem um cunho mais sociolinguista, mostram que o redobro não se restringe apenas às regiões mencionadas nos trabalhos de Jaeggli e Suñer<sup>2</sup>. Pareceu-nos importante deixar isto bem claro, pois, no Capítulo 3, analisaremos o

---

<sup>2</sup> Para analisar o redobro de clíticos em outras zonas de fala hispana ver também Fernández-Ordóñez (1993), Blean (1999), Mayer (2003).

redobro na língua espanhola de uma maneira mais geral. Para tanto, retomemos, primeiramente, a proposta de Jaeggli sobre o redobro de clíticos.

### 1.1.1. PROPOSTA DE JAEGGLI (1986)

Jaeggli considera que os clíticos das línguas românicas aparecem, canonicamente, como morfemas ligados ao verbo. São afixos sintáticos<sup>3</sup> gerados em uma posição adjunta a V, coindexados com a posição argumental do complemento de V, ocupada por uma categoria vazia (CV). Segundo este autor, a atribuição de Caso é uma opção parametrizada. Para ele, os clíticos acusativos absorvem Caso obrigatoriamente (o que explicaria a distribuição complementar entre clíticos acusativos e objetos diretos não precedidos por *a*) ao passo que os clíticos dativos o fazem opcionalmente. Na visão do autor, frases como (1) são agramaticais.

(1a) *La<sub>i</sub>* compré (*\*la casa<sub>i</sub>*).

*A<sub>i</sub>* comprei (*a casa<sub>i</sub>*).

(1b) *Lo<sub>i</sub>* vendí (*\*el periódico<sub>i</sub>*).

*O<sub>i</sub>* vendi (*o jornal<sub>i</sub>*).

Esta agramaticalidade se dá pela presença de dois elementos, o clítico e o DP objeto, competindo por um mesmo Caso atribuído pelo núcleo *v*<sup>0</sup>. Se o clítico

---

<sup>3</sup> “[...] los clíticos de la lengua española aparecen, canónicamente, como morfemas ligados a un verbo. [...] Por lo tanto, el dominio de rección del clítico coincide con el dominio de rección del verbo. Los clíticos como los que nos ocupan son, en consecuencia, afixos sintáticos.” (JAEGGLI, 1986, p. 143)



recebesse o Caso acusativo, o DP em posição de complemento já não poderia recebê-lo, ou vice-versa.

Este tipo de agramaticalidade não é detectada no redobro dativo, pois, nesses contextos, os clíticos recebem Caso opcionalmente. Segundo Jaeggli, os clíticos dativos não ocorrem em distribuição complementar com os objetos indiretos e a preposição atribui Caso de maneira composicional com o verbo. Conforme Jaeggli (1986, p. 148) “El verbo y la preposición asignan Caso conjuntamente”. O autor propõe, então, que nem todos os clíticos dativos estariam obrigados a receber Caso, visto que a atribuição de Caso dativo ao clítico não é obrigatória. Segundo esta análise, o clítico dativo poderia coexistir com o DP complemento sem que tenha de receber Caso estrutural<sup>4</sup>. Em consonância com esta proposta, em espanhol, os clíticos dativos estariam livres da atribuição de Caso, enquanto os clíticos acusativos precisariam receber Caso.

Consideremos, agora, os seguintes exemplos de Jaeggli (1986, p.149):

(2a) *Me* voy al cine.

*Me* vou ao cinema.

“Vou ao cinema.”

(2b) Pedro *se* vino de América.

Pedro *se* veio da América.

“Pedro veio da América.”

---

<sup>4</sup> “Algunos clíticos han de recibir Caso obligatoriamente, esto es, requieren que se les asigne. Otros clíticos son tan sólo receptores opcionales de Caso, es decir, se les puede asignar, pero no es obligatorio hacerlo. Es posible por último, que algunos clíticos no acepten Caso alguno.” (JAEGGLI, 1986, p. 148)

- (2c) María *se* rio de Pedro.  
Maria *se* riu do Pedro.  
“Maria riu do Pedro.”

O autor argumenta que, nestas orações, os clíticos não podem receber Caso porque o verbo ao qual estão adjungidos não são atribuidores de Caso, pois são todos intransitivos. Além disso, estes clíticos não são argumentos adicionais do verbo e, caso fossem omitidos, a frase continuaria sendo gramatical. A presença do clítico nesses contextos quase sempre indica espontaneidade por parte do falante<sup>5</sup>.

Aos dativos éticos também não é possível atribuir Caso.

- (3) Juan *me* *le*<sub>i</sub> arruinó la vida *a esa chica*<sub>i</sub>. (JAEGGLI, 1986, p. 149)  
O Juan *me* *lhe*<sub>i</sub> arruinou a vida dessa menina<sub>i</sub>.  
“O Juan *me* arruinou a vida dessa menina.”

Em (3) *le* é um clítico dativo que redobra o objeto indireto *a esa chica*. *Me* é um clítico ético cuja função é mostrar que a ação explicitada pelo verbo *me* afeta de alguma maneira. De acordo com Jaeggli, o verbo *arruinar* atribui Caso acusativo a *la vida*. O objeto indireto *a esa chica* receberia Caso dativo e não haveria nenhum outro

---

<sup>5</sup> De acordo com Jaeggli (1986, p. 149). “todas estas oraciones contienen clíticos que no pueden recibir Caso, ya que los verbos a los que están adjuntados no son asignadores de Caso. Todos estos verbos son intransitivos. Repárese, además, en que estos clíticos no constituyen argumentos adicionales de los verbos. En muchos Casos es posible omitir el clítico sin alterar la agramaticalidad de la oración. El significado sería el mismo, aunque la adición del clítico a menudo indica espontaneidad por parte del hablante.”

Caso a ser atribuído ao clítico dativo ético<sup>6</sup>. Daí, Jaeggli conclui que os clíticos dativos éticos não dependem da atribuição de Caso do verbo.

Outros clíticos dativos que também não recebem Caso são os que estão presentes em construções de posse inalienável ou alienável (conforme exemplos (4) e (5), respectivamente):

(4a) *Le<sub>i</sub>* sacaron la muela del juicio *a Juan<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 151)

*Lhe<sub>i</sub>* extraíram o dente do juízo *ao Juan<sub>i</sub>*.

“Extraíram o dente do juízo do Juan.”

(4b) *Le<sub>i</sub>* examinaron los dientes *al caballo<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 151)

*Lhe<sub>i</sub>* examinaram os dentes *ao cavalo<sub>i</sub>*.

“Examinaram os dentes do cavalo.”

(5a) *Le<sub>i</sub>* comí la torta *a Juan<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 152)

*Lhe<sub>i</sub>* comi a torta *ao Juan<sub>i</sub>*.

“Comi a torta do Juan.”

(5b) *Le<sub>i</sub>* ensucí el libro *a Pedro<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 152)

*Lhe<sub>i</sub>* sujei o livro *ao Pedro<sub>i</sub>*.

“Sujei o livro do Pedro.”

A presença do clítico nas frases em (4) é obrigatória. Se eles não estivessem presentes as frases seriam agramaticais. Jaeggli considera que estes clíticos contribuem para a atribuição do papel temático de posse inalienável ao objeto indireto do complexo formado pelo clítico e pelo verbo, dado que o objeto direto é sempre uma parte inalienável do objeto indireto. As construções de posse alienável, em (5), também seriam agramaticais se os clíticos fossem omitidos. Daí, este autor conclui que o clítico simplesmente proporciona ao verbo um papel temático de possuidor e

---

<sup>6</sup> Ainda segundo Jaeggli (1986, p. 150), “el rasgo de Caso acusativo se asigna al objeto directo del verbo, *la vida*, y el rasgo de Caso dativo se asigna al objeto indirecto del verbo, *a esa chica*. El verbo simplemente no tiene ningún otro Caso que asignar al dativo ético.”

que a (in)alienabilidade é resultado da relação existente entre objetos direto e indireto no mundo real<sup>7</sup>.

A partir das frases de (2) a (5), Jaeggli relaciona a livre realização de redobro de objeto indireto em todos os dialetos do espanhol ao fato de os clíticos dativos neste idioma serem receptores opcionais de Caso. Em relação aos clíticos acusativos, a atribuição de Caso é obrigatória e o redobro se dá pela presença da preposição *a*.

Embora o espanhol peninsular não aceite o redobro de um objeto direto não pronominal, esta mesma estrutura é perfeitamente aceitável no dialeto rio-platense, conforme se nota pela gramaticalidade do exemplo (6):

(6) *Lo<sub>i</sub> vi a Juan<sub>i</sub>.*  
*O<sub>i</sub> vi a Juan<sub>i</sub>.*  
“Vi o Juan.”

Segundo Jaeggli, no espanhol rio-platense, o redobro de objeto direto pelo clítico acusativo é permitido somente se este DP tiver o importe [+ANIMADO] e [+ESPECÍFICO]. Além de ter este atributo como condição para o redobro, o DP objeto direto deve vir obrigatoriamente precedido pela preposição *a*, pois é sua presença que torna o redobro possível<sup>8</sup>. Nesta linha de investigação, o autor considera que se a preposição *a* desempenhasse o papel de atribuidora de Caso, o verbo ficaria sem

---

<sup>7</sup> “Podemos llegar a la conclusión, por tanto, de que el clítico simplemente proporciona al verbo un papel temático de poseedor y que la inalienabilidad es el resultado de la relación que media entre el objeto directo y el objeto indirecto en el mundo real.” (JAEGGLI, 1986, p. 152)

<sup>8</sup> “...es la presencia de la preposición lo que permite el doblado de clíticos en una oración como (36) [...]”

(36) *Lo vi a Juan.*” (JAEGGLI, 1986, p. 165)

condições de atribuir seu traço de Caso ao DP objeto em (6). Além disso, se o verbo fosse capaz de atribuir Caso independentemente da preposição, ficaria o problema de como explicar o redobro de clíticos nos contextos em que figuram objetos indiretos, contextos nos quais aparece obrigatoriamente uma preposição.

Partindo das considerações acima, Jaeggli assume que a atribuição de Caso se dá por emparelhamento, ou ajuste, de Caso. Ou seja, um par (X, Y) é formado para cada traço de Caso de um atribuidor de Caso que é emparelhado, ou ajustado, com o elemento que recebe o Caso. Assim, para que ocorra a atribuição de Caso acusativo a um objeto (direto) que vem acompanhado de uma preposição, são formados dois pares relacionados pelo Caso: "uno formado por el rasgo de Caso del verbo y la preposición *a* y otro formado por el mismo rasgo de Caso realizado sobre la preposición *a* y el objeto directo" (JAEGGLI, 1986, p. 165). Vejamos como esta proposta se aplica e, para tal, seja o seguinte exemplo:

(7) Vimos a Juan.

São formados dois pares relacionados pelo Caso: um formado pelo traço de Caso do verbo e a preposição *a* e outro formado pelo mesmo traço de Caso realizado sobre a preposição *a* e o objeto direto. Todos os traços de Caso ficariam assim emparelhados e o objeto direto receberia Caso acusativo. Já na atribuição de Caso acusativo em construções com clítico duplicado como em (6), *Lo vi a Juan*, formam-se três pares relacionados pelo Caso. Um deles contém o traço de Caso do verbo e o clítico *lo*. O segundo, por sua vez, constitui-se do traço de Caso do verbo e

a preposição *a*. O terceiro, finalmente, está formado pelo traço de Caso realizado sobre a preposição *a* e o DP que ocupa a posição de objeto direto. Dentro deste marco, tem-se que a preposição *a*, que precede certos objetos diretos do espanhol, funciona como uma espécie de “ponte para o Caso” que permite que o traço de Caso do verbo esteja associado a mais de um sintagma.

Pelo exposto, percebe-se que, para Jaeggli, redobro de pronomes clíticos e preposição estão intimamente relacionados. A atribuição de Caso se dá mediante a proposta de pares relacionados pelo Caso. Clíticos acusativos receberiam Caso obrigatoriamente e os dativos, por sua vez, poderiam ou não receber Caso.

### **1.1.2. PROPOSTA DE SUÑER (1988)**

Assim como Jaeggli (1986, p. 157), Suñer admite que os clíticos são gerados como morfemas do verbo<sup>9</sup>. Contudo, diferentemente de Jaeggli, ela considera que os clíticos acusativos e dativos não absorvem traços de Caso, nem recebem papel temático<sup>10</sup>, visto que são reflexo da concordância que se estabelece entre objeto e

---

<sup>9</sup> “Supongo que los clíticos son flexión y que se generan como parte de V [...]. Los clíticos del español son léxicos en el sentido que están listados en el lexicon generativo, al igual que los sufijos de persona y número que se materializan en el V bajo la concordancia sujeto-verbo.” (SUÑER, 1988, p. 182)

<sup>10</sup> “[...] ambos tipos de clíticos (directo o indirecto) pueden caracterizarse como no absorbedores de Caso y papel-theta.” (SUÑER, 1988, p. 182)

verbo. Além disso, nunca ocupam uma posição argumental (cf. SUÑER, 1988, p. 176). Nesta linha de investigação, a concordância entre objeto e verbo teria estatuto semelhante ao da concordância que se dá entre o sujeito e o verbo.

Suñer (1988, p. 180) analisa o espanhol portenho (de Buenos Aires) e encontra também estruturas de redobro de objetos diretos [-ANIMADOS]. Em seus dados, observam-se construções com presença e ausência de preposição, o que evidencia certa opcionalidade no uso desta, sem afetar a gramaticalidade das sentenças, conforme vemos nos dados a seguir:

(8a) *Lo<sub>i</sub>* vamos a empujar *al ómnibus<sub>i</sub>*.

*O<sub>i</sub>* vamos empurrar *ao ônibus<sub>i</sub>*.

“Vamos empurrar o ônibus”

(8b) *Lo<sub>i</sub>* vamos a empujar *el ómnibus<sub>i</sub>*.

*O<sub>i</sub>* vamos empurrar *o ônibus<sub>i</sub>*.

“Vamos empurrar o ônibus”

(9a) *Lo<sub>i</sub>* quiero mucho *a este arbolito<sub>i</sub>* porque me lo regaló mamá.

*A<sub>i</sub>* quero muito *a esta arvorezinha<sub>i</sub>* porque me a deu de presente mamãe.

“Quero muito esta arvorezinha porque a mamãe me deu ela de presente.”

(9b) *Lo<sub>i</sub>* quiero mucho *este arbolito<sub>i</sub>* porque me lo regaló mamá.

*A<sub>i</sub>* quero muito *esta arvorezinha<sub>i</sub>* porque me a deu de presente mamãe.

“Quero muito esta arvorezinha porque a mamãe me deu ela de presente.”

(10a) [...] claro que *la<sub>i</sub>* encontré pesada *la audición<sub>i</sub>*.

[...] claro que *a<sub>i</sub>* encontré chata *a audição<sub>i</sub>*.

“[...] claro que achei chata a audição.”

---

“[...] los sintagmas doblados OD y OI están en posición argumental y llevan, por tanto, el papel-theta relevante de acuerdo con el criterio temático. De aquí se sigue que los clíticos no pueden absorber papel-theta.” (SUÑER, 1988, p. 179)

“[...] la posibilidad del doblado de OODD en ausencia de *a* confirma la idea de que los CL OD no absorben Caso. [...] los clíticos OI nunca absorben Caso.” (SUÑER, 1988, p. 182)

- (10b) [...] claro que *la<sub>i</sub>* encontré pesada *a la audición<sub>i</sub>*.  
 [...] claro que *a<sub>i</sub>* encontré chata *à audição<sub>i</sub>*.  
 “[...] claro que achei chata a audição.”
- (11a) Ahora tiene que seguir usándolo<sub>i</sub> *el apellido<sub>i</sub>*.  
 Agora tem que seguir usando-*o<sub>i</sub>* *o sobrenome<sub>i</sub>*.  
 “Agora tem que seguir usando o sobrenome.”
- (11b) Ahora tiene que seguir usándolo<sub>i</sub> *al apellido<sub>i</sub>*.  
 Agora tem que seguir usando-*o<sub>i</sub>* *ao sobrenome<sub>i</sub>*.  
 “Agora tem que seguir usando o sobrenome.”

Apesar de enfatizar que o redobro de objetos inanimados é menos comum que o de objetos animados, para explicar estes exemplos, a autora diz que o objeto direto redobrado deve ter como característica principal o traço de especificidade. Em conformidade com Suñer, clíticos acusativos são inerentemente [+ESPECÍFICOS], enquanto os clíticos dativos podem ser [+/-ESPECÍFICOS], conforme os exemplos seguintes<sup>11</sup>:

- (12a) *Le<sub>i</sub>* ofrecí ayuda *a la niña<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p.177)  
*Lhe<sub>i</sub>* ofereci ajuda *à menina<sub>i</sub>*.  
 “Ofereci ajuda à menina.”
- (12b) *Les<sub>i</sub>* dejaré todo mi dinero *a los pobres<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p.177)  
*Lhes<sub>i</sub>* deixarei todo meu dinheiro *aos pobres<sub>i</sub>*.  
 “Deixarei todo meu dinheiro aos pobres.”

Para Suñer, diferentemente do que propõe Jaeggli, a presença da preposição *a* não seria uma condição para o redobro, nem um atribuidor de Caso, mas, ao contrário, seria um marcador do traço de animação ou distintividade. Ou seja, seria

---

<sup>11</sup> Para Suñer, o exemplo (12a) é [+ESPECÍFICO] e (12b) é [-ESPECÍFICO]. Todavia, consideramos que os dois exemplos em (12) apresentam DPs [+ESPECÍFICOS]. O que parece é existir uma certa graduação entre o traço [+ESPECÍFICO] de cada DP. Desse modo, se pensarmos em uma suposta escala de especificidade, pareceria que o grau de especificidade decresceria da seguinte maneira: (12a) > (12b).



uma forma de definir um argumento como [+/-ANIMADO] [+/-ESPECÍFICO] e também seria um mecanismo que permitiria estabelecer uma distinção entre objeto direto e indireto. Em contextos nos quais há um objeto indireto, evita-se o uso de preposição antes do objeto direto. Sejam os exemplos retirados de Suñer (1988, p. 181):

(13a) Ya las lavé todas *c.v.* [-ANIMADO]

(13b) Ya las lavé a todas *c.v.* [+ANIMADO]

(14) Le presentaron (a) Josefa a Mario.

Em suma, pela proposta de Suñer, os clíticos, como afixos de concordância que são, devem concordar com o constituinte com o qual formam uma cadeia e não recebem Caso, nem papel temático. A presença da preposição não seria obrigatória e ela não participaria do mecanismo de atribuição de Caso.

### **1.1.3. OUTRAS PROPOSTAS PARA A LÍNGUA ESPANHOLA**

Os estudos de Mirta Groppi (2006) mostram que falantes castelhanos com alta escolaridade (pelo menos em Alcalá de Henares, Espanha) acionam o redobro de objeto direto de modo semelhante ao do Rio da Prata. Nestes contextos o que se observa é que um DP<sub>ACC</sub> preposicionado [+ANIMADO] vem redobrado por um clítico adjungido ao verbo. Por essa razão, a autora afirma que este tipo de ocorrência de redobro não é exclusiva do espanhol rio-platense. Apesar de a Real Academia Espanhola vincular o redobro de clíticos a um estilo menos cuidadoso, Groppi

observou ainda que construções com redobro não são encontradas unicamente em registros informais e que não estão restritas apenas a falantes que possuem baixa escolaridade<sup>12</sup>. Consoante Groppi, o redobro é acionado por razões pragmáticas, de sorte que um falante reproduziria uma frase com redobro para certificar-se de que seu interlocutor seja capaz de identificar o referente do pronome usado.

Já Silva-Corvalán (1981) realizou um estudo sobre redobro em Santiago do Chile em 1978 e também mostrou que este fenômeno não está condicionado pelo nível social dos falantes. Assim como Suñer, Silva-Corvalán considera o redobro uma operação de concordância entre o verbo e o objeto, seja este direto ou indireto. Esta autora considera que a concordância é motivada pelo relativo valor de topicalidade do DP acusativo ou do PP dativo. A topicalidade é definida como a possibilidade de um dado constituinte ser o tópico da oração e, para ela, analisar os clíticos redobrados como marcadores de topicalidade explicaria a ocorrência variável dos clíticos acusativos e a ocorrência categórica dos dativos correferenciais<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> “Eso significa que no es posible decir que el fenómeno:

- sea exclusivo del español usado en el Río de la Plata
- sea producido exclusivamente en situaciones informales
- sea producido exclusivamente por hablantes con baja escolaridad” (GROPPI, 2006, p.7)

<sup>13</sup> “por el contrario, nosotros proponemos que este fenómeno es una manifestación de concordancia entre el verbo y el objeto, sea éste complemento directo o indirecto, concordancia que es motivada por el relativo valor de topicalidad de la frase nominal acusativa o dativa. La topicalidad se define como la posibilidad que tiene un constituyente dado de ser el tópico de una oración, es decir, un constituyente que posee una serie de rasgos que son característicos de las clases referentes sobre las cuales tendemos a hablar. Nuestro análisis de los clíticos dobles como marcadores de topicalidad explica la aparición variable de los clíticos acusativos y la categórica de los dativos correferenciales.” (SILVA-CORVALÁN, 1981, p. 562)

## 1.2. ESTUDOS SOBRE O REDOBRO DE CLÍTICOS EM PORTUGUÊS

Os estudos sobre o redobro de pronomes clíticos em português parecem não contar com uma literatura tão abundante como na língua espanhola. Durante o levantamento bibliográfico, encontramos apenas limitadas menções sobre nosso objeto de pesquisa em algumas gramáticas tradicionais. Também encontramos dois estudos que analisaram o redobro de clíticos em outras épocas de nossa língua. Para análise do fenômeno no PB atual, não encontramos um estudo específico. Contudo, apresentaremos o estudo de Oliveira (2006) sobre o pronome reflexivo *se*, que contém ocorrências de redobro no PB. Passemos a uma breve apresentação dos trabalhos que encontramos até o presente momento.

### 1.2.1. GRAMÁTICAS NORMATIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

O redobro de clíticos pronominais aparece brevemente mencionado em algumas gramáticas do português apenas como tendo a função enfática. Rocha Lima (2000, p. 321), por exemplo, considera que o redobro de clíticos em construções anacolúicas é um “idiotismo românico”, conforme se vê pelo exemplo a seguir:

(15) *Eu me* parece que viverei pouco. (JOÃO RIBEIRO)

O redobro ocorre ainda quando uma forma átona é reforçada com sua correspondente tônica, precedida por preposição:

(16a) Que *me* importa *a mim* a glória? (HERCULANO)

(16b) (...) é necessário que nos demos a Ele, se *te* quisermos seguir *a ti*. (FREI HEITOR PINTO)

Celso Cunha e Lindley Cintra (2001, p. 142, 143 e 145) tratam o redobro de clíticos como sendo o uso do objeto direto pleonástico e do objeto indireto pleonástico. Estas construções com um pronome átono e uma forma pronominal tônica preposicionada têm a função de realçar o objeto.

(17) Quantas vezes, viandante, esta incolor paisagem.

Não *te* mirou *a ti*, a ti também ser cor! (A. DE GUIMARAENS, OC, 194.)

(18) Mas não encontrou Marcelo nenhum. Encontrou-*nos a nós*. (D. MOURÃO-FERREIRA, I, 23.)

(19) – Quem *lhe* disse *a você* que estavam no palheiro? (C. DE OLIVEIRA, AC, 119.)

Tomando por base essas análises para o português, podemos constatar que as gramáticas da língua portuguesa oferecem uma visão limitada sobre o redobro de pronomes clíticos. Nas próximas seções, retomamos os trabalhos de Castilho (2004 e 2005) e de Gibrail (2003). Embora o redobro de pronomes clíticos seja analisado colateralmente nestes trabalhos, consideramos que são de significativa importância em nossa pesquisa, uma vez que nos permitem observar como eram as ocorrências de redobro e compará-las com o momento atual.

### 1.2.2. ESTUDOS DE CASTILHO (2004 E 2005)

Castilho (2005) estuda o processo de redobramento sintático no português medieval, estabelecendo um paralelismo entre o redobro pronominal e o redobro do locativo *hi*. Para ela, este fenômeno se caracteriza pela presença de duas categorias ligadas pelo processo de referencialidade<sup>14</sup>. Os primeiros estudos sobre o redobro sintático pressupõem uma relação estreita com a necessidade de ênfase. Desse modo, este recurso entraria em ação quando o efeito semântico de uma estrutura se encontrasse desgastado, com pouco ou quase sem potencial de ênfase. Para recuperar este efeito semântico perdido, a língua se auto-regularia e apareceria então o redobro. "Posteriormente esse redobro pode ou não ser simplificado e o processo é re-acionado." (CASTILHO, 2005, p. 32).

Castilho (2005, p. 34 e 35) constata que o redobro de pronomes encontra-se na parte da gramática que trata das figuras da sintaxe ou "vícios de linguagem" e é tratado como pleonasma pelas gramáticas históricas românicas. Daí deriva-se a conclusão de que o redobro é considerado um fato marginal à gramática, um fato de

---

<sup>14</sup> Castilho (2005, p. 43) assume o seguinte conceito para o redobro de clíticos: "O redobramento pronominal é composto por dois pronomes que estão sujeitos às seguintes condições: (i) um dos pronomes deve ser fraco, e o outro, deve ser ou forte ou preposicionado, (ii) devem ser co-referenciais, (iii) devem estar contidos em uma mesma fronteira sintática, sendo que a sentença é vista como estando dentro da abrangência da categoria CP, (iv) o pronome fraco duplica tanto o pronome forte como o preposicionado, (v) o pronome e o seu redobro devem funcionar como dêiticos."

estilo - ou de discurso. Ao analisar este assunto, a autora divide os gramáticos brasileiros em três grupos:

- i) os gramáticos tradicionais que tratam apenas a questão semântica do fenômeno e que representam a grande maioria;
- ii) os gramáticos normativos que consideram este fenômeno como um erro, uma vez que esta variedade popular não se enquadraria no padrão culto da língua;
- iii) os gramáticos históricos portugueses e brasileiros que são pouquíssimos e que nem registraram o fato, embora este já tivesse sido notificado pelos romancistas.

Conforme Castilho (2004, p. 12), o redobro pronominal teve no português medieval um alcance muito amplo. Num primeiro momento, o pronome clítico era como um complemento do verbo ao se cliticizar a ele e, ao mesmo tempo, duplicava os traços-phi do pronome tônico “complemento”, o qual permanecia numa posição de adjunção ao verbo. Esse pronome clítico funcionava como uma espécie de flexão dos complementos que vinham em adjunção ao verbo. Desse modo, havia clíticos acusativos e dativos redobrando os traços-phi do DP objeto direto e do PP objeto indireto, respectivamente. Num segundo momento, o clítico podia integrar-se ao verbo ou desaparecer. Isto permitiu que os pronomes preposicionados tônicos, em posição de adjunção ao verbo, fossem reanalisados como complemento do verbo.

Para terminar esta seção, selecionamos alguns exemplos que ilustram os contextos de ocorrência de redobro no período medieval do português. Os exemplos foram retirados dos trabalhos de Castilho (2004, 2005).

- (20) [...] se este he o seu filho Joane de que *me a mim* alguuas vezes fallarom. [XV CDP 276:25]
- (21) Quite-*mi a mi* meu senhor / e dé-mi um bom fiador / por mia soldade. [XIII CEM 247:1]
- (22) “E sodes vos ja em salvo”, disse el, “de oje mais ir-*me-ei eu*”. [XIII SG 167:7]
- (23) Rogo-*te a ti*, padre, que me diga se devemos creer que o fogo do inferno he hũũ ou se ha hi tantos fogos no inferno[...]. [XIV DSG 222:24]
- (24) E pois se ende ela partio, cresceu-*lhi a ele* mais a vertude do corpo e começou a braadar com grande lediça e dizer [...] [XIV DSG 175:7]
- (25) Hũ avarento cuyda que tem dinheiro, e o dinheyro tem-*no a elle*. (HEITOR PINTO)
- (26) [...] e entom aguilharom mais de X a Paramades e matorom-lhe o cavalo e chagarom-*no a el* de muitas chagas. [XIII SG 325:8]

### 1.2.3. ESTUDO DE GIBRAIL (2003)

Gibrail estuda o acusativo preposicionado, o qual equivale a um objeto direto com traço [+ANIMADO] precedido de preposição, como forma variante de estruturas de redobro com clítico não fonologicamente realizado. Tanto o acusativo preposicionado como o redobro de pronomes clíticos apresentam ocorrência significativa nos autores do século XVII. Logo, observa-se seu declínio entre os autores do século XVIII e, finalmente, constatam-se ocorrências bastante restritas entre os autores do século XIX.

Segundo a pesquisa de Gibrail (2003, p. 143), foram detectadas quatro formas estruturais variantes: clíticos acusativos e dativos redobrando traços de pronomes pessoais, pronomes de tratamento em segunda pessoa, sintagmas nominais e do pronome indefinido *todos* (sendo que este apresenta apenas coocorrência com clíticos acusativos). Entre os autores nascidos na primeira metade do século XVI, nos séculos XVII, XVIII e XIX, a ocorrência de redobro com clítico dativo é mais freqüente que a com acusativo e apresenta uma manifestação mais abrangente. Além disso, observa-se que a ocorrência de redobro de pronomes pessoais é muito maior que a das outras variantes durante todo o período analisado.

Nos dados dos autores nascidos no século XVI, embora tenham sido constatadas ocorrências de redobro de pronomes pessoais por clíticos acusativos e dativos, verificou-se que a ocorrência destes últimos era mais produtiva. Os exemplos a seguir mostram alguns contextos de ocorrência:

(27a) ...em que me affirmaraõ que matara mais de mil de vosoutros afora a presa riquíssima que tomou nellas, logo foy para ele *me* destruyr *a mim*... (F. MENDES PINTO; SÉC. XVI; P.52)

(27b) ...e esta sabeis que *me* fiquava *a mym*... (D.JOÃO III; SÉC.XVI; P.15)

(27c) ...& por isso tinha determinado de me dar a morte, quis*lha* eu dar primeiro *a elle*... (F. MENDES PINTO; SÉC. XVI; P.57)

Gibrail observa que as estruturas de redobro de clíticos acusativos e dativos apresentam uma freqüência bastante elevada entre os autores nascidos no século XVII.



(28a) ...deixando-**o a elle** amarrado... (M. DA COSTA; SÉC.XVII; P.186)

(28b)...sem **lhe** terem gerado **a elle**... (M. DA COSTA; SÉC.XVII; P.145)

Se comparados com os textos do século XVII, os textos do século XVIII apresentam uma frequência de redobro mais reduzida. Entretanto, Gibrail observa que o uso de redobro com pronomes de primeira pessoa **me...a mim/ nos...a nós** aumenta neste período, conforme se vê nos dados a seguir:

(29a) ...que também **nos** sacrificou **a nós**... (M. DE ALORNA; SÉC. XVIII; P.166)

(29b) ...**me** fazia **a mim** uma visita o senhor estupor, meu amo... (A. COSTA; SÉC.XVII; P.111)

O redobro de clíticos no século XIX apresenta uma redução mais acentuada ainda se comparado com o século XVII. Nesse período, porém, apesar da pouca ocorrência do redobro, há uma predominância da forma **me... a mim**.

(30a) Isso há de ser para não **o** esfolarem **a ele**, quando ele nos esfolia com os peditórios. (C. CASTELO BRANCO; AMOR DE PERDIÇÃO; SÉC.XIX)

(30b) ...**me** dissesse **a mim**... (C. CASTELO BRANCO; AMOR DE PERDIÇÃO; SÉC.XIX)

Gibrail (2003, p. 168) afirma que a produção do acusativo preposicionado e do redobro de clíticos foi significativa no século XVII e que o desaparecimento da primeira estrutura levou ao concomitante desaparecimento da segunda na gramática do português clássico. Segundo ela, as diferenças observadas na frequência da ocorrência do redobro de clítico acusativo e dativo com pronomes de tratamento e sintagmas nominais fazem com que a gramática formadora dessas estruturas no português clássico seja semelhante à do espanhol peninsular. Este último, embora não

apresente restrições quanto ao redobro de dativo, legitima o redobro de clítico acusativo somente se o objeto for pronominal<sup>15</sup>.

Gibrail (2003, p. 191) assume a configuração de PPs para os objetos preposicionados das estruturas de redobro acusativo e dativo no português clássico. Sendo assim, a questão da atribuição de Caso é resolvida mediante a preposição que encabeça os PPs na função sintática de objeto. Esta preposição atribuiria um Caso *default* ao objeto, já que o Caso do objeto estaria desvinculado do Caso atribuído pelo verbo (o verbo atribuiria seu Caso objetivo ao clítico).

Os dados do português clássico evidenciam que o mesmo tipo de comportamento observado na formação de redobro acusativo também é verificado no dativo: são PPs que apresentam maior ocorrência de redobro com pronomes pessoais do que com pronomes de tratamento e sintagmas nominais durante todo o percurso histórico. Como a autora conclui que o redobro de acusativo e de dativo têm o mesmo comportamento, a questão da atribuição de Caso dar-se-á de maneira similar. Em estruturas de redobro de acusativos, Gibrail assume que os objetos diretos preposicionados recebem o Caso “*default* acusativo”. Já nas ocorrências de redobro

---

<sup>15</sup> “As diferenças observadas na frequência de ocorrências de redobrimento de clítico acusativo e dativo com pronomes de tratamento e sintagmas nominais fazem com que a gramática formadora dessas estruturas no português clássico se assemelhe à gramática do espanhol peninsular, que legitima o redobrimento de clítico acusativo apenas com pronomes pessoais. Esta restrição não é verificada quando o clítico é dativo.” (GIBRAIL, 2003, p. 174).

de clítico dativo, ela postula que os objetos preposicionados têm um Caso “*default* dativo”<sup>16</sup>.

#### 1.2.4. ESTUDO DE OLIVEIRA (2006)

Oliveira (2006) faz um estudo sobre a cliticização do pronome reflexivo *se* e encontra ocorrências de redobro nos dialetos da Paraíba, de Fortaleza, na fala popular de São Paulo e na fala rural de Taubaté. Segundo a autora (p. 416, 417), “a ‘duplicação’ do *se* é um fenômeno nordestino” e ocorre com o verbo na terceira pessoa da singular do pretérito perfeito do modo indicativo, conforme se pode observar pelos exemplos seguintes:

- (31) E sempre rodava o tambor do revólver só com uma bala, né? Mas quando ele rodou o tambor que apertou o dedo, aí *se<sub>i</sub>* matou-*se<sub>i</sub>*, a bala saiu.
- (32) ... quando chegou lá a mãe dele *se<sub>i</sub>* agarrou-*se<sub>i</sub>* com ele, começou a chorar...
- (33) porque ela num queria que ele se apaixonasse por ninguém e ele *se<sub>i</sub>* apaixonou-*se<sub>i</sub>* por ela.

O fato de haver redobro apenas em um único tempo verbal levou a autora a considerar que o *se* proclítico seria uma marca puramente reflexiva e que o *se*

---

<sup>16</sup> Sobre este Caso *default* a autora comenta: “Qual o fator subjacente que leva os objetos preposicionados das estruturas de redobrimento de dativo a terem um Caso ‘default dativo’ e os objetos das estruturas de acusativo preposicionado, com clítico visível ou não, a terem um Caso ‘default acusativo’? Considerando que em ambas as estruturas os objetos são precedidos da preposição *a*, assumida na literatura como marcador de Caso dativo, mais condizente seria propor que este seria o Caso default dos objetos preposicionados nos dois tipos de ocorrências.” (GIBRAIL, 2003, p. 206).

enclítico seria uma marca de aspecto que favoreceria uma leitura resultativa. Tendo em conta estas considerações, Oliveira (2006, p. 418) afirma que “*se* não pode ser considerado um elemento duplicador do reflexivo”<sup>17</sup>.

Outros contextos de redobro arrolados por Oliveira (2006, p. 419, 420) são os seguintes:

- (34) Minha mãe *me<sub>i</sub>* criou- *me<sub>i</sub>*, papai me deixou mamãe, eu estava com quatro ano. Aí mamãe *me<sub>i</sub>* criou- *me<sub>i</sub>* no cabo da enxada.
- (35) Aí eu queria que [...] me amasse de verdade, [...], que *me<sub>i</sub>* desse satisfação em casa *a mim<sub>i</sub>*...
- (36) Ah, o meu relacionamento com meu filho eu eu [go] eu só gosto mais de educar. Não deixa-*lo<sub>i</sub>* *ele<sub>i</sub>* correr na rua, não se juntar com amigo...
- (37) O Antônio Arroz deu-*lhe<sub>i</sub>* um chute *nele<sub>i</sub>*.

Nestes contextos tem-se a coocorrência de um clítico e um outro pronome clítico, um clítico e uma forma pronominal preposicionada e, finalmente, um clítico e um pronome forte. Oliveira considera que talvez este fenômeno esteja associado, ou seja motivado, pelo fenômeno do sujeito duplo e da duplicação de pronomes na posição de sujeito e conclui que a duplicação do pronome *se* pode ser pensada como um processo de gramaticalização em curso, em que não se verifica perda de substância fônica.

---

<sup>17</sup> Nos *corpora* do dialeto mineiro consultados para esta pesquisa, não encontramos nenhuma ocorrência de redobro de reflexivo ou de pronome de terceira pessoa. Não obstante, como estamos considerando que o redobro se dá quando se tem um clítico copiando os traços-phi de um DP<sub>OBJETO</sub> no núcleo verbal, podemos aplicar perfeitamente nossa proposta de análise às ocorrências apresentadas por Oliveira.

### 1.3. RESUMO DO CAPÍTULO

Conforme se pôde observar, não há consenso entre os autores consultados quanto à explicação teórica do redobro de clíticos no espanhol e no português.

Jaeggli (1986) propõe que os clíticos são gerados em uma posição de base e que em estruturas de redobro a atribuição de Caso se dá por emparelhamento de Caso. Segundo esta proposta, são formados três pares relacionados pelo Caso, a saber: o primeiro com o traço de Caso do verbo e o clítico; o segundo com o traço de Caso do verbo e a preposição *a* e o terceiro par formado pelo traço de Caso realizado sobre a preposição *a* e o DP que ocupa a posição de objeto direto. Suñer (1988), por sua vez, também propõe que os clíticos são gerados na base. Contudo, à diferença de Jaeggli, ela os considera morfemas oriundos da relação de concordância que se dá entre o verbo e o DP objeto. Esses morfemas (clíticos) não absorvem Caso, nem papel temático e não ocupam uma posição argumental.

Com respeito ao redobro de clíticos no PB atual, observamos que ainda não houve um tratamento teórico adequado que desse conta deste fenômeno. Os estudos que se têm são indiretos, uma vez que são utilizados como ponte para análise de um outro tema. Como vimos, Castilho (2004, 2005) usa o redobro sintático pronominal como uma ferramenta para analisar a formação das perífrases com *estar* e também para estudar o clítico locativo *en* e o dequeísmo das orações relativas no português

medieval. Gibrail (2003) descreve contextos de formação do acusativo preposicionado do português do século XVI ao XIX como forma variante do redobro de clíticos. As gramáticas da língua portuguesa, por sua vez, apenas mencionam brevemente este fenômeno. Oliveira (2006) arrola ocorrências de redobro no PB atual, mas na verdade seu estudo é sobre a cliticização do pronome reflexivo *se*. Nota-se, portanto, a necessidade de um estudo formal sobre o redobro de clíticos no português contemporâneo. Para tal, no próximo capítulo, temos por objetivo realizar uma detalhada descrição das ocorrências de redobro de pronomes clíticos no PB, via dialeto mineiro.

## CAPÍTULO 2

# O REDOBRO DE CLÍTICOS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Este capítulo tem por objetivo a apresentação dos dados do redobro de clíticos no PB atual, via dialeto mineiro. Nota-se que, em geral, o redobro de clíticos consiste na coocorrência de um pronome átono proclítico ao verbo, o qual mantém relação de correferência com um D/NP acusativo ou dativo em posição de argumento interno de um verbo transitivo da oração. Conforme apontam os dados, esta coocorrência de pronomes limita-se à primeira e à segunda pessoa do singular, ou seja, para que um D/NP seja redobrado no dialeto mineiro do PB ele deve carregar os traços [+EGO], [+TU]<sup>18</sup>.

O capítulo está organizado em três seções. Na seção 1.1, arrolaremos os dados coletados para esta pesquisa que nos permitirão visualizar as distintas realizações de redobro que o PB pode apresentar. Na seção 1.2, apresentaremos uma série de mudanças pelas quais o PB vem passando em seu sistema pronominal. Veremos as

---

<sup>18</sup> O pronome *você*, redobrado pelo pronome clítico *te*, carrega o traço [+TU] de segunda pessoa do discurso.

particularidades da gramática desta língua que condicionam a produção do redobro e, assim, trataremos nosso objeto de estudo como um epifenômeno da rede de mudanças que o PB vem apresentando. Por fim, na última seção, será apresentado o resumo deste capítulo.

## **2.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

Nesta seção, apresentamos os dados empíricos que mostram como são realizadas as construções com redobro de pronomes clíticos no PB, via dialeto mineiro. Os dados foram retirados do Corpus de Fala Belo Horizontina e do Corpus de Fala Ouro Pretana organizados pela professora Jânia Ramos. Foram consultados também o Corpus Oral de Itaúna-MG, coletado por Alan Jardel de Oliveira em 2006 e o Corpus de Venda Nova, organizado por Leonardo Araújo em 2007. Adicionalmente, ajudaram a formar o *corpus* desta pesquisa registros à oitiva, decorrentes de uma observação assistemática, de frases de conversas informais que apresentavam ocorrência do fenômeno. Passamos, a seguir, a apresentar os dados relevantes em contextos com verbos transitivos diretos e indiretos, de modo a tornar bem explícitas as situações sintáticas em que ocorre o redobro no PB.



## VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

- (1) Cê ia ajudar um camarada desse e se os camarada voltar e *te<sub>i</sub>* matar *você<sub>i</sub>* também?  
[Corpus de Fala Belo Horizontina]
- (2) Eu vou *te<sub>i</sub>* levá *ocê<sub>i</sub>* lá. [Corpus de Venda Nova]
- (3) Tenho uma cliente de sábado que num *me<sub>i</sub>* larga *eu<sub>i</sub>* de jeito nenhum. [Corpus de Venda Nova]
- (4) Teve aquela vez que o cara queria *me<sub>i</sub>* roubar *eu<sub>i</sub>*. [Corpus de Venda Nova]
- (5) Eles *te<sub>i</sub>* irrita *ocê<sub>i</sub>*. [Corpus de Venda Nova]
- (6) Toma conta desse carro direito senão eu vô *te<sub>i</sub>* prendê *ocê<sub>i</sub>*. [Corpus de Venda Nova]
- (7) Eu *te<sub>i</sub>* esperei *você<sub>i</sub>* um tempão. [Fala espontânea]
- (8) O João *me<sub>i</sub>* viu *eu<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (9) Foi essa doida que *me<sub>i</sub>* pôs *eu<sub>i</sub>* aqui. [Fala espontânea]
- (10) Igual outro dia que *me<sub>i</sub>* mandaram *eu<sub>i</sub>* pra reunião. [Fala espontânea]
- (11) Se você subir em cima de mim ce *me<sub>i</sub>* quebra *eu<sub>i</sub>* todinho [Fala espontânea]
- (12) O ônibus *me<sub>i</sub>* fechô *eu<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (13) Eu vou *te<sub>i</sub>* levar *você<sub>i</sub>* lá no carro. [Fala espontânea]
- (14) pode deixar que eu *te<sub>i</sub>* levo *você<sub>i</sub>* lá. [Fala espontânea]
- (15) Sua mãe vai *te<sub>i</sub>* busca *ocê<sub>i</sub>* amanhã. [Fala espontânea]
- (16) Vou *ti<sub>i</sub>* sungar *ocê<sub>i</sub>* lá em cima. [Fala espontânea]
- (17) Eu *te<sub>i</sub>* amo *ocê<sub>i</sub>*, sá, cê sabe disso. [Fala espontânea]
- (18) Professora, eu vou fazer um abaixo-assinado pra *te<sub>i</sub>* tirar *ocê<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]

## VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

- (19) Ah... é eu era menina não tinha meio de ninguém *me<sub>i</sub>* tratá *de mim<sub>i</sub>* né. [Corpus de Fala Ouro Pretana]
- (20) E ele foi e brigou comigo e *me<sub>i</sub>* deu três voadora *ni mim<sub>i</sub>*. [Corpus de Fala Ouro Pretana]
- (21) Porque o moço me tinha *me<sub>i</sub>* falado *comigo<sub>i</sub>*. [Corpus de Fala Ouro Pretana]

- (22) Deixa eu *te<sub>i</sub>* falar *com cê<sub>i</sub>*; um negócio sério. [Corpus de Fala Ouro Pretana]
- (23) entao num assalto o rapaz chegou *me<sub>i</sub>*; colocou *em mim<sub>i</sub>*; o revolver teve tiro.  
[Corpus Oral de Itaúna-MG]
- (24) Eu num vou *te<sub>i</sub>* falar *com você<sub>i</sub>*; que se você vier... [Corpus Oral de Itaúna-MG]
- (25) Eu *te<sub>i</sub>* falo *com ocê<sub>i</sub>*. [Corpus de Venda Nova]
- (26) Qué me matá me mata, mas num *me<sub>i</sub>*; faz isso *comigo<sub>i</sub>*; não. [Corpus de Venda Nova]
- (27) Uma coisa eu vou *te<sub>i</sub>*; falá *com ocê<sub>i</sub>*. [Corpus de Venda Nova]
- (28) Eu vou *te<sub>i</sub>*; contá *pro ocê<sub>i</sub>*; um pouquim da minha vida. [Corpus de Venda Nova]
- (29) Ela deu um jeito de *me<sub>i</sub>*; encontrar *comigo<sub>i</sub>*. [Corpus de Venda Nova]
- (30) O funcionário... ah... ele *me<sub>i</sub>*; perguntou *pra mim<sub>i</sub>*; se eu trouxe os documentos.  
[Fala espontânea]
- (31) Eu *te<sub>i</sub>*; dei o desconto *procê<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (32) Essa caneta, *me<sub>i</sub>*; empresta *pra mim<sub>i</sub>*? [Fala espontânea]
- (33) Por que vocês não *me<sub>i</sub>*; dão esse bebê *prá mim<sub>i</sub>*? [Fala espontânea]
- (34) Eu *te<sub>i</sub>*; trouxe o livro *procê<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (35) Então eu aguardo ele *me<sub>i</sub>*; falá *comigo<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (36) Não vá *me<sub>i</sub>*; esquecer *de mim<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (37) *Me<sub>i</sub>*; judiaram muito *de mim<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (38) Êz *me<sub>i</sub>*; ligô *pra mim<sub>i</sub>*; lá pra casa. [Fala espontânea]
- (39) *Me<sub>i</sub>*; dá o bisturi *pra mim<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (40) *Me<sub>i</sub>*; perguntou *pra mim<sub>i</sub>*; quais são os adjetivos. [Fala espontânea]
- (41) Eu tô *te<sub>i</sub>*; falando isso *procê<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (42) *Ti<sub>i</sub>* ligo *procê<sub>i</sub>*; amanhã, pode? [Fala espontânea]
- (43) Menino, eu vou *te<sub>i</sub>*; bater *nocê<sub>i</sub>*. [Fala espontânea]
- (44) Mas eu nem *te<sub>i</sub>*; converso *com cê<sub>i</sub>*... [Fala espontânea]
- (45) Eu tenho que *te<sub>i</sub>*; explicá *procê<sub>i</sub>*; uma coisa [Fala espontânea]
- (46) Eu *te<sub>i</sub>*; mostrei a foto dele *procê<sub>i</sub>*; num mostrei? [Fala espontânea]

Vejam que os dados do dialeto mineiro arrolados acima mostram a ocorrência de redobro pronominal somente com a primeira e com a segunda pessoa do singular,

tanto em posição de objeto direto como na posição de objeto indireto. É importante notar também que as ocorrências de redobro acusativo não apresentam preposição – fato que distingue radicalmente o PB de outras línguas românicas, particularmente do espanhol<sup>19</sup>. Outra característica própria do redobro do PB, via dialeto mineiro, é a coocorrência dos pronomes *te* e *você*. Como se sabe, o pronome *você* tem um estatuto ambíguo, pois embora faça referência à segunda pessoa do discurso, engatilha a concordância verbal de terceira pessoa. Dessa maneira, a coocorrência do DP *você* com o pronome oblíquo de segunda pessoa *te* é uma particularidade do redobro do PB que também o distingue de outras línguas do Romance.

Já em relação à terceira pessoa, observa-se que a ocorrência de redobro com os clíticos *o(s)/a(s)/lhe(s)* é bastante rara no momento atual. Uma hipótese que podemos conjecturar é que este fato, possivelmente, deve-se ao enfraquecimento (referencial) ou reanálise deste tipo de clítico no PB contemporâneo, conforme se vê pela estranheza que as frases seguintes podem causar a alguns falantes atuais, apesar de não serem agramaticais:

(47a) (?) Vi-*o*<sub>i</sub> a *ele*<sub>i</sub>.

(47b) (?) Dei-*lhe*<sub>i</sub> o presente a *ele*<sub>i</sub>.

---

<sup>19</sup> Em qualquer dialeto do espanhol um objeto pronominal deve ser redobrado e antecedido pela preposição *a*. No PB, objetos pronominais, quando redobrados, podem não apresentar preposição.

Embora frases como (47a) e (47b) sejam excluídas do dialeto mineiro, Oliveira (2006) apresenta dois exemplos de redobro com pronome de terceira pessoa do singular, encontrados no dialeto nordestino.

(48) Ah, o meu relacionamento com meu filho eu eu [go] eu só gosto mais de educar. Não deixa-**lo<sub>i</sub>**; **ele<sub>i</sub>** correr na rua, não se juntar com amigo... (OLIVEIRA, 2005, p. 419)

(49) O Antônio Arroz deu-**lhe<sub>i</sub>**; um chute **nele<sub>i</sub>**. (OLIVEIRA, 2005, p. 420)

Conforme apresentado na seção 1.2.4 do Capítulo 1, neste dialeto observa-se ainda redobro do pronome reflexivo *se*, como se pode ver pelos exemplos seguintes:

(50) Bem, Josiane teve um bocado duente. Teve uma uma veí qui **se<sub>i</sub>**; internou-**se<sub>i</sub>**, mais era uma dor nas pernas... (OLIVEIRA, 2005, p. 417)

(51) Apitei o botão o o rapaz tava dormindo **se<sub>i</sub>**; acordou-**se<sub>i</sub>**; veio me atender. (OLIVEIRA, 2005, p. 417)

De um ponto de vista de falante ideal, poderíamos considerar também como gramaticais frases como (52a) e (52b), a seguir:

(52a) O professor **nos<sub>i</sub>** felicitou **a todas nós<sub>i</sub>**.

(52b) O professor **os<sub>i</sub>** felicitou **a eles<sub>i</sub>**.

Contudo, como ocorrências como estas não foram encontradas nos *corpora* consultados, nos limitaremos a dizer que o dialeto mineiro do PB apresenta redobro com primeira e segunda pessoas do singular.

Nas próximas subseções, apresentaremos ocorrências de redobro em contextos gramaticais mais específicos, quais sejam: construções com marcação excepcional de Caso, *small clause* e alternância de dativo. Todos estes contextos fornecem

evidências de que o PB estaria acionando formas pronominais homófonas cujo Caso dependeria do ambiente sintático em que ocorrem.

### 2.1.1. REDOBRO EM CONTEXTOS DE MARCAÇÃO EXCEPCIONAL DE CASO

Além dos contextos arrolados na seção anterior, notamos a ocorrência de redobro de clíticos em construções de marcação excepcional de Caso (ECM)<sup>20</sup>, conforme ilustram as sentenças de (53) a (63).

- (53) e ela que *ti<sub>i</sub>* pediu *pra você<sub>i</sub>*; vim o você veio porque quis? [Corpus de Fala Belo Horizontina]
- (54) ela *me<sub>i</sub>* pediu *pra eu<sub>i</sub>*; vim..." [Corpus de Fala Belo Horizontina]
- (55) E não tinha nada que *me<sub>i</sub>* fazia *eu<sub>i</sub>* ir pra escola. [Corpus de Fala Belo Horizontina]
- (56) *Me<sub>i</sub>* deu o terreno *pra mim<sub>i</sub>*; mora [Corpus de Fala Ouro Pretana]
- (57) Vou *te<sub>i</sub>*; dá *procê<sub>i</sub>*; lê. [Corpus de Venda Nova]
- (58) Eu *te<sub>i</sub>*; pedi *procê<sub>i</sub>*; olhar pra mim uma previsão de aumento do condomínio [Fala espontânea]
- (59) Desse jeito ocê *me<sub>i</sub>* faz *eu<sub>i</sub>* voltar pra roça. [Fala espontânea]
- (60) Não tem sentido ele *te<sub>i</sub>*; pedi *procê<sub>i</sub>*; copiá. [Fala espontânea]
- (61) Eu *te<sub>i</sub>*; falei *procê<sub>i</sub>*; levar seu gravador no Odilon. [Fala espontânea]
- (62) Agora *me<sub>i</sub>* deixa *eu<sub>i</sub>* dormir. [Fala espontânea]
- (63) E o orientador falou pro meu namorado: vou *te<sub>i</sub>*; deixar *você<sub>i</sub>*; cursar quatro (períodos) [Fala espontânea]

---

<sup>20</sup> Em construções de EMC, um Caso pode ser atribuído excepcionalmente por um núcleo lexical [-N] a um DP que não é o seu complemento temático (cf. MIOTO *et al.*, 1999, p. 28).

O que parece curioso nestes dados é que os sujeitos das orações encaixadas, realizados pelos pronomes *eu, mim, você* e *ocê*, têm seus traços redobrados por meio de um clítico que se encontra adjungido ao verbo da sentença matriz. Pesetsky e Torrego (2001) propõem que T<sup>o</sup> de sentenças finitas, em geral, é o núcleo responsável por atribuir Caso nominativo. Por esta razão, consideramos que o núcleo não finito das sentenças encaixadas nos dados de (53) a (63), não estará apto a atribuir o Caso nominativo aos pronomes *eu, mim, você* e *ocê*, constituindo, assim, um tipo de redobro em contexto de Marcação Excepcional de Caso (EMC). Dessa maneira, assumiremos que o pronome que ocorre na posição sintática de sujeito das sentenças encaixadas de (53) a (63) recebe Caso estrutural, excepcionalmente, do verbo e da preposição da oração matriz.

### **2.1.2. REDOBRO EM CONTEXTOS DE *SMALL CLAUSES***

Durante a coleta dos dados encontramos ainda construções com redobro de clíticos em contextos de *small clause*<sup>21</sup> (doravante SC). Nestas estruturas, observa-se que os DPs sujeitos recebem Caso de um núcleo externo, uma vez que esta necessidade não pode ser suprida dentro da SC, conforme se pode constatar a partir dos exemplos (64), (65) e (66) a seguir:

---

<sup>21</sup> Estrutura quase sentencial que contém uma predicação sem englobar um verbo. (cf. MIOTO *et al.*, 1999, p. 129).

- (64) Você *me<sub>i</sub>* deixô [*eu<sub>i</sub>* um pouquinho preocupada], que ce falo assim: Ah dona Didi, ta, [Corpus de Fala Belo Horizontina]
- (65) Ele *te<sub>i</sub>* considera [*você<sub>i</sub>* muito esperta]. [Fala espontânea]
- (66) Se você fizer assim (segurar o elevador com a mão) ele vem e *te<sub>i</sub>* machuca [*ocê<sub>i</sub>* toda]. [Fala espontânea]

Vejam que o fato curioso que o PB atual desenvolve é o acionamento de formas homófonas para os pronomes tanto com o Caso nominativo quanto com o Caso acusativo. Isso fica particularmente evidenciado pelo fato de as formas *eu*, *você* e *ocê*, ocorrentes nos dados de (64) a (66), receberem Caso acusativo a partir da marcação excepcional de Caso de um núcleo externo à SC (no caso em tela, dos verbos *deixar*, *considerar* e *machucar*). No português atual, as formas *eu* e *você* podem estar marcadas com o traço de Caso nominativo ou acusativo, dependendo do contexto sintático.

### 2.1.3. REDOBRO EM CONTEXTOS DE ALTERNÂNCIA DE DATIVOS

Os dados coletados também mostram uma curiosa possibilidade de ocorrência de redobro de clíticos em contextos nos quais o DP que recebe o Caso dativo vem sem a preposição, conforme as sentenças a seguir:

- (67) Ele me falou assim: oh primo, vem cá que eu vou *te<sub>i</sub>* mostrar *ocê<sub>i</sub>* um negócio. [Corpus de Fala Ouro Pretana]
- (68) Ah eu vô *te<sub>i</sub>* ensina *ocê<sub>i</sub>* broa de fubá. [Corpus de Fala Ouro Pretana]
- (69) mas voce faz pra mim que eu *te<sub>i</sub>* dou *voce<sub>i</sub>* tanto [Corpus Oral de Itaúna-MG]

(70) Vamos lá que eu vou *te*<sub>i</sub> mostrar *ocê*<sub>i</sub> o sofá. [Fala espontânea]

Nos exemplos acima, os pronomes *você* / *ocê* estão recebendo Caso dativo, mas em outros contextos estes mesmos itens podem receber Caso nominativo ou acusativo. Portanto, as estruturas de alternância de dativo no PB também nos levam a observar que o PB está permitindo a ocorrência de formas pronominais homófonas, cujo Caso estrutural a ser atribuído dependerá do contexto sintático em que figuram.

## **2.2. O REDOBRO NO PB E AS MUDANÇAS RELATIVAS AO SEU SISTEMA PRONOMINAL**

Ao compararmos os períodos medieval e clássico, por um lado, e o atual<sup>22</sup>, por outro, observamos uma significativa mudança com respeito à realização do redobro de pronomes clíticos na língua portuguesa. Conforme nos mostram os dados apresentados na seção 2.1, o PB atual, via dialeto mineiro, apresenta estruturas de redobro apenas com pronomes de primeira e segunda pessoa do singular em posição de objeto. Já no português dos períodos medieval e clássico, esta ocorrência era muito menos restrita, visto que era possível a presença de clíticos acusativos e dativos em contextos mais amplos. Havia clíticos redobrando os traços de pronomes pessoais, de

---

<sup>22</sup> É importante lembrar que este não é um estudo diacrônico sobre o redobro de clíticos. A menção aos períodos medieval e clássico, no capítulo anterior, serve como uma ferramenta a mais para que se possa entender o redobro atual como parte (ou consequência) de um fenômeno mais amplo pelo qual tem passado o PB: a reformulação de seu paradigma pronominal.



pronomes de tratamento em segunda pessoa, de sintagmas nominais e também do pronome indefinido *todos*<sup>23</sup>.

As mudanças pelas quais vem passando a língua portuguesa, desde o período medieval ao período atual, permitiriam formular como hipótese inicial que a maneira pela qual o redobro de clíticos no PB se apresenta no momento sincrônico está, possivelmente, conectada com uma série de outras mudanças gramaticais que vêm afetando seu paradigma pronominal, a saber:

- i) ocorrência de pronomes átonos do Caso acusativo, na posição de objeto, para a primeira e segunda pessoas do singular apenas e "a ausência de clíticos para todas as outras pessoas" (GOMES, 2003, p. 87 e 89);
- ii) predomínio do lexema *a gente* em lugar de *nós* entre adultos e crianças tanto na função de complemento como na de sujeito (OMENA, 2003, p. 63);
- iii) reinterpretação do pronome *te*, passando a referir-se à "segunda pessoa indireta", gramaticalizada sob a forma *você* (GALVES, 2001, p.155);
- iv) reanálise do pronome *lhe* como pronome de tratamento correspondente a *você* (GALVES, 2001, p. 139);
- v) cliticização dos pronomes fortes ou redução na forma de alguns pronomes como *eu*>*ô*, *você(s)*>*ocê(s)*>*cê(s)*, *ele*>*el*, *ei*, *eles*>*es*, *eis* (cf. CIRÍACO, VITRAL e REIS, 2004; CORRÊA, 1998; VITRAL, 1996, 2001, 2002).

---

<sup>23</sup> Ver seções 1.2.2 e 1.2.3, do Capítulo 1.

vi) possibilidade de alternância de dativo (cf. GOMES, 2003) que acionaria o uso de formas pronominais homófonas para nominativo, acusativo e dativo.

### 2.2.1. REFORMULAÇÃO DO SISTEMA PRONOMINAL

Em conformidade com Celso Cunha e Cintra (2001, p. 277), podemos considerar que o PB não-contemporâneo disponibilizava as seguintes formas para os pronomes pessoais:

TABELA (1)

#### PRONOMES PESSOAIS DO PORTUGUÊS SEGUNDO A GRAMÁTICA TRADICIONAL

	Pessoa	Pronomes Pessoais Retos	Pronomes Pessoais Oblíquos Átonos	Pronomes Pessoais Oblíquos Tônicos
Singular	1 <sup>a</sup>	eu	me	mim, comigo
	2 <sup>a</sup>	tu	te	ti, contigo
	3 <sup>a</sup>	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1 <sup>a</sup>	nós	nos	nós, conosco
	2 <sup>a</sup>	vós	vos	vós, convosco
	3 <sup>a</sup>	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Os pronomes de primeira e segunda pessoa apresentam algumas diferenças com respeito aos pronomes de terceira pessoa, a saber:

- (i) têm origem latina distinta,
- (ii) não apresentam distinção casual morfológica entre acusativo e dativo, tal como ocorre com os pronomes de terceira pessoa.

Segundo Silva Neto (1986), os pronomes de primeira e segunda pessoas procedem dos pronomes tônicos latinos. A série átona procede do acusativo e a tônica procede do nominativo e do dativo, conforme a tabela (2) a seguir:

TABELA (2)

**ORIGEM LATINA DOS PRONOMES DE 1<sup>A</sup> E 2<sup>A</sup> PESSOAS DO PORTUGUÊS**

EGO > eu	ME > me	MIHI > mim	NOS > nós, nos
TU > tu	TE > te	TIBI > ti	VOS > vós, vos

Os pronomes de terceira pessoa, por sua vez, originam-se do demonstrativo, conforme a tabela (3):

TABELA (3)

**ORIGEM LATINA DOS PRONOMES DE 3<sup>A</sup> PESSOA DO PORTUGUÊS**

ILLE > ele	ILLU > o	ILLI > lhe
ILLA > ela	ILLA > a	ILLIS > lhes

O paradigma pronominal do PB contemporâneo difere do paradigma proposto na Tabela (1), visto que operam-se algumas mudanças no sistema. De acordo com Galves (2001, p. 155), o clítico de 3ª pessoa *o/a* não é mais produzido pela gramática do PB, sendo, então, substituído pelo pronome *ele/ ela/ você* ou pelo objeto nulo<sup>24</sup>. Para a autora (*op.cit.*, p. 141), os pronomes acusativos de 3ª pessoa “não pertencem mais à competência dos falantes desenvolvida na fase de aquisição natural da língua”. Como este parâmetro é atualizado fora do processo de aquisição, observa-se uma reorganização do paradigma pronominal do PB, cuja representação poderia ser formalizada da seguinte maneira:

TABELA (4)

**PROPOSTA DE REFORMULAÇÃO DO PARADIGMA PRONOMINAL DO PB**

	Pessoa	Nominativo	Acusativo	Dativo
Singular	1 <sup>a</sup>	eu	me, eu	mim, comigo, eu
	2 <sup>a</sup>	tu, você	te, lhe, você, tu	ti, contigo, lhe, você, tu
	3 <sup>a</sup>	ele, ela	ele, ela	ele, ela
Plural	1 <sup>a</sup>	nós, a gente	nos, nós, a gente	nós, conosco, a gente
	2 <sup>a</sup>	vocês	vocês, lhes	vocês
	3 <sup>a</sup>	eles, elas	eles, elas	eles, elas

<sup>24</sup> Sobre a substituição do pronome acusativo pelo nominativo, Câmara (1975, p. 48) afirma o seguinte: “[...] um traço geral típico do português oral de todos os níveis sociais do Brasil, só o evitamos em certas situações nas quais aquele que fala sente toda sua responsabilidade de homem instruído e, mesmo assim, ele não chega sempre a eliminá-lo de todo.”

A proposta apresentada na Tabela (4) coincide com o resultado da pesquisa de Gomes (2003, p. 87 e 89), que revela a ocorrência de pronomes átonos do Caso acusativo para a primeira e segunda pessoas do singular apenas e "a ausência de clíticos para todas as outras pessoas". Segundo esta análise, os pronomes de primeira pessoa apresentam maior resistência à mudança, especialmente o clítico *me* devido, provavelmente, ao estigma de certos dialetos sobre a forma *eu* em posição de objeto. Todavia, os dados de redobro do dialeto mineiro mostram que a forma *eu* da primeira pessoa do singular pode aparecer em posição de objeto, conforme ilustram os dados a seguir:

- (71) Faz as criança feliz e *me<sub>i</sub>* faz *eu<sub>i</sub>* feliz. [Reportagem do programa Via Brasil, Globo News, exibido em 11/02/06]
- (72) Você *me<sub>i</sub>* deixô *eu<sub>i</sub>* um pouquinho preocupada, que ce falo assim: Ah dona Didi, ta, [Corpus de Fala Belo Horizontina]
- (73) Foi essa doida que *me<sub>i</sub>* pôs *eu<sub>i</sub>* aqui. [Fala espontânea]
- (74) Igual outro dia que *me<sub>i</sub>* mandaram *eu<sub>i</sub>* pra reunião. [Fala espontânea]

Já o pronome *nos*, quando em posição de objeto, alterna com a forma *a gente*. Segundo Omena (2003, p. 63), esta forma predomina entre adultos e crianças tanto na função de complemento como na de sujeito. Além disso, o item *a gente* só se identifica com o pronome *nós* no significado dado que, em uma oração, engatilha a concordância de terceira pessoa gramatical no verbo. O pronome *te*, por sua vez, é reinterpretado, passando a referir-se à “segunda pessoa indireta”, gramaticalizada sob a forma *você*. O pronome *lhe* é reanalisado como pronome de tratamento correspondente a *você* (GALVES, 2001, p. 155 e 139).

Com respeito à forma do objeto, Ramos (1992) aponta uma importante mudança que está em processo no PB. Segundo a autora, há uma tendência de que o DP objeto se realize por meio de uma categoria vazia; por meio de um pronome lexical; por meio de DP pleno; ou ainda por meio de um pronome clítico. Esta seqüência indica uma ordem hierárquica de realização do DP objeto em que os falantes estariam preferindo cada vez mais o uso de categoria vazia ou de pronome lexical na posição de objeto e estariam abandonando o uso do clítico. O uso de pronome não-clítico em função de objeto direto não é uma característica única do PB. Outras línguas românicas como o espanhol e o português europeu (PE) o permitem, mas de uma maneira bastante restritiva, pois exigem a reduplicação do objeto por meio de um clítico acusativo acompanhado da preposição *a*, conforme se vê pelos exemplos abaixo:

(75) *Lo vi a él.*

(76) *Vi-o a ele.*

Galves (2001, p. 162) aponta ainda línguas como o italiano e o francês que permitem a ocorrência deste tipo de pronome em posição de objeto sem a reduplicação do clítico desde que o pronome seja o foco (constitua uma informação nova) e tenha obrigatoriamente um referente [+HUMANO], como se pode ver a seguir:

ITALIANO

(77) *ho visto lui*

FRANCÊS

(78) *j'ai vu lui.*

O redobro com objeto indireto também é permitido no PE e no espanhol, como nos mostram as frases retiradas de Morais e Berlinck (2006):

(79) Disse-*lhe<sub>i</sub> a ele<sub>i</sub>*.

(80) *Le<sub>i</sub> dijo a él<sub>i</sub>*.

As autoras explicam que frases como as de (79) e (80) não ocorrem no PB devido à natureza do clítico dativo de terceira pessoa. Nesta língua, os clíticos dativos *lhe*, *les* seriam gerados em uma posição argumental, o que explicaria a ausência do redobro nos contextos em que esses clíticos figuram. Nesse sentido, haveria uma "distribuição complementar entre a forma clítica (*lhe*) e a plena (a-DP) do argumento dativo" no PB.

### **2.2.2. REDUÇÃO OU CLITICIZAÇÃO DE PRONOMES**

Pode-se observar no PB a redução na forma de alguns pronomes do Caso nominativo como *eu*>*ô*, *você(s)*>*ocê(s)*>*cê(s)*, *ele*>*el*, *ei*, *eles*>*es*, *eis* (cf. CIRÍACO, VITRAL e REIS, 2004; CORRÊA, 1998; KATO, 1999, VITRAL, 1996, 2001, 2002). Esta redução nos permitiria analisá-los como clíticos em diferentes estágios do processo de gramaticalização.

Vitral (1996), acompanhando interessantes intuições da teoria da gramaticalização, conforme Hopper e Traugott (1993), argumenta a favor da

mudança do estatuto gramatical do item *você*, o qual estaria passando de pronome pleno a clítico. Conforme Vitral e Ramos (1999, p. 57), a concorrência entre *você* e *cê* representaria "um processo de cliticização que [...] faria parte de um processo mais geral de gramaticalização".

Já a redução da forma *eles>es* foi atestada foneticamente tanto pelo parâmetro da duração quanto pelo da intensidade por Ciríaco, Vitral e Reis (2004). Contudo, de acordo com Vitral (2001a, p. 64), esta forma se diferirá de *cê*, pois, contrariamente a esta última, é possível que a forma *eles>es* apareça em posição de objeto e de complemento de preposições (posições próprias para pronomes tônicos). Este contraste é apresentado em (81):

(81a) Aí eu falei *pra es* que aquilo estava super errado. (VITRAL, 2001b, p. 17)

(81b) Eu falei *\*pra cê*... (VITRAL e RAMOS, 2006, p. 32)

A ocorrência de pronomes fracos retomando DPs em posição de tópico e de foco seria mais um argumento para reforçar a hipótese do percurso de cliticização dos pronomes nominativos, os quais passam de formas livres a clíticos. Ramos (1997, p. 56) realizou um estudo sobre as formas *você*, *ocê* e *cê* no dialeto mineiro e verificou que a variante *cê* ocorreu em 88% dos casos retomando sintagmas em posição estrutural de tópico, como no seguinte exemplo:

(82) Vocês<sub>i</sub> .....cês<sub>i</sub> aprontam a maior bagunça.

O surgimento de formas fracas clíticas na posição de Spec-TP para retomar XPs na periferia esquerda da sentença pode estar conectado com fato de o PB ser uma



língua que está deixando de acionar o parâmetro [+pro drop]. Consoante Castilho (2005, p. 236), isto é o que, possivelmente, justifica o fato de o PB acionar um paradigma de pronomes fracos que começam a ocupar a posição estrutural de sujeito, i.e., Spec-TP. Segundo esta análise, tais pronomes teriam a função de duplicar os pronomes fortes que ocupam a posição de tópico, resultando, assim, em estruturas com redobro de sujeitos, conforme ilustram os exemplos retirados de Kato (1999, p. 14):

(83) VOCÊ<sub>i</sub>, .....cê<sub>i</sub> não me pega!

(84) EU<sub>i</sub>, ..... ô<sub>i</sub> adoro isso.

Segundo Oliveira (2005, 2006), a duplicação do sujeito é uma estratégia bastante comum no PB e motiva ou serve como modelo para o redobro de clíticos. A constatação da possibilidade de ocorrência de redobro em outras posições sintáticas coaduna-se com nossa intuição de que o lugar de inserção de traços-phi pode variar. Conforme veremos em nossa proposta teórica, clíticos são cópias de traços-phi do D/NP<sub>OBJETO</sub> inseridas após o Spell-Out e que, por não participarem da sintaxe estrita, não estariam obrigados a figurar em uma única posição sintática.

### 2.2.3. ALTERNÂNCIA DE DATIVO

Outro fato que possivelmente está relacionado aos processos que afetam a reorganização do paradigma pronominal do PB, conforme afirma Gomes (2003, p. 86-87), é a alternância de dativo. Em línguas que disponibilizam este tipo de estrutura, o dativo pode ser expresso mediante construções com presença ou ausência de preposição. Nascentes (1953) registrou a possibilidade de ocorrência de complementos verbais indiretos sem preposição no PB. Este processo sintático de alternância na realização do dativo implica no apagamento *in situ* da preposição, conforme indicam estes exemplos:

(85) E pede um comprovante ao presidente do morro né? Pede [ ] o seu Aurino, pede um comprovante [ ] ele. (GOMES, 2003, p. 84)

(86) Eu falaria com o João para dar um emprego melhor [ ] o meu filho. (GOMES, 2003, p. 85)

Conforme apresentado na seção 2.1.3, a alternância de dativo também pode ocorrer em contextos de redobro:

(87) falei na frente da mãe dele eu *te<sub>i</sub>* dou *você<sub>i</sub>* duas oportunidade duas sugestão...  
[Corpus oral de Itaúna-MG]

(88) Ontem ele *me<sub>i</sub>* pediu *eu<sub>i</sub>* o livro. [Fala espontânea]

A seção 2.2 e suas subseções nos permitiram considerar as características que o redobro no PB apresenta como peculiaridades oriundas das inovações gramaticais que esta língua vem desenvolvendo. Estas mudanças distinguem o PB das outras

línguas românicas em geral e nos permitem rotular nosso objeto de estudo como um epifenômeno decorrente da reformulação pronominal no PB.

### 2.3. RESUMO DO CAPÍTULO

A partir da descrição do redobro de pronomes clíticos no PB, via dialeto mineiro, realizada neste capítulo, constatamos que este fenômeno apresenta características bastante peculiares, que o distingue das outras línguas românicas em geral, a saber:

- (i) permite o redobro de um D/NP<sub>ACC</sub> (e em alguns casos de D/NP<sub>DAT</sub>) não antecedido por preposição;
- (ii) ocorre com D/NP<sub>OBJETOS</sub> que carreguem os traços-phi [+EGO], [+TU].
- (iii) o DP *você* aparece redobrado pelo pronome oblíquo de segunda pessoa *te*.

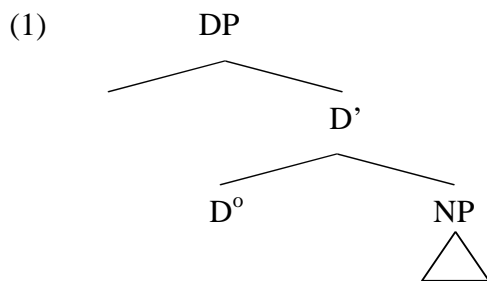
Estas características são uma consequência direta das novas maneiras por meio das quais o PB vem realizando os traços-phi no momento atual. Para que se pudesse compreender porque o redobro de clíticos, que era bastante amplo nas épocas medieval e clássica, encontra-se atualmente tão restringido, apresentamos as mudanças referentes ao paradigma pronominal no PB como fator condicionante de sua produção. Este fato seria mais uma evidência a favor da hipótese de que nosso objeto de estudo não é um fenômeno isolado, mas enquadra-se numa rede de mudanças mais amplas que o PB atual exhibe.

## CAPÍTULO 3

### **SOBRE O IMPORTE SEMÂNTICO-SINTÁTICO DO OBJETO REDOBRADO**

Durante nossa pesquisa, temos observado que o redobro de pronomes clíticos impõe pesadas restrições quanto ao importe semântico-sintático do sintagma que será ou não redobrado. Nesta linha de investigação, partiremos da hipótese que o redobro será ou não licenciado mediante um feixe de traços que este D/NP deverá apresentar, a saber: [+REFERENCIAL], [+ESPECÍFICO] e [+DEFINIDO]. Esta proposta se sustenta a partir da constatação de que, em PB, espanhol, romeno e grego, o objeto redobrado deve, necessariamente, dispor de alguns ou de todos estes traços, dependendo dos contextos que apresentaremos neste capítulo.

Além disso, postularemos que um objeto será redobrado desde que não seja um NP nu, i.e., desde que seja projetado um nível funcional, o qual vem, em geral, instanciado pela categoria DP, conforme a configuração a seguir:



Sendo assim, o principal objetivo deste capítulo será identificar o ambiente lingüístico no qual o redobro se realiza a partir de uma análise interlingüística.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: na seção 3.1, investigaremos as peculiaridades do objeto redobrado no PB, no espanhol, no romeno e no grego. A partir da caracterização destas construções de redobro, discutiremos, na seção 3.2, o estatuto semântico do D/NP. Logo, na seção seguinte, investigaremos qual o requerimento sintático para que o redobro se realize, e, finalmente, na última seção, apresentaremos o resumo do capítulo.

### **3.1. O OBJETO REDOBRADO NO PB, NO ESPANHOL, NO ROMENO E NO GREGO**

Nesta seção, examinaremos as características gramaticais que deve apresentar um sintagma para que seja redobrado no PB, no espanhol, no romeno e no grego. A investigação das ocorrências de redobro nestas línguas, possivelmente, sinalizará para a gramática qual o importe semântico-sintático que um objeto deverá apresentar para

poder participar de construções com redobro. Partiremos da hipótese de que um complemento verbal para ser redobrado não pode ser um NP nu, deve ser sempre [+REFERENCIAL] e precisa fazer menção a um elemento previamente dado no contexto pragmático-discursivo.

### 3.1.1. O REDOBRO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

De acordo com a descrição desenvolvida no Capítulo 2 sobre o redobro de clíticos no PB, via dialeto mineiro, o objeto redobrado deve apresentar os traços [+EGO] [+TU] conforme exemplos seguintes:

- (2) Igual otro dia que *me<sub>i</sub>* mandaram *eu<sub>i</sub>* pra reunião. [Fala espontânea]
- (3) Cê ia ajudar um camarada desse e se os camarada voltar e *te<sub>i</sub>* matar *você<sub>i</sub>* também? [Corpus de Fala Belo Horizontina]
- (4) entao num assalto o rapaz chegou *me<sub>i</sub>* colocou *em mim<sub>i</sub>*; o revolver teve tiro [Corpus Oral de Itaúna-MG]
- (5) eu num vou *te<sub>i</sub>* falar *com voce<sub>i</sub>*; que se voce vier [Corpus Oral de Itaúna-MG]

Estes dados<sup>25</sup> nos permitiriam considerar que no PB, o D/NP redobrado é inerentemente [+HUMANO], pois carrega os traços [+EGO, +TU] e necessariamente [+DEFINIDO], uma vez que os pronomes *eu* e *você* são participantes ativos numa instância discursiva, ou seja, são elementos atuantes e evidentes no ato de

---

<sup>25</sup> Ver Capítulo 2 para uma descrição mais detalhada do redobro no dialeto mineiro do PB.

enunciação<sup>26</sup>. Segundo Suñer (1989), pronomes pessoais em posição de argumento se referem a uma pessoa definida e são, portanto, [+ESPECÍFICOS]. Logo, assumiremos que os D/NPs redobrados em PB são sensíveis aos traços [[+EGO, +TU] [+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]].

### **3.1.2. O REDOBRO NO ESPANHOL**

O redobro na língua espanhola, se comparado ao redobro no PB, apresenta menos restrições quanto à natureza do D/NP redobrado<sup>27</sup>. Nesta subseção, veremos, de uma maneira geral, quais são os DPs que podem ou não ser redobrados por clíticos pronominais.

#### **3.1.2.1. REDOBRO DE OBJETO DIRETO**

De acordo com Bleam (1999)<sup>28</sup>, Suñer (1988) e outros, apenas objetos diretos que carregam o importe semântico [+ESPECÍFICO] podem ser redobrados. O traço

---

<sup>26</sup> Benveniste (1988) divide as pessoas gramaticais em duas categorias: “pessoa” (eu / tu) e “não pessoa” (ele)

<sup>27</sup> Conforme veremos mais adiante, em espanhol, o argumento redobrado deve ter uma configuração sintática de DP e não pode ser um NP nu.

<sup>28</sup> “Only direct objects that are interpreted as specific can be doubled.” (BLEAM, 1999, p. 115)



[+DEFINIDO] também condiciona a produção do redobro. Por conseguinte, nomes e NPs [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]] (animados ou inanimados) poderão participar de uma construção com redobro, conforme ilustram os dados dos dialetos rio-platense e portenho a seguir:

(6) *Lo<sub>i</sub> vi a Juan<sub>i</sub>.* (JAEGGLI, 1986, p. 164)

*O<sub>i</sub> vi a Juan<sub>i</sub>.*

“Vi o Juan.”

(7) Yo *lo<sub>i</sub>* voy a comprar *el diario<sub>i</sub>* justo antes de subir. (SUÑER, 1988, p. 180)

Eu *o<sub>i</sub>* vou comprar *o jornal<sub>i</sub>* imediatamente antes de subir.

“Vou comprar o jornal imediatamente antes de subir.”

(8) *Lo<sub>i</sub>* vamos a empujar *al ómnibus<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p. 180)

*O<sub>i</sub>* vamos empurrar *ao ônibus<sub>i</sub>*.

“Vamos empurrar o ônibus”

(9) Yo *la<sub>i</sub>* tenía prevista *esta muerte<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p. 180)

Eu *a<sub>i</sub>* tinha prevista *esta morte<sub>i</sub>*.

“Eu tinha esta morte prevista.”

(10) *Lo<sub>i</sub>* quiero mucho *a este arbolito<sub>i</sub>* porque me lo regaló mamá. (SUÑER, 1988, p.180)

*A<sub>i</sub>* quero muito *a esta arvorezinha<sub>i</sub>* porque me a deu de presente mamãe.

“Quero muito esta arvorezinha porque a mamãe me deu ela de presente.”

Adicionalmente, observa-se que DPs objetos pronominais, como em (11), devem ser redobrados em todos os dialetos.

(11) *Lo<sub>i</sub> vi a él<sub>i</sub>.*

*O<sub>i</sub> vi a ele<sub>i</sub>.*

“Vi ele.”

Quando se tem em posição de objeto um quantificador como *todo(s) / toda(s)* pode haver redobro, conforme sinalizam as sentenças em (12) e (13), desde que este quantificador não seja modificado por um demonstrativo neutro como *esto* (isto) / *aquello* (aquilo), como ocorre na sentença (14).

- (12) (Aún no puedo creer que) *nos<sub>i</sub>* condecoraron *a todas nosotras<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p. 187)  
 (Ainda não posso acreditar que) *nos<sub>i</sub>* condecoraram *a todas nós<sub>i</sub>*.  
 “(Ainda não posso acreditar que) nos condecoraram.”
- (13) Ya *los<sub>i</sub>* había presentado *a todos ellos<sub>i</sub>* cuando... (SUÑER, 1988, p. 187)  
 Já *os<sub>i</sub>* havia apresentado *a todos eles<sub>i</sub>* quando...  
 “Já havia apresentado todos eles quando...”
- (14) \**Lo<sub>i</sub>* vi *todo eso<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p. 187)  
*O<sub>i</sub>* vi *tudo isso<sub>i</sub>*.  
 “Vi tudo isso.”

A agramaticalidade detectada em (14) é decorrente da restrição que se dá devido aos traços [-CONTÁVEL, -GÊNERO] e [-ESPECÍFICO, -ANIMADO] dos demonstrativos *esto* / *aquello* que chocam com a especificidade do clítico (cf. SUÑER, 1988, p. 187).

Expressões partitivas como *cada* (cada), *varios* (vários) e *muchos* (muitos), quando na posição sintática de complemento do verbo transitivo, podem ser redobradas quando nos permitem interpretar o DP<sub>OBJETO DIRETO</sub> como sendo um subconjunto [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO] de um conjunto mais amplo de itens, sobre o qual se opera a quantificação.

- (15) El médico *los<sub>i</sub>* examinó *a cada uno/ varios/ muchos de ellos/ los pacientes<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p. 189)  
 O médico *os<sub>i</sub>* examinou *a cada um/ vários/ muitos deles/ os pacientes<sub>i</sub>*.

Notem que, curiosamente, quando o DP<sub>OBJETO DIRETO</sub> vem realizado por um objeto indefinido ou por pronomes (animados) indefinidos, como *alguien* (alguém) e *nadie* (ninguém), o redobro não pode dar-se, conforme nos mostram os dados de (16) a (19) a seguir:

- (16) \**La<sub>i</sub>* vi *a una mujer<sub>i</sub>*.  
 \**A<sub>i</sub>* vi *a una mujer<sub>i</sub>*.  
 “Vi uma mulher.”
- (17) No \**lo<sub>i</sub>* atropellamos *a nadie<sub>i</sub>*. (MAYER, 2003, p. 52)  
 Não \**o<sub>i</sub>* atropelamos *a ninguém<sub>i</sub>*.  
 “Não atropelamos ninguém.”
- (18) Pedro \**lo<sub>i</sub>* vio *a alguien<sub>i</sub>*. (MAYER, 2003, p. 52)  
 Pedro \**o<sub>i</sub>* viu *a alguém<sub>i</sub>*.  
 “Pedro viu alguém.”
- (19) (\**La<sub>i</sub>*) buscaban *a alguien que los ayudara<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p. 178)  
 (\**a<sub>i</sub>*) buscavam *a alguém que os ajudasse<sub>i</sub>*.  
 “Buscavam alguém que os ajudasse.”

Assim como com indefinidos, DPs [-ESPECÍFICOS] também serão barrados em estruturas de redobro, conforme se vê nos exemplos seguintes:

- (20) \**Las<sub>i</sub>* conoces *a muchas personas<sub>i</sub>*. (LEONETTI, 2002)  
 \**As<sub>i</sub>* conheces *a muitas pessoas<sub>i</sub>*.  
 “Você conhece muitas pessoas.”
- (21) \**Los<sub>i</sub>* han contratado *a trabajadores con experiencia<sub>i</sub>*. (LEONETTI, 2002)  
 \**Os<sub>i</sub>* contrataram *a trabalhadores com experiência<sub>i</sub>*.  
 “Contrataram trabalhadores com experiência.”

Os exemplos de (16) a (21) seriam uma evidência de que DPs não conhecidos e não compartilhados pelos interlocutores não podem ser redobrados. Apenas aqueles retomados no discurso pragmático poderão figurar em construções com redobro.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que, de maneira geral, o D/NP<sub>OBJETO DIRETO</sub>, no espanhol, pode ser animado ou inanimado, contudo será, necessariamente, [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> É importante enfatizar que diferentes dialetos do espanhol permitirão diferentes realizações de redobro [ver seção 1.1 do Capítulo 1 para dialetos peninsular (Espanha), rio platense (Argentina e

Na próxima subseção, analisaremos as construções com redobro de objetos indiretos no espanhol. Veremos que o  $D/NP_{\text{OBJETO INDIRETO}}$  não precisa, necessariamente, apresentar todos os traços que o  $D/NP_{\text{OBJETO DIRETO}}$  manifesta.

### 3.1.2.2. REDOBRO DE OBJETO INDIRETO

Construções com redobro de objetos dativos são permitidas em todos os dialetos do espanhol e, aparentemente, podem ocorrer com qualquer tipo de DP.

Consideremos os exemplos abaixo:

(22) *Le<sub>i</sub>* entregué el libro *al profesor<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 146)

*Lhe<sub>i</sub>* entreguei o livro *ao professor<sub>i</sub>*.

“Entreguei o livro ao professor.”

(23) Juan me *le<sub>i</sub>* arruinó la vida *a esta chica<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 149)

Juan me *lhe<sub>i</sub>* arruinou a vida *a esta menina<sub>i</sub>*.

“O Juan me arruinou a vida desta menina.”

(24) *Le<sub>i</sub>* duele la cabeza *a Juan<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 151)

*Lhe<sub>i</sub>* dói a cabeça *ao Juan<sub>i</sub>*.

“A cabeça do Juan dói.”

(25) *Le<sub>i</sub>* rompieron la pata *a la mesa<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 151)

*Lhe<sub>i</sub>* quebraram o pé *à mesa<sub>i</sub>*.

“Quebraram o pé da mesa.”

(26) *Le<sub>i</sub>* rayé el disco *a María<sub>i</sub>*. (JAEGGLI, 1986, p. 152)

*Lhe<sub>i</sub>* risquei o disco *a Maria<sub>i</sub>*.

“Risquei o disco da Maria.”

---

Uruguai) e portenho (Buenos Aires), por exemplo.]. O que estamos afirmando é que a língua espanhola, como um todo, apresenta ocorrências de redobro acusativo com DPs [+/- ANIMADOS], desde que estes DPs [+REFERENCIAIS] sejam [[+DEFINIDOS] [+ESPECÍFICOS]].

- (27) *Le<sub>i</sub>* di uma patada *a la mesa<sub>i</sub>*. (BLEAM 1999, p. 110)  
*Lhe<sub>i</sub>* dei um chute *à mesa<sub>i</sub>*.  
 “Dei um chute na mesa.”
- (28) *Les<sub>i</sub>* corté los ruedos *a esas / a tres polleras<sub>i</sub>*. (SUÑER, 1988, p. 177)  
*Lhes<sub>i</sub>* cortei a roda *a essas / a três saias<sub>i</sub>*.  
 “Cortei a roda dessas /de três saias.”

Nestes exemplos, assim como parece acontecer na maioria das construções de redobro dativo, os D/NPs redobrados são [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]. Entretanto, observa-se que, em estruturas de redobro dativo, estes traços são potenciais, pois existe a possibilidade de que alguns deles não ocorram. Vejamos os exemplos seguintes:

- (29) No *le<sub>i</sub>* di nada *a nadie<sub>i</sub>*.  
 No *lhe<sub>i</sub>* dei nada *a ninguém<sub>i</sub>*.  
 “Não dei nada a ninguém.”
- (30) *Le<sub>i</sub>* presté mi lápiz *a alguien<sub>i</sub>*, pero no me acuerdo a quién.  
*Lhe<sub>i</sub>* emprestei meu lápis *a alguém<sub>i</sub>*, mas não me lembro a quem.  
 “Emprestei meu lápis para alguém, mas não me lembro para quem.”

Em (29) e (30), o D/NP redobrado apresenta o seguinte feixe de traços: [[+REFERENCIAL] [-ESPECÍFICO] [-DEFINIDO]]. A partir destes exemplos, constata-se que, em alguns contextos, D/NP<sub>SDAT</sub> podem ser [+/-ESPECÍFICOS] e [+/-DEFINIDOS], porém devem ser sempre [+REFERENCIAIS].

Finalmente, seguindo as pistas que nos oferecem os textos teóricos e os dados apresentados até o momento, consideraremos que, em construções com redobro de pronomes clíticos, o DP, que não pode ser um NP nu, deve ter um referente prévio no discurso. Em contextos acusativos, o objeto deve obrigatoriamente contar com o

importe semântico [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]. Em estruturas de redobro dativo, o traço necessariamente proeminente que o objeto deve apresentar é o [+REFERENCIAL], havendo a possibilidade de os traços [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO] poderem ou não ocorrer.

### 3.1.3. O REDOBRO NO ROMENO

Nesta língua, observa-se a possibilidade de ocorrência do redobro de clíticos em presença de objetos pronominais, nomes próprios e objetos [+ESPECÍFICOS] e [+ANIMADOS] (cf. DOBROVIE-SORIN, 1987). Observem que os exemplos (33) e (34) apresentam a ocorrência do artigo definido *ul*, posposto ao DP:

(31) *L<sub>i</sub>-am văzut **pe el<sub>i</sub>**.* (DOBROVIE-SORIN, 1987)

(Je) I-ai vu pe lui.

*Vi-o<sub>i</sub> a ele<sub>i</sub>.*

“Vi-o.”

(32) *L<sub>i</sub>-am văzut **pe Ion<sub>i</sub>**.* (DOBROVIE-SORIN, 1987)

Je I-ai vu pe Jean.

*Vi-o<sub>i</sub> a Jean<sub>i</sub>.*

“Vi o Jean.”

(33) *L<sub>i</sub>-am vizitat **pe bunicul nostru<sub>i</sub>**.* (DANILIUC, L. e

DANILIUC, R., 2000)

CL-him-TM visited I PL PREP the grandfather our M SG

*O<sub>i</sub> visitamos a nosso avô<sub>i</sub>.*

“Visitamos nosso avô.”

(34) *L<sub>i</sub>-am întâlnit **pe vărul tău<sub>i</sub>**.* (DOBROVIE-SORIN, 1987)

(Je) I-ai rencontré pe cousin ton.

Encontrei-o<sub>i</sub> a teu primo<sub>i</sub>.

“Encontrei teu primo.”

Os exemplos anteriores nos mostram que, também em romeno, o DP<sub>ACC</sub> para ser redobrado deve ser [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]. Quando se têm elementos [[-DEFINIDOS] [-ESPECÍFICOS]], como os quantificadores *nimeni* (ninguém) e *cineva* (alguém), sentenças com redobro de clíticos são consideradas agramaticais.

(35) \*Nu *l<sub>i</sub>*-am văzut *pe nimeni<sub>i</sub>*. (DOBROVIE-SORIN, 1987)

(Je) ne l-ai vu pe personne.

Não *o<sub>i</sub>* vi *a ninguém<sub>i</sub>*.

“Não vi ninguém.”

(36) \**L<sub>i</sub>*-am întâlnit *pe cineva<sub>i</sub>*. (DOBROVIE-SORIN, 1987)

(Je) l-ai rencontré pe quelqu’un.

Encontrei-*o<sub>i</sub>* *a alguém<sub>i</sub>*.

“Encontrei alguém.”

No romeno também encontramos redobro de clíticos dativos. Vejamos alguns exemplos:

(37) (*L<sub>i</sub>*)-am trimis bani *băiatului tău<sub>i</sub>*. (DOBROVIE-SORIN, 1987)

(Je) (lui)-ai envoyé argent garçon<sub>DAT</sub>. tãu.

*Lhe<sub>i</sub>* enviei o dinheiro *ao menino<sub>i</sub>*.

“Enviei o dinheiro ao menino.”

(38a) Mihaela *ũ<sub>i</sub>* trimite *Mariei<sub>i</sub>* o scrisoare. (DIACONESCU e RIVERO, 2005, p. 2)

Mihaela DAT.CL sends Mary. DAT a letter

Mihaela *lhe<sub>i</sub>* envia *Maria<sub>i</sub>* uma carta.

“Mihaela envia uma carta a Maria.”

(38b) Mihaela *ũ<sub>i</sub>* trimite o scrisoare *Mariei<sub>i</sub>*.

Mihaela DAT.CL sends a letter Mary.DAT

Mihaela *lhe<sub>i</sub>* envia uma carta *Maria<sub>i</sub>*.

“Mihaela envia uma carta a Maria.”

Em (37) e (38), tem-se redobro por um dativo morfológico. Para Dobrovie-Sorin (1987), o caso dativo, marcado morfológicamente, é um Caso

inerente<sup>30</sup>. Nestas construções, o alvo é redobrado por um clítico dativo, visto que carrega o dativo morfológico e não vem precedido por uma preposição; já o tema aparece no acusativo. Como pode ser deduzido de uma comparação entre (38a) e (38b), o alvo pode preceder ou seguir o tema. (cf. DIACONESCU e RIVERO, 2005, p. 2).

No romeno há também construções com redobro dativo de objeto precedido por uma preposição. Segundo Diaconescu e Rivero (2005), este tipo de produção de redobro dativo é bastante controverso, visto que é considerado aceitável por uns e inaceitável por outros. Vejamos os exemplos seguintes:

(39a) Mihaela *îi* trimite *la Maria*<sub>i</sub> o scrisoare. (DIACONESCU e RIVERO, 2005, p. 3)

Mihaela DAT.CL sends to Mary a letter

Mihaela *lhe*<sub>i</sub> envia *a Maria*<sub>i</sub> uma carta.

“Mihaela envia a Maria uma carta.”

(39b) Mihaela *îi* trimite o scrisoare *la Maria*<sub>i</sub>.

Mihaela DAT.CL sends a letter to Mary

Mihaela *lhe*<sub>i</sub> envia uma carta *a Maria*<sub>i</sub>.

“Mihaela envia uma carta a Maria.”

(40) *Le*<sub>i</sub> dai de furcă *la doamne*<sub>i</sub>. (DIACONESCU e RIVERO, 2005, p. 5)

DAT.CL give.2 SG problems to ladies

‘You are giving problems to the ladies.’

*Lhes*<sub>i</sub> está dando problemas *às damas*<sub>i</sub>.

“Você está dando problemas às damas.”

As construções com redobro dativo no romeno podem ou não ocorrer (cf. DOBROVIE-SORIN, 1987). Os exemplos de (37) a (40) nos mostram que estas

---

<sup>30</sup> Segundo Chomsky (1986, 1993), Caso inerente é o Caso atribuído, em estrutura-D, pelas categorias lexicais ou temáticas aos seus complementos subcategorizados. O caso inerente está, portanto, associado com a atribuição dos papéis temáticos.



construções ocorrem com sintagmas que designam referentes [+ANIMADOS] [+DEFINIDOS] e [+ESPECÍFICOS].

Esta breve apresentação do redobro de pronomes clíticos no romeno nos mostra que a restrição semântica que pesa sobre o D/NP em posição de objeto direto ou indireto é sua sensibilidade ao feixe de traços [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]].

#### 3.1.4. O REDOBRO NO GREGO

O grego é uma língua com redobro de clíticos opcional que não se sujeita à generalização de Kayne, ou seja, o D/NP redobrado não vem precedido por uma preposição. Além disso, conforme Anagnostopoulou (1999, p. 763), o fato de o DP carregar os traços semânticos [+/-ANIMADO] ou [+/-HUMANO] não o impede de ser redobrado.

Segundo Alexiadou (2006, p. 3), somente um DP definido familiar pode ser redobrado. Na sentença abaixo, o DP redobrado faz referência a uma entidade definida em um contexto particular:

(41) *tin<sub>i</sub> ida ti gata<sub>i</sub>*  
her saw1 SG the cat  
“Eu vi o gato.”

O contraste entre (42a) e (42b), a seguir, mostra que o redobro com um DP definido é gramatical, ao passo que o redobro com um indefinido é agramatical:

- (42a) *to<sub>i</sub>* diavasa *to vivlio<sub>i</sub>* me prosohi (ALEXIADOU e ANAGNOSTOPOULOU, 1997, p. 10)  
 CL-ACC read-1S the-book-ACC carefully  
 I read it the book carefully.  
 “Eu li o livro cuidadosamente.”
- (42b) \**to<sub>i</sub>* diavasa *kapjo vivlio<sub>i</sub>* me prosohi (*ibidem*, p. 10)  
 CL-ACC read-1S some book-ACC carefully  
 I read it some book carefully.  
 “Eu li algum livro.”

O grego também apresenta redobro em contextos de ECM e *small clauses*:

- (43a) O Janis *tin<sub>i</sub>* perimeni *ti Maria<sub>i</sub>* na paraponethi (ALEXIADOU e ANAGNOSTOPOULOU, 1999, p. 6)  
 John-NOM CL-ACC expects the Mary-ACC SUBJ complain-3SG  
 John expects Mary to complain.  
 “O João espera que a Maria se queixe.”
- (43b) O Janis de *ti<sub>i</sub>* theori *ti Maria<sub>i</sub>* eksipni. (*ibidem*, p. 6)  
 John NEG CL-ACC considers Mary-ACC intelligent  
 John does not consider Mary intelligent.  
 “O João não considera a Maria inteligente.”

É possível também encontrar objetos redobrados por clíticos em frases com ordem VOS nas quais o objeto está desacentuado e o sujeito carrega o acento mais proeminente da sentença.

- (44a) Pjos efage tin turta? (*ibidem*, p. 6) *Question*  
 Who- NOM ate-3SG the cake-ACC?  
 Who ate the cake?  
 “Quem comeu o bolo?”
- (44b) *Tin<sub>i</sub>* efage *tin turta<sub>i</sub>* o Jannis. (*ibidem*, p. 6) *Answer*  
 CL-ACC ate-3SG the cake-ACC the-John-NOM  
 John ate the cake.  
 “O Jannis comeu o bolo.”

O redobro no grego permite que o D/NP redobrado seja animado ou inanimado, mas deve vir precedido de um artigo definido. Este D/NP definido deve ser proeminente no discurso, indicar conhecimento partilhado entre falante e ouvinte sobre a presença do referente no discurso (cf. ANAGNOSTOPOULOU, 1999, p. 762, 768, 771).

- (45) *Proseche!*    *tha*    *chtipisis*    *ton pezo!* (ANAGNOSTOPOULOU, 1999, p.771)  
 Watch-out!    FUT    hit-2SG    the pedestrian  
 Watch-out! You will hit (with the car) the pedestrian!  
 “Cuidado! Você vai atropelar o pedestre!”
- (46) *Proseche!*    *tha*    ***ton<sub>i</sub>***    *chtipisis*    ***ton pezo<sub>i</sub>!*** (ANAGNOSTOPOULOU, 1999, p.772)  
 Watch-out!    FUT    ***him<sub>i</sub>***    hit-2SG    ***the pedestrian<sub>i</sub>!***  
 Watch-out! You will hit-him (with the car) the pedestrian!  
 Cuidado! Você vai atropelá-***lo<sub>i</sub>***; ***o pedestre<sub>i</sub>!***  
 “Cuidado! Você vai atropelar o pedestre!”

A frase (45) é apropriada quando o ouvinte não está consciente da presença do pedestre na rua. Contudo, a frase (46) será proferida numa situação em que há um conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte sobre a presença do referente no discurso.

Em suma, de um ponto de vista puramente semântico, observa-se que estruturas com redobro no grego indicam saliência perceptual e poderiam ser rotuladas como “marcadores de proeminência”, visto que o clítico está redobrando um DP<sub>OBJETO DIRETO</sub> que esteja proeminente no discurso (cf. ANAGNOSTOPOULOU, 1999, p. 771). No componente sintático, percebe-se que a obrigatória presença de um artigo definido antecedendo o elemento a ser redobrado aponta para o fato que o NP

sempre projeta uma estrutura funcional (DP), não permitindo que um NP nu seja redobrado.

Em uma sentença que contém um verbo bitransitivo, o verbo e seus DPs argumentos podem ser ordenados livremente. Entretanto, todos os pronomes clíticos devem preceder o verbo. Se houver clíticos objetos direto e indireto, este último deve vir primeiramente.

(47) I Meri (*tou<sub>i</sub>*) (*ta<sub>j</sub>*) edose *tou Giorgou<sub>i</sub>* *ta vivlia<sub>j</sub>*. (JANES, 2001)  
 the Mary him:GEN them:ACC gave the George:GEN the books:ACC  
 'Mary gave the books to George.'  
 "Maria deu os livros ao George."

(48) *Tu<sub>i</sub>* edhosa *tu Gianis<sub>i</sub>* to vivlio. (ANAGNOSTOPOULOU, 2003,  
 p. 15, *apud* DIACONESCU e RIVERO, 2005, p. 2)  
 CL.GEN gave.1SG the Gianis.GEN the book.ACC  
 'I gave John the book.'  
 "Eu dei ao João o livro."

As ocorrências de redobro dativo são bastante raras e apenas um DP definido familiar pode ser redobrado. Este DP é rotulado por Anagnostopoulou (1999) como [+PROEMINENTE], pois implica a forma mais forte possível de familiaridade no discurso<sup>31</sup>. Segundo a autora, DPs [+PROEMINENTES] representam um subconjunto mais restrito da classe dos definidos. Isso implica que os DPs redobrados no grego fariam referência, da maneira mais especializada possível, a um elemento X [+DEFINIDO] familiar no discurso. A possibilidade de identificar este referente X concretamente (ou "perceptualmente", nos termos de Anagnostopoulou (1999)) nos

---

<sup>31</sup> "[...] prominence implies the strongest possible form of familiarity [...]" (ANAGNOSTOPOULOU, 1999, p. 783)

permitiria considerar que o DP também deve ser [+ESPECÍFICO]. Dessa maneira, temos que em grego o DP redobrado também deve ser [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]].

### **3.2. O OBJETO REDOBRADO DO PONTO DE VISTA SEMÂNTICO**

A hipótese que estamos assumindo nesta seção é que a possibilidade de redobro é determinada pelos traços semânticos do argumento temático do verbo. Em cada língua, o D/NP redobrado apresentará um feixe de traços, responsável por determinar se ele poderá ou não ser redobrado. Pelo que temos constatado a partir da investigação da forma como o redobro no PB, no espanhol, no romeno e no grego se realiza, parece que os traços proeminentes nestas construções são [+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO].

Em estruturas de redobro falante e ouvinte devem ser capazes de identificar o referente do D/NP e esta condição se cumpre por meio da propriedade de referencialidade. Um D/NP redobrado deve ser sempre [+REFERENCIAL]<sup>32</sup> e o referente ao qual este D/NP faz menção deve ser previamente apresentado no contexto pragmático discursivo. Conforme veremos na seção seguinte, esta condição

---

<sup>32</sup> Vitral e Ramos (2006, p. 86) afirmam que itens [-REFERENCIAIS] não contêm traços semânticos e são, comumente, identificados como expletivos.

também se reflete na morfossintaxe pelo fato de o NP ter de projetar uma categoria mais acima, i.e., um DP, o qual é o *locus* desta propriedade de referencialidade.

Uma maneira de explicar as várias realizações de redobro entre as línguas poderia dar-se pela referencialidade, já que esta propriedade seria um pré-requisito para o redobro de clíticos<sup>33</sup>. Anagnostopoulou (1999) entende a referencialidade como uma escala de categorias cuja ordenação dependerá da facilidade ou não de se localizar o referente. Assim, X<sub>2</sub> apresentará maior grau de referencialidade que X<sub>1</sub> se, e somente se, i<sub>2</sub> de X<sub>2</sub> for mais fácil de se encontrar que o referente i<sub>1</sub> de X<sub>1</sub>. Seguindo esta mesma abordagem, Bleam (1999, p. 118) afirma que “referente único” ou “identificabilidade” são propriedades às quais o redobro de clíticos é sensível.

De acordo com estas duas propostas, seriam apenas os DPs [+REFERENCIAIS] que poderiam ser redobrados nas línguas que estamos estudando. Entretanto, consideramos que estas análises precisariam de maior refinamento. No redobro acusativo, por exemplo, o DP não pode ser [-ESPECÍFICO] e/ou [-DEFINIDO], embora um DP que contenha estes traços, pertença à classe dos DPs [+REFERENCIAIS]. Portanto, este é um problema para a proposta de Anagnostopoulou e de Bleam dado que dentro da classe dos elementos que licenciariam o redobro, i.e., dos [+REFERENCIAIS], teríamos também elementos que barram a formação deste tipo de estrutura. Por esta razão, estamos propondo que o DP deve apresentar um feixe de traços e não apenas contar com o traço [+REFERENCIAL].

---

<sup>33</sup> “Referentiality is the prerequisite for clitic doubling.” (ANAGNOSTOPOULOU, 1999, p. 761)

Ao analisar as ocorrências de redobro, constatamos que para delimitar melhor o importe semântico do DP é necessário também considerar um traço que indique acessibilidade ao referente do discurso de maneira específica. Concordaremos com Suñer (1988) e Bleam (1999) que a especificidade também é um fator saliente para o licenciamento do redobro. Suñer (1988, p. 178) define especificidade da seguinte maneira: “el sentido que tiene el término ‘especificidad’ en este estudio es que el referente o referentes de un SN [+ESPECÍFICO] pueda identificarse con un X concreto en el contexto lingüístico<sup>34</sup>.”. Dessa forma, além de ser [+REFERENCIAL], o DP deve ser [+ESPECÍFICO].

Uma outra exigência que parece perpassar as línguas que permitem redobro parece ser a possibilidade de o referente ser facilmente identificado. Parece haver uma relação natural entre o traço [+DEFINIDO] como uma propriedade inerente ao DP e a ocorrência de redobro<sup>35</sup>. Segundo Mayer (2003, p. 66), definitude se relaciona à propriedade de familiaridade: um DP definido assinala que seu referente é uma entidade familiar no domínio do discurso. A definitude pode ser marcada lexicalmente em muitas línguas mediante artigos definidos (*ibidem*, p. 69). Consoante Hawkins (1978, *apud* VIOTT, 2002), o artigo definido é uma ferramenta que permite

---

<sup>34</sup> “O sentido que tem o termo ‘especificidade’ neste estudo é que o referente ou referentes de um NP [+ESPECÍFICO] possa identificar-se com um X concreto no contexto lingüístico.” (Tradução nossa)

<sup>35</sup> Segundo Karadzovska (2006, p. 158) o Macedônio é uma língua que também apresenta redobro de clíticos e este está intimamente relacionado à definitude do DP redobrado. “[...] in Macedonian there is true doubling because of the strong correlation between doubling and definiteness in the DO doubling constructions.”

ao ouvinte localizar o referente de um sintagma nominal em um conjunto de conhecimento compartilhado.

Os conceitos de referencialidade, especificidade e definitude tomados para este estudo evidenciam que o D/NP faz referência a um elemento específico no ambiente do discurso e corroboram nossa proposta, a ser desenvolvida na seção 3.3, de que o D/NP não pode ser um NP nu.

### **3.2.1. SOBRE OS TRAÇOS DO D/NP REDOBRADO**

Observando as realizações de redobro nas quatro línguas analisadas na primeira seção deste capítulo, constatamos que o PB é a que apresenta ocorrência mais restrita. Em períodos anteriores desta língua, as construções com redobro eram bastante similares às do espanhol, romeno e grego e, com o passar do tempo, limitaram-se a ocorrências com pronomes de primeira e segunda pessoa do singular<sup>36</sup>. Este fato serve como evidência para sustentar a hipótese que deste “esvaziamento” de restrições semânticas, conservou-se apenas o que seria essencial para a realização do redobro. Por conseguinte, a partir da análise dos vários tipos de D/NPs redobrados no PB, no espanhol, no romeno e no grego, estamos propondo que os traços primordiais

---

<sup>36</sup> Ver descrição do redobro no dialeto mineiro do PB apresentada no Capítulo 2.



para que um DP possa ser redobrado são [+REFERENCIAL], [+ESPECÍFICO], [+DEFINIDO].

Os dados apresentados na seção 3.1 nos permitem propor a seguinte tabela com as propriedades semânticas que o D/NP redobrado precisa ter:

TABELA (5)  
**TRAÇOS DO DP REDOBRADO EM CADA LÍNGUA**

	PB	Espanhol	Romeno	Grego
Acusa- tivo	[+EGO] [+TU]	[+/- ANIMADO]	[+ANIMADO]	[+PROEMINENTE]
	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+/- ANIMADO]
	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+DEFINIDO]
	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+ESPECÍFICO]
				[+REFERENCIAL]
Dativo	[+EGO] [+TU]	[+/- ANIMADO]	[+ANIMADO]	[+PROEMINENTE]
	[+DEFINIDO]	[+/-DEFINIDO]	[+DEFINIDO]	[+/- ANIMADO]
	[+ESPECÍFICO]	[+/-ESPECÍFICO]	[+ESPECÍFICO]	[+DEFINIDO]
	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+REFERENCIAL]	[+ESPECÍFICO]
				[+REFERENCIAL]

As variações na forma em que o redobro é realizado nestas línguas é decorrente do traço semântico que o núcleo D<sup>o</sup> precisa codificar. Ou seja, a variação paramétrica que se observa tem como causa os diferentes traços semânticos que os

D/NPs<sub>ACC/DAT</sub> podem carregar e também a necessidade, ou não, de uma preposição ser lexicalmente realizada.

Assim como Suñer (1988), proporemos que as preposições, nas construções de redobro acusativo em línguas como o espanhol e o romeno, não seriam um marcador de Caso, mas sim um elemento funcional responsável por codificar o importe [+ANIMADO] e/ou [+ESPECÍFICO] ao D/NP na função sintática de objeto direto. Vejam que essa proposta nos permite considerar a preposição *a* do Espanhol como um marcador semântico do objeto, e não como atribuidor de Caso. O mesmo vale para a preposição *pe* do romeno. Esta preposição é inserida em contextos de acusativo preposicionado que tenha um objeto [+ANIMADO] [+ESPECÍFICO]. Em suma, teríamos que a preposição presente em contextos de redobro acusativo não atribuiria Caso ao D/NP em posição de objeto, mas seria um elemento que realiza o traço [+ESPECÍFICO] e/ou o subtraço [+ANIMADO] do D/NP.

Observando a Tabela (5), verificamos que, embora qualquer D/NP redobrado seja [+REFERENCIAL], em construções acusativas, este D/NP [+REFERENCIAL] deve, obrigatoriamente, ser [[+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]. Este mesmo feixe de traços também é encontrado nas realizações de redobro de objeto indireto, à exceção do espanhol cujo D/NP [+REFERENCIAL] poderá ser [[+/-ESPECÍFICO] [+/-DEFINIDO]]. A partir destas considerações, propomos a Tabela (6), a qual apresenta os traços comuns a um DP redobrado interlingüisticamente.

TABELA (6)

**FEIXE DE TRAÇOS DO D/NP REDOBRADO INTERLINGÜISTICAMENTE**

	PB	Espanhol	Romeno	Grego
Acusati- vo	[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]	[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]	[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]	[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]
Dativo	[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]	[+/-DEFINIDO] [+/-ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]	[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]	[+DEFINIDO] [+ESPECÍFICO] [+REFERENCIAL]

O exame interlingüístico das ocorrências de redobro de pronomes clíticos nos levou a investigar quais seriam os atributos semânticos que licenciariam o redobro. Portanto, observa-se a seguinte exigência semântica sobre o D/NP redobrado:

(49) *Um objeto pode ser redobrado por um pronome clítico se for um D/NP que contenha, potencialmente, os seguintes traços: [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]].*

Na seção seguinte, buscamos apresentar as condições sintáticas com as quais deve cumprir um objeto para que possa ser redobrado.

### 3.3. O OBJETO REDOBRADO DO PONTO DE VISTA SINTÁTICO

As ocorrências de redobro no PB, no espanhol, no romeno e no grego mostram que não é qualquer objeto de um verbo transitivo que pode ser redobrado. Sendo assim, pretendemos, nesta seção, examinar a realização morfossintática dos sintagmas que participam de construções com redobro. Os dados da seção 3.1 parecem apontar para a exigência de um importe configuracional [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]] e para o fato que são estas propriedades denotacionais da categoria D<sup>o</sup> que licenciam o redobro.

Nossa proposta de análise morfossintática para construções com redobro segue a intuição de Laka (1993), segundo a qual os traços semânticos que o DP apresenta concretizam-se na sintaxe por meio de uma capa funcional preenchida, i.e., o objeto precisa ser um NP que projete um nível funcional DP. No Basco, o DP argumento interno deve ser sempre nucleado por um determinante, um quantificador ou um demonstrativo para que ele se mova para fora do VP para receber Caso estrutural. Segundo a autora, é esta exigência sintática que permite o movimento do objeto para uma posição funcional acima de VP, conforme se vê nos exemplos a seguir:

(50a) emakume-a-k arto-a erein du. (LAKA, 1993, p.157)  
woman-DT-ERG corn-DT planted has  
The woman has planted (the) corn.  
“A mulher plantou (o) milho.”

(50b) emakume-a-k arto hau erein du. (LAKA, 1993, p.157)  
woman-DT-ERG corn this planted has  
The woman has planted this corn.  
“A mulher plantou este milho.”

(50c) Bada ogi-a mahai ganean. (LAKA, 1993, p.157)  
there-is bread-DT table top-on  
There is bread on the table.  
“Há pão sobre a mesa.”

Por sua vez, quando o sintagma nominal não é nucleado por um determinante, tem-se uma estrutura mal formada no Basco. É este fato que explica a agramaticalidade das sentenças em (51) a seguir:

(51a) \* emakume-a-k arto erein du. (LAKA, 1993, p. 157)  
woman-DT-ERG corn planted has  
“A mulher plantou milho.”

(51b) \* Bada ogi mahai ganean. (LAKA, 1993, p. 157)  
there-is bread table top-on  
“Há pão sobre a mesa.”

O estudo de Laka (1993, p. 149) para o basco considera que constituintes DPs devem se mover para fora do VP, para [Spec, Agr] onde eles checam os traços D. Os dados do basco indicam que este movimento obedece a um requerimento morfológico crucial: presença ou ausência de determinante. Ou seja, os dados em (51a) e (51b) sugerem que um NP nu não pode mover-se para Spec-AgrOP/vP, impedindo o surgimento da ordem [S [OV] Aux].

A mesma exigência é observada nas construções com clíticos dativos de posse (cf. DUARTE e RAMOS, 2005, p.19). Nestes contextos, quando há ausência da

categoria D<sup>o</sup> não é possível obter uma interpretação de [+POSSUIDOR] e a derivação não converge, conforme se pode verificar nas orações seguintes:

(52a) A mãe cortou-lhe as unhas.

(52b) \* A mãe cortou-lhe unhas.

(53a) Viu-lhe a filha.

(53b) \* Viu-lhe filha.

Tanto nos dados do basco, quanto nos dados de dativo de posse do português, observa-se que não é possível a presença de um NP nu. Nas ocorrências de redobro parece que acontece o mesmo. Os dados do espanhol, do romeno e do grego, a seguir, mostram agramaticalidade quando se tem um NP nu:

(54a) *Los<sub>i</sub>* vi a *los niños<sub>i</sub>*.

(54b) \* *Los<sub>i</sub>* vi a *niños<sub>i</sub>*.

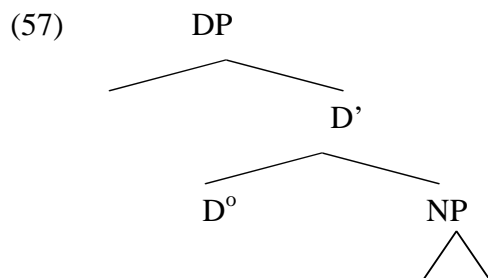
(55a) *L<sub>i</sub>*-am vizitat *pe bunicul<sub>i</sub>*.

(55b) \* *L<sub>i</sub>*-am vizitat *pe bunic<sub>i</sub>*.

(56a) *tin<sub>i</sub>* ida *ti gata<sub>i</sub>*.

(56b) \* *tin<sub>i</sub>* ida *gata<sub>i</sub>*.

Em suma, o que notamos é que, para que possa ser redobrado, o NP deve projetar um nível funcional DP acima da projeção lexical NP, conforme sugere a configuração sintática proposta em (57):



Dessa maneira, estamos assumindo que apenas quando a categoria funcional DP for projetada é que existirá a possibilidade de redobro. Nomes próprios e pronomes pessoais apresentam, intrinsecamente, um traço D, o qual determina que esta capa funcional deve estar abstratamente preenchida, muito embora ela nem sempre tenha efeitos na fonologia das línguas. Por esta razão é possível encontrar redobro tanto de nomes próprios, quanto de pronomes pessoais, conforme sugerem os dados a seguir.

- (58) Tia, **me<sub>i</sub>** pega **eu<sub>i</sub>**.  
 (59) **Lo<sub>i</sub>** vi a **Juan<sub>i</sub>**.  
 (60) **Lo<sub>i</sub>** vi a **él<sub>i</sub>**.  
 (61) **L<sub>i</sub>-am** vāzut **pe Ion<sub>i</sub>**.  
 (62) **L<sub>i</sub>-am** vāzut **pe el<sub>i</sub>**.  
 (63) O Janis de **ti<sub>i</sub>** theori **ti Maria<sub>i</sub>** eksipni.

Em síntese, os dados colhidos até o momento nos levaram a observar a seguinte exigência sintática sobre o objeto redobrado:

- (64) *Um objeto pode ser redobrado por um pronome clítico se o NP<sub>OBJETO</sub> projetar um nível funcional; não podendo ser, portanto, um NP nu.*

A partir das exigências semânticas e sintáticas que pesam sobre o objeto redobrado, apresentadas em (49) e (64), propomos o seguinte filtro sobre o licenciamento do redobro, a saber:

- (65) *O redobro de D/NPs<sub>OBJETOS</sub> por meio de um clítico pronominal é possível se, e somente se, este D/NP<sub>objeto</sub> projetar um nível funcional e codificar os seguintes traços: [+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO].*

### 3.4. RESUMO DO CAPÍTULO

Apesar do tratamento formal que estamos dando ao redobro de pronomes clíticos, para integrar nossos dados lingüísticos à nossa análise teórica foi necessário focar aspectos semânticos deste tipo de construção sintática. De uma perspectiva semântica, o D/NP redobrado deve apresentar o feixe de traços [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]. Este feixe de traços poderá acionar alguns ou todos os seus traços, dependendo do contexto lingüístico. A variação paramétrica que se observa nas construções de redobro de clíticos no PB, no espanhol, no romeno e no grego se deve, portanto, à forma como cada língua acionará este feixe de traços em construções com redobro acusativo e dativo. Além disso, a exigência ou não de um elemento funcional (preposição) responsável por codificar o importe [+ANIMADO] [+ESPECÍFICO] em línguas como o espanhol e o romeno é decorrente das escolhas paramétricas de como as línguas codificam esses dois últimos traços. Desde um ponto de vista sintático, foi proposto que um objeto para ser redobrado não deve ser um NP nu, i.e., ele deve projetar uma categoria funcional D. Esta interface semântico-sintática parece captar o fato de o D/NP ser um elemento previamente dado no contexto pragmático-discursivo.



## CAPÍTULO 4

# **SOBRE O ESTATUTO DO PRONOME CLÍTICO EM CONSTRUÇÕES COM REDOBRO**

Neste capítulo, desenvolveremos a hipótese de que os clíticos nas construções de redobro de  $D/NPs_{ACC / DAT}$  podem ser interpretados como cópias de traços-phi dos  $D/NPs$  objetos nos núcleos funcionais de orações transitivas<sup>37</sup>. Notem que a novidade nessa teoria é que os clíticos serão, então, interpretados como sendo o resultado de uma operação que copia traços formais dos  $D/NPs$  que figuram na posição sintática de objeto<sub>DIRETO / INDIRETO</sub> em núcleos funcionais, sem que toda a matriz fonológica do argumento verbal precise se mover até a posição de núcleo de uma categoria funcional.

O capítulo organiza-se do seguinte modo: na seção 4.1, discutimos as características que o clítico apresenta. Após observar que este clítico também

---

<sup>37</sup> Essa idéia está em consonância com o que postula Daniel Everett (1996), segundo o qual “pronominal clitics, argument affixes and pronouns are epiphenomena, produced by insertion of phi features into different syntactic position”.

apresenta algumas características de afixos, propomos, na seção seguinte, que ele é a cópia de traços-phi do D/NP. Na seção 4.3, apresentamos o resumo do capítulo.

#### 4.1. CLÍTICOS OU MORFEMAS DE CONCORDÂNCIA?

Clíticos são elementos sintáticos que carecem de autonomia sintático-fonológica e necessitam, portanto, de um hospedeiro no qual possam se apoiar. Segundo Vitral e Ramos (2006, p. 53), “[...] a atonicidade dos clíticos condiciona a distribuição sintática deles, mas isso viria como consequência de serem átonos, o que seria o traço definatório desses itens”. A controvérsia existente sobre a natureza sintática dos clíticos leva à seguinte discussão: são realmente elementos sintáticos independentes ou são afixos que formam parte do verbo?

Segundo a tipologia de pronomes de Cardinaletti e Starke (1994), os clíticos seriam (assim como os pronomes fracos) pronomes deficientes que figuram em um núcleo funcional<sup>38</sup>. Esta divisão de pronomes, baseada numa série de propriedades sintáticas, morfológicas, semânticas e fonéticas, é assim resumida por estes autores:

---

<sup>38</sup> “Clitic elements are deficient (underlying) phrases which are heads at surface structure, and weak elements are deficient (underlying) phrases occurring as maximal projections at surface structure.” “[...] clitics occur in a functional head [...]” (CARDINALETTI e STARKE, 1994, p. 170, 171)

The rich net of asymmetries distinguishing the three classes cuts across all these components: morphology (clitic  $\leq$  weak  $\leq$  strong), distribution (clitic and weak pronouns must be in a derived position, contrary to strong ones; clitics are heads at S-structure, contrary to weak and strong pronoun, etc.), semantics (clitic and weak pronouns lack range, strong pronouns always have one), prosody (clitic and weak pronouns restructure prosodically, contrary to strong ones; weak and strong pronouns may have word-accent, contrary to clitics) and phonology (liaison and contraction rules are restricted to clitic and weak elements). (CARDINALETTI e STARKE, 1994, p. 213).

Galves e Sandalo (2004, p. 122) afirmam que os clíticos estão sujeitos à formação de palavras como qualquer outro afixo, uma vez que não têm autonomia sintática e são a realização morfológica de traços funcionais. Partindo desta proposta, poderíamos estabelecer um paralelo entre clíticos e morfemas de concordância, tal como o fez Fernández Soriano (1993, p. 16). Segundo esta autora, tanto os clíticos quanto os morfemas flexionais são fonologicamente dependentes dos verbos aos quais acompanham e nunca podem aparecer sozinhos, conforme mostram os exemplos seguintes:

- (1) ¿Quieres carne o pescado? – Carne.  
“Você quer carne ou peixe? – Carne.”
- (2) ¿Lo quieres o la quieres? - \* Lo.  
“Você o quer ou a quer? - \* O.”

Além de ocorrerem unicamente com seu hospedeiro, os clíticos não podem formar parte de uma oração coordenada, conforme se vê pelo contraste abaixo:

- (3) Juan trajo el coche y la moto.  
“João trouxe o carro e a moto.”
- (4) \*Juan lo y la trajo.  
“\*João o e a trouxe.”

Outra importante propriedade que caracteriza esta classe de pronomes é a obrigatória adjunção a um verbo. Não pode haver entre eles nenhum outro elemento, à exceção de outro clítico formando uma unidade morfo(fono)lógica entre si, conforme abaixo:

(5) \* Lo no quiero.  
“\* O não quero.”

(6) \* Lo puede darme.  
\* Me puede darlo.

Frente a:

(7) Me lo puede dar.  
Puede dármelo.

Para o desenvolvimento de nossa proposta teórica, partiremos da hipótese que clíticos presentes em construções de redobro têm um estatuto especial. Eles compartilham algumas propriedades com a classe de clíticos em geral, pois, conforme apresentado anteriormente, são fonologicamente dependentes de um hospedeiro e nada pode intervir entre eles, exceto outros clíticos; não podem ser modificados nem coordenados; não aceitam acento contrastivo.

Não obstante, à diferença dos pronomes clíticos presentes em estruturas sem redobro, os clíticos dos quais nos ocupamos agora não seriam argumentos verbais. Assumiremos, com Jaeggli (1986), Suñer (1988, p. 179), Cecchetti (2000, p. 108, 109), Alexiadou e Anagnostopoulou (1999, p. 2 e 8) e outros, que é o D/NP redobrado pelo clítico que ocupa a posição argumental e que tem seu traço de Caso estrutural valorado pelo verbo, mais precisamente pelo núcleo  $v^0$  da concha v-VP. O

fato de a valoração do traço de Caso ocorrer entre o verbo e o D/NP<sub>OBJETO</sub> que ocupa a posição de argumento interno exclui a possibilidade de o clítico também ser um argumento do verbo.

Visto que não são argumentos verbais, nossos clíticos não participariam das operações de valoração dos traços de Caso e da atribuição de papel temático, e, por esta razão, não participariam da sintaxe estrita (*narrow syntax*). Seguindo nossa proposta teórica, o clítico é inserido diretamente no verbo, por meio de uma operação após o Spell-Out e este fato evidenciaria, ou confirmaria, sua natureza afixal<sup>39</sup> e corroboraria a hipótese de Vitral (2006a, 2006b) de que os pronomes clíticos no PB estariam passando por um processo de afixação. Por conseguinte, postularemos que, para as construções com redobro, os pronomes clíticos apresentariam uma natureza híbrida que nos permitiria classificá-los como uma espécie de “clítico-afixo”. Contudo, esta nomenclatura não parece adequada o suficiente para precisar em que consistiriam os clíticos nas construções com redobro. Por esta razão, na seção seguinte, proporemos que estes sejam interpretados apenas como o reflexo da cópia de traços-phi do D/NP no núcleo verbal.

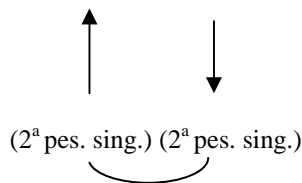
---

<sup>39</sup> É importante deixar claro que os clíticos de construções com redobro são, por definição, clíticos e não afixos. Contudo, além de suas propriedades próprias de clíticos, eles partilhariam com os afixos as características de serem [-ARGUMENTAIS] e, por conseguinte, não participarem dos mecanismos de valoração de Caso e atribuição de papel temático.

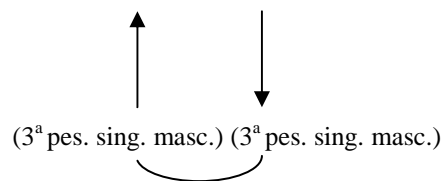
## 4.2. CLÍTICOS COMO CÓPIAS DE TRAÇOS-PHI

Consoante Bobaljik (2006, p.1), traços-phi são pessoa, número e gênero. Assim como o verbo apresenta traços-phi como reflexo da concordância entre sujeito-verbo e da atribuição de Caso nominativo, a ocorrência do clítico pronominal no verbo em estruturas de redobro pode ser também entendida como o reflexo da “concordância”<sup>40</sup> que se dá entre o verbo e o seu objeto. Desse modo, sejam as frases:

(8) Eu *te<sub>i</sub>* amo *você<sub>i</sub>*.



(9) *Lo<sub>i</sub>* vi a *Juan<sub>i</sub>*.



Nos exemplos anteriores, nota-se que o clítico apresenta os mesmos traços que o D/NP argumento interno do verbo. Pode-se dizer que há uma espécie de

---

<sup>40</sup> Concordância aqui não é no sentido da operação AGREE de Chomsky, já que não há valoração de traços de Caso. Verbo e objeto “concordam” entre si, pois apresentam traços-phi comuns.

concordância entre o clítico e o D/NP, sem, contudo, haver valoração de Caso. Nesse sentido, a hipótese que desenvolveremos é que os clíticos podem ser tratados formalmente como sendo o resultado de uma operação (morfo)fonológica que copia traços formais do D/NP. Serão copiados apenas os traços-phi do D/NP e este permanece em sua posição de argumento interno do verbo, sem que toda a matriz fonológica do D/NP necessite mover-se para um núcleo funcional<sup>41</sup>. Portanto, teríamos que clíticos em construções de redobro:

- (i) são cópias de traços-phi do D/NP no verbo;
- (ii) são (morfo)fonologicamente dependentes de um hospedeiro – o verbo;
- (iii) não participam dos mecanismos de valoração de Caso e atribuição de papel temático.

Acompanhando a proposta de Alexiadou e Anagnostopoulou (2001) e de Bobaljik (2006), consideraremos que a cópia de traços-phi se dá no componente pós-sintático<sup>42</sup>. Portanto, a inserção tardia de traços se dará somente no nível PF (*phonological form*). A este pressuposto acarreta-se a hipótese que clíticos nas estruturas de redobro não participam do mecanismo de valoração de Caso. Nesta

---

<sup>41</sup> Alexiadou e Anagnostopoulou (2001, p. 193) propõem uma abordagem na qual clíticos sejam tratados como movimentos de traços. Conforme esta intuição, clíticos são “feature movement [...]”. On this view clitic-doubling languages are languages permitting feature movement without pied-piping [...]. In clitic-doubling constructions, clitics are formal features of DPs that move overtly without phrasal pied-piping.”

<sup>42</sup> “[...] the copying or sharing of features occurs in the morphology, after the syntax.” (BOBALJIK, 2006, p. 1)

linha de investigação, estes clíticos não necessitam de ter seu traço de Caso valorado, pois a sua presença na estrutura não se deve a um fenômeno sintático, mas antes a uma operação do componente (morfo)fonológico. Além disso, como já houve valoração dos traços de Caso entre o verbo e seu argumento interno, não sobraria nenhum outro traço de Caso a ser valorado entre o verbo e o clítico.

Ainda segundo Bobaljik (2006), traços-phi não contribuem com a interpretação semântica das sentenças<sup>43</sup>. Línguas nas quais o verbo finito é elidido mostram claramente que estes traços podem ser ignorados em contextos de elipses, conforme se vê pelo exemplo em (10):

(10) Ele sempre comprava aqui, mas nós não [comprávamos]. (BOBALJIK, 2006, p. 1)

Desse modo, ao assumir que clíticos em estruturas de redobro são apenas realizações de traços-phi, estamos considerando que sua presença não altera o significado da sentença. É possível a ocorrência de um clítico redobrando um D/NP no PB sem que haja alteração do significado básico da oração, conforme se vê em (11)<sup>44</sup>:

---

<sup>43</sup> “[...] phi feature (person, number, gender) are uninterpreted, that is, they do not contribute to the interpretation of the sentence.” (BOBALJIK, 2006, p. 1)

<sup>44</sup> O redobro acusativo de um DP pronominal no espanhol é obrigatório. No entanto, acreditamos que a agramaticalidade de uma frase como “\**Vi a él*” se deve, possivelmente, à não-satisfação de algum traço de margem e não a uma alteração de significado da sentença. Ou seja, o fato de a derivação deste enunciado não convergir se deveria a um problema sintático e não semântico. Alguns nativos disseram que se esta frase fosse pronunciada por um estrangeiro, por exemplo, seria sim possível recuperar o referente de *él*, sem comprometimento da comunicação. Deixaremos, porém, esta questão para uma pesquisa futura.



- (11a) Eu amo *você*.  
(11b) Eu *te* amo.  
(11c) Eu *te<sub>i</sub>* amo *você<sub>i</sub>*.

Apesar de tecer uma abordagem teórica bastante diferente da nossa, Jaeggli (1986, p. 148, 151) afirma que alguns clíticos dativos, como os dativos éticos ou os presentes em construções de posse inalienável ou alienável, não participam de mecanismos de valoração de traços de Caso<sup>45</sup>. Os exemplos seguintes do espanhol também mostram que a presença do clítico não implica valoração de traço de Caso nem altera o significado básico da sentença, indicando apenas uma certa espontaneidade por parte do falante (cf. JAEGGLI, 1986, p. 149):

- (12a) *Te* quedaste calladito.  
Você *se* ficou caladinho.  
“Você ficou caladinho.”  
(12b) *Me* muero por ver las Olimpiadas.  
*Me* morro de vontade de ver as olimpíadas.  
“Morro de vontade de ver as olimpíadas.”

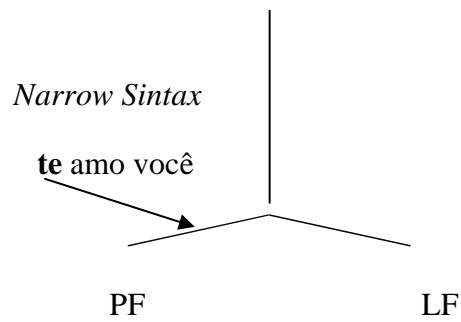
Em seu estudo, Jaeggli percebe que a presença de um clítico em espanhol pode estar dissociada de Caso. O mesmo fato é constatado por Suñer (1988, p. 182) quando ela propõe que os clíticos presentes em construções de redobro não são absorvedores de Caso. Como se pode observar, embora apresentem propostas distintas, ambos notam que o clítico não necessariamente tem que participar da operação de valoração de Caso. Por conseguinte, a constatação destes autores seria uma evidencia a mais para nossa proposta de inserção tardia do clítico.

---

<sup>45</sup> Para conhecer mais a proposta de Jaeggli, remetemos o leitor à seção 1.1.1 do Capítulo 1.

Os clíticos não alcançam a interface semântica nem participam da sintaxe estrita (*narrow syntax*), como pode ser visualizado no esquema em (13), a seguir:

(13) Inserção do clítico em PF



Neste esquema (adaptado de BOBALJIK, 2006, p. 2), temos que a inserção do clítico ocorrerá no nível PF, logo após a derivação sintática. Enfim, o fato de o clítico não participar da sintaxe estrita o exime da necessidade de valoração de Caso, permitindo que esta operação se dê, sem nenhum problema, entre o verbo e o D/NP.

### 4.3. RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, buscamos motivar que clíticos em estruturas de redobro são, ao final de contas, instanciações de traços-phi do D/NP no núcleo verbal. Algumas evidências empíricas foram apontadas para mostrar que esta inserção do clítico se dá após o Spell-Out, a saber:

- (i) os clíticos não são argumentos verbais e, portanto, não participam dos mecanismos de valoração do traço de Caso nem da atribuição de papel temático;
- (ii) podem coocorrer com D/NPs que preenchem a posição de argumento interno de verbos transitivos;
- (iii) a presença do clítico não altera o significado básico da sentença;
- (iv) os clíticos, neste sentido, serão vistos apenas como a realização dos traços-phi do D/NP no núcleo verbal.

No capítulo seguinte, tomando por base o modelo de derivação por fases (cf. CHOMSKY, 2005), apresentaremos nossa proposta para a derivação sintática das estruturas de redobro valendo-nos dos conceitos assentados nos capítulos 3 e 4, repetidos a seguir:

- (i) o D/NP, argumento interno do verbo, para ser redobrado não pode ser um NP nu e deve apresentar os traços [+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO];

(ii) o clítico que redobra este D/NP teria um estatuto quase afixal e seria a cópia dos traços-phi do D/NP no verbo.

## CAPÍTULO 5

### **PROPOSTA TEÓRICA**

Após descrever o redobro de  $D/NPs_{ACC / DAT}$ , observá-lo desde diferentes análises teóricas e estabelecer, a partir de suas condições de produção, o importe semântico-sintático que o D/NP carrega e o estatuto do clítico, arrematamos neste capítulo a proposta teórica. Mais precisamente, a nossa hipótese é que (i) o redobro pode ser entendido como instanciação de traços-phi; (ii) estes traços são inseridos, pós-sintaticamente, em um núcleo funcional das sentenças transitivas, o que dependerá das escolhas paramétricas de cada língua; e (iii) a ocorrência do clítico em ênclise no espanhol é resultado do movimento do verbo lexical para núcleo da categoria aspectual, AspP, antes da inserção do clítico em  $v^0$ . A forte evidência a favor desta análise tem a ver com uma curiosa distribuição complementar que existe na posição do clítico pronominal que redobra os  $D/NPs_{ACC / DAT}$  no PB e no espanhol, mais especificamente em construções com perífrases verbais. O que se observa é que, no PB, o clítico ocorre sempre em próclise ao verbo lexical, enquanto, em espanhol,

ele pode vir em ênclise ao verbo temático ou ainda, em alguns contextos mais específicos, em próclise ao verbo funcional situado em T<sup>0</sup>. Infelizmente, por razões de tempo e espaço, não discutiremos a derivação e a inserção do clítico nas estruturas do romeno e do grego.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, apresentaremos os pressupostos teóricos do modelo de fases (CHOMSKY, 2005) que embasaram as análises desta proposta. Logo, proporemos as derivações das ocorrências de redobro no PB e no espanhol. Finalmente, na última seção, apresentaremos o resumo do capítulo.

### **5.1. MODELO DE FASES PROPOSTO POR CHOMSKY (2005)**

Como pretendemos analisar o redobro de clíticos utilizando como suporte teórico o modelo de derivação por fases, faremos, nesta seção, um breve apanhado dos principais conceitos do Programa Minimalista, tal como elaborado por Chomsky (2005).

Segundo Chomsky (2005, p. 1), de uma perspectiva biolingüística, a Faculdade da Linguagem (*Faculty of Language* - FL) é vista como um órgão do corpo composto de três fatores, os quais participam de sua maturação e de seu desenvolvimento, a saber: (i) dados provenientes da experiência, (ii) herança genética

e (iii) princípios de arquitetura, restrições sobre o desenvolvimento e maturação que não são específicos ao órgão em investigação. Acompanhando esta perspectiva, a linguagem humana é uma forma ótima de unir som e significado. Isso significa que o que faz a língua ser como ela é seria justamente a interface entre os sistemas conceitual-intencional (CI) e sensório-motor (SM). Daí resulta a hipótese minimalista forte [*Strong Minimalist Thesis* (SMT)], segundo a qual a linguagem é uma solução ótima para as condições de interface que a FL deve satisfazer.

O sistema de infinidade discreta<sup>46</sup> consiste de objetos hierarquicamente organizados e está baseado em operações que tomam  $n$  objetos sintáticos (SO) já formados e constrói, a partir deles, novos objetos sintáticos (SOs), por meio de operações sucessivas denominadas JUNTAR [do inglês, *Merge*]. É esta operação que junta dois itens X e Y, formando o par {X, Y}, preservando-lhes os traços iniciais. X e Y não se alteram, respeitando, assim, a condição de não-mudança<sup>47</sup>. Conforme Chomsky (2005), há dois tipos de operação JUNTAR (MERGE): (i) o *external merge* (EM), que é a relação sintática de c-seleção que se dá entre um predicador e o seu argumento interno, esta operação apenas junta dois elementos e (ii) o *internal merge* (IM), o qual implica movimento de um item de sua posição de base para uma posição SPEC derivada.

---

<sup>46</sup> Uso infinito de meios finitos. (CHOMSKY, 1998, p. 18)

<sup>47</sup> No Tempering Condition – NTC

Nas línguas, os objetos sintáticos são gerados em um lugar, onde, em geral, recebem interpretação semântica, e são pronunciados em uma posição derivada. Esta discrepância tem a ver com o fato de os movimentos “atrapalharem” a ordem básica inicial em que os itens são, de fato, gerados e interpretados. Segundo esta abordagem, são estes movimentos que permitem a valoração de traços formais<sup>48</sup> e que motivam a teoria da checagem, proposta por Chomsky a partir do início da década de 90.

Yoon (2000, p. 4) afirma que numa relação AGREE são necessários dois elementos: uma sonda e um alvo. Esses dois objetos devem se relacionar assimetricamente para que a operação AGREE se concretize<sup>49</sup>. A operação JUNTAR (*Merge*) se dá sempre à margem de um item lexical, doravante LI. Se um LI entra na derivação e seu traço de margem (*edge feature* – EF) não é minimamente satisfeito, a derivação não vai convergir (Chomsky, 2005, p.10). Durante a computação sintática, à medida que uma informação vai sendo mandada a Spell-Out, ela vai sendo esquecida e não é mais acessada em estágios subseqüentes da derivação. Para dar conta de fatos como estes, Chomsky (1999) propõe a Condição de Impenetrabilidade

---

<sup>48</sup> Segundo Chomsky (1998, p. 51), “os traços se subdividem em ‘traços formais’ que são usados pelas operações computacionais que constroem a derivação de uma expressão, e outros que não são acessados diretamente, mas somente ‘carregados juntos’.”

<sup>49</sup> “Agree is not symmetric, but an **asymmetric**, relation between a **Probe** and a **Goal**. The probe has uF features while the Goal has ‘matching’ iF features. Agree eliminates the uF features on the Probe by ‘valuing’ them and ‘removing’ them / ‘spelling them out phonologically’. **Valuing** is unification of the values of the features.” (YOON, 2000, p. 4)



de Fase [*Phase Impenetrability Condition* (PIC)]<sup>50</sup>. Tal condição é formulada por Svenonius (2000)<sup>51</sup> (adaptação de Chomsky, 1999) da seguinte maneira:

(1) *Phase Impenetrability Condition*: numa fase forte HP, na configuração

[<sub>ZP</sub> Z.....[<sub>HP</sub>  $\alpha$  [H YP]]], ZP a fase forte mais próxima:

- a. o domínio de H, no caso YP, não é mais acessível a operações em ZP, mas somente H e sua margem.

Chomsky define fases como os domínios nos quais os traços ininterpretáveis são valorados, de sorte que uma fase é entendida como sendo uma parte ativa durante a derivação sintática. Duas categorias funcionais são cruciais para identificarmos as fases fortes: o verbo leve  $v^0$ , que encabeça a projeção v-VP, e o complementizador  $C^0$ , que encabeça o nível C-TP. Desse modo,  $v^*P$  e CP são os lugares em que os Casos estruturais do DP sujeito e do DP objeto são valorados. Portanto,  $v^0$  e  $C^0$  encabeçam as duas fases fortes. Quando uma fase é construída, a anterior, mais encaixada, deve ir a Spell-Out, tornando seu complemento opaco para operações sintáticas subseqüentes.

CP é uma categoria funcional que possui dois traços, a saber: o traço de margem e os traços de Agree. O núcleo  $v^*$ , por sua vez, entra numa relação de concordância com o núcleo  $V^0$  e possui um traço de Caso a atribuir ao DP objeto. É

---

<sup>50</sup> “In phase  $\alpha$  with head H, the domain of H is not accessible to operations outside  $\alpha$ , only H and its edge are accessible to such operations.” (CHOMSKY, 2000, p. 108)

<sup>51</sup> “Phase Impenetrability Condition: In [<sub>ZP</sub> Z.....[<sub>HP</sub>  $\alpha$  [H YP]]], HP a strong phase, ZP the next higher strong phase: The domain of H (here, YP) is not accessible to operations at ZP, but only H and its edge.” (SVENONIUS, 2000, p. 3)

esta propriedade do núcleo  $v^0$  que faz com que, em algumas línguas, o objeto se mova visivelmente para a posição de SPEC-VP, para receber o Caso acusativo / absoluto<sup>52</sup>. Além disso, postula-se que há uma assimetria entre o complexo C/TP e v/VP, visto que o núcleo  $T^0$  pode aparecer sem a projeção CP, mas o núcleo  $V^0$  requer sempre que o núcleo  $v^0$  esteja presente em sintaxe visível.

Resumindo o que vimos assumindo até aqui, parece que as “imperfeições” da língua humana, como a propriedade do deslocamento e a existência de traços formais ininterpretáveis (cf. CHOMSKY, 1998, p. 54), podem ser vistas sintaticamente da seguinte maneira: itens lexicais são selecionados do léxico e, pela operação JUNTAR (*Merge*), formam-se novos objetos sintáticos que irão participar das derivações subseqüentes. Para que a operação JUNTAR se aplique, um item lexical deve conter um traço de margem, compreendido como a posição mais próxima da sonda<sup>53</sup>. A sonda, numa relação AGREE com o alvo, valorará seus traços ininterpretáveis que, uma vez valorados, são apagados antes que a derivação seja

---

<sup>52</sup> Parece ser esta a situação que ocorre em línguas da família lingüística Tupi-Guarani, como é a situação do Tenetehára em que o objeto precede sistematicamente o verbo nas orações subordinadas. Nessas orações o verbo em geral recebe o prefixo {r-}, o qual sinaliza para a sintaxe o Caso estrutural do objeto, conforme o dado a seguir, retirado de Duarte (2007, p. 3):

- (1a)    *w-esak*                      *awa*  
           3-ver                        homem
- (1b)    *dawar*                      *ka'i<sub>i</sub>*                      *r<sub>i</sub>-aro*                      *mehe*  
           onça                        macaco                      ABS-esperar                      COMP  
           “O homem viu quando a onça esperava o macaco.”

<sup>53</sup> “[...] taking the ‘edge’ to be the position as close as possible to the probe.” (Chomsky, 2005, p.7)

enviada para os níveis de interface, ou seja, para os componentes semântico e fonológico.

Duas são as fases fortes que permitem a valoração do traço de Caso estrutural dos DPs sujeito e objeto: a fase correspondente ao complexo C-TP e a fase que envolve o complexo v-VP. Assim, os objetos sintáticos vão passando para novas etapas da derivação até serem finalmente enviados para o componente fonológico, quando serão, então, percebidos pelo sistema sonsório-motor e interpretados pelo sistema conceitual-intencional que lhes atribuirá um significado. Dessa maneira, a linguagem pode satisfazer às condições de interface e estas, por sua vez, permitem que sejam preservadas as propriedades específicas da linguagem humana.

## **5.2. DERIVANDO ESTRUTURAS COM REDOBRO**

Nesta seção, o objetivo é implementar a derivação das estruturas de redobro, utilizando o modelo de fases, tal como proposto por Chomsky (2005). Parte de nossa análise teórica se baseia também na proposta elaborada por Bobaljik (2006), segundo a qual traços-phi são inseridos pós-sintaticamente. Acreditamos que, durante a derivação sintática, haja múltiplos Spell-Out. Assim, ao final de cada fase, ou seja, após a valoração de cada traço ininterpretável (cf. CHOMSKY, 2005), haverá sempre

um Spell-Out. Nesta linha de raciocínio, apenas quando o SO é mandado a Spell-Out, é que o clítico poderá ser inserido no componente fonológico. Na subseção 5.2.1, o foco de atenção estará direcionado às construções com redobro de D/NPs acusativos; em seguida, na subseção 5.2.2, analisaremos as construções de redobro dativo e, na última subseção, analisaremos o redobro em estruturas que apresentam perífrases verbais. Assumiremos que, em todos esses contextos, a inserção do clítico ocorre após o Spell-Out.

### 5.2.1. DERIVAÇÃO DE ESTRUTURAS DE REDOBRO ACUSATIVO

Na derivação por fases que estamos adotando para analisar construções com redobro de clíticos, em contextos que apresentam apenas um verbo (temático), haverá a valoração de todos os traços ininterpretáveis da sentença e, logo após o último Spell Out, haverá a inserção tardia do clítico. Acompanhando esta análise, proporemos que a derivação da sentença (2), a seguir, ocorre como descrito no próximo parágrafo<sup>54</sup>.

(2) Eu *te<sub>i</sub>* amo *você<sub>i</sub>*.

A derivação começa com a seleção de dois itens do léxico: o verbo *amar* e o pronome *você*. Quando este verbo, para satisfazer seu traço [*uN*], c-seleciona um

---

<sup>54</sup> Esta proposta também se aplica ao espanhol. Contudo, a preposição *a* presente em construções de redobro acusativo estaria dentro do D/NP que é redobrado.

complemento, aqui representado pelo D/NP *você*, temos o primeiro Merge. Numa etapa seguinte, o VP, já projetado, junta-se ao núcleo  $v^0$ . Este núcleo, por sua vez, estabelece uma operação AGREE com o objeto direto, o qual já vem do léxico com um traço de Caso a ser valorado no curso da derivação sintática. Nesse sentido, o sistema computacional dará um valor de Caso (acusativo) para o núcleo  $v^0$  atribuir ao  $DP_{ACC}$  (cf. BRANIGAN, 2005). Em nossa análise, o Caso acusativo é valorado com o objeto permanecendo *in situ*, visto que o PB não licencia movimento visível do objeto para a posição de Spec-VP. Neste ponto da computação sintática teríamos a estrutura “*eu amo você*” com o traço de Caso acusativo já valorado. Esta estrutura será então enviada a Spell-Out.

Respeitando ao PIC, o objeto sintático formado “*eu amo você*” não estará mais sujeito a novas operações, apenas o núcleo “*amo*” e seu SPEC “*eu*”, que estão na margem da estrutura v-VP, é que poderão passar para a próxima fase a fim de valorar traços ainda não-valorados. O verbo, então, move-se para  $T^0$  e o sujeito, por sua vez, move-se para Spec TP. A sonda  $T^0$  possui um traço de tempo interpretável<sup>55</sup> e estará, portanto, apta a valorar o traço de Caso nominativo do DP sujeito por meio de uma operação AGREE local. O sujeito, que neste caso seria o alvo, possui os traços-phi interpretáveis necessários para valorar os traços-phi ininterpretáveis da sonda  $T^0$ . É esta operação que, então, permitirá que o traço de Caso estrutural do sujeito seja, então, valorado pela sonda  $T^0$ . Logo, sonda e alvo se combinam, valorando e

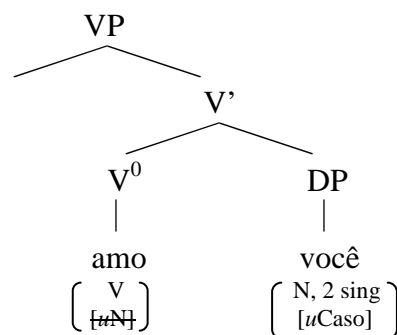
---

<sup>55</sup> “[...] finite T always bears a [nom] feature.” (ADGER, 2003, p. 213)

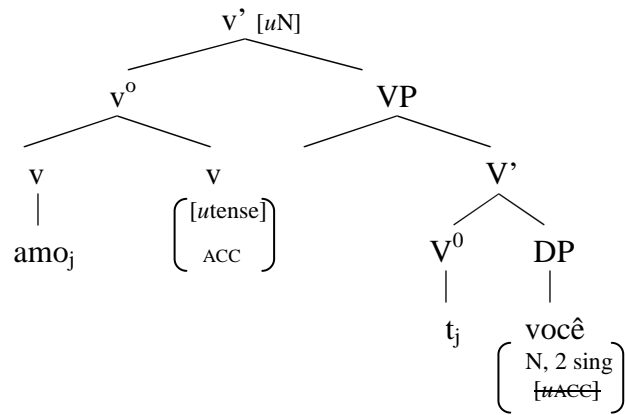
apagando os traços-phi ininterpretáveis da sonda e, também, valorando e apagando o traço de Caso estrutural do alvo. T possui ainda um traço c-seleccional [ $\mu$ N] (cf. ADGER, 2003, p. 215) que exige o preenchimento da posição de especificador. Sendo assim, o sujeito, realizado pelo pronome *eu*, deverá se mover para Spec-TP para satisfazer a esta exigência. No âmbito da abordagem do Programa Minimalista, tal exigência é, em geral, descrita como sendo o EPP. Dessa maneira, a derivação da sentença “*Eu amo você*” se completa e é mandada a Spell Out. Logo, o clítico é inserido em T<sup>0</sup>, visto que pronomes clíticos necessitam de um verbo como hospedeiro, formando a sentença “*Eu te amo você*”. A derivação detalhada desta sentença (2) pode ser visualizada como indicado pelas seguintes etapas:

- (2a) Eu *te<sub>i</sub>* amo *você<sub>i</sub>*.  
 (2b)

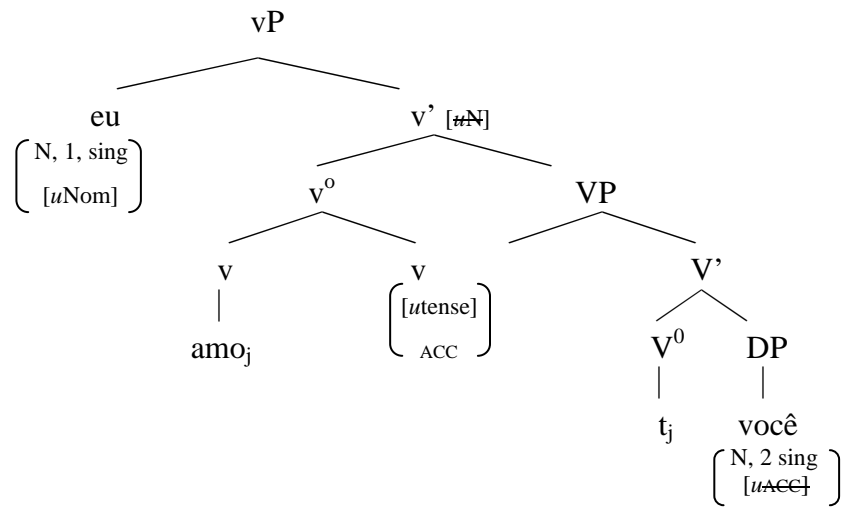
**PASSO 1: MERGE** entre o DP e o verbo temático



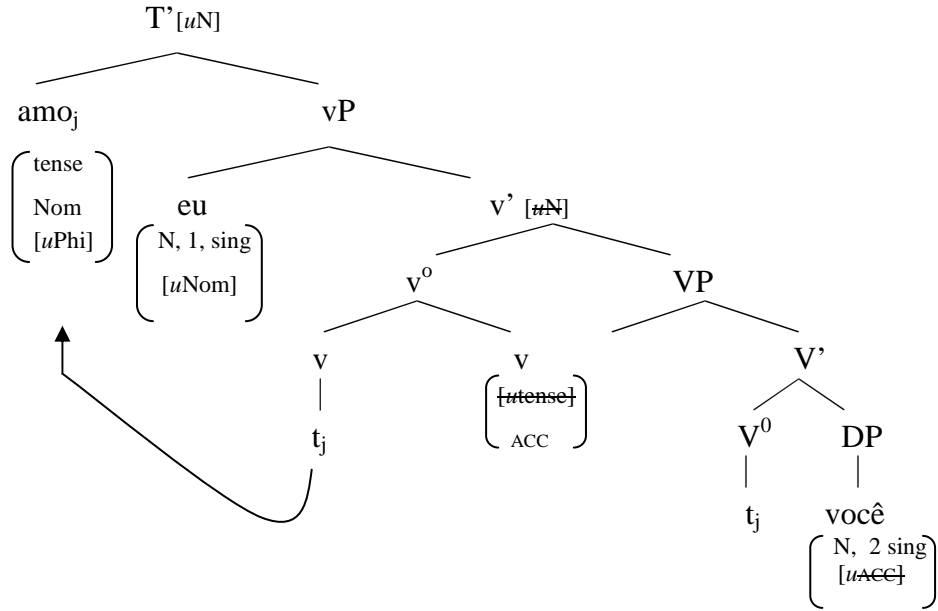
**PASSO 2: MERGE do verbo leve v e valoração do Caso do objeto**



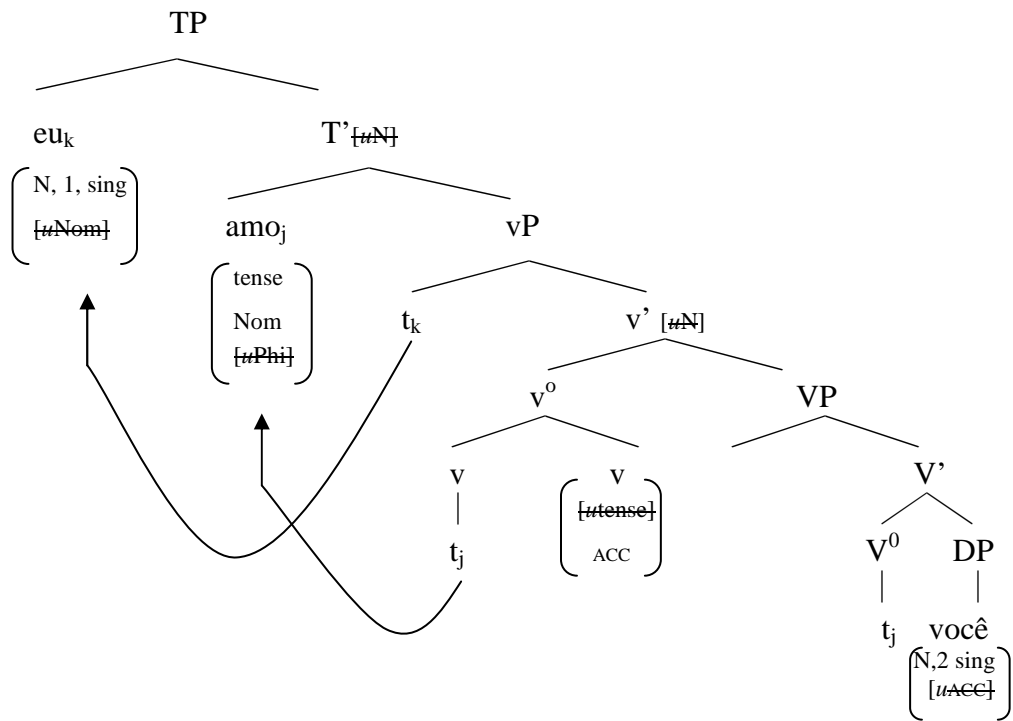
**PASSO 3: MERGE do argumento externo**



**PASSO 4:** Movimento do verbo até o núcleo T°

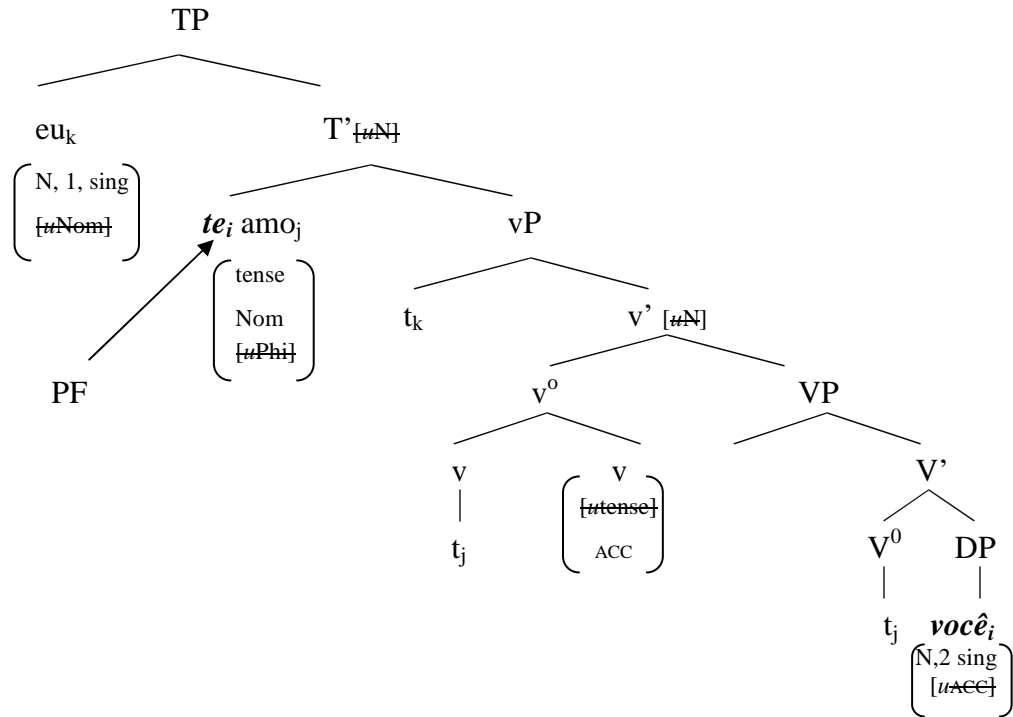


**PASSO 5:** Valoração do traço de Caso nominativo do sujeito da sentença e satisfação a EPP





**PASSO 6:** Inserção do pronome clítico em T<sup>0</sup>



A derivação proposta pressupõe que, logo depois que o verbo leve se junta a VP por Merge, o núcleo  $v^0$  estabelece uma operação AGREE com o objeto direto, valorando-lhe o traço de Caso acusativo. Neste ponto, podemos considerar que a diferença entre línguas [OV] e línguas [VO] relaciona-se com o movimento do objeto para Spec-vP somente na primeira, enquanto que as línguas [VO] não disponibilizam o movimento visível do objeto. Assim sendo, a predição que faremos é que somente línguas [VO], como o português e o espanhol, permitirão construções com redobro. Já as línguas [OV], como o Basco e o Tenetehára, não licenciariam o redobro do objeto por meio de um clítico para instanciar seus traços-phi, porque o objeto movido para a

posição de Spec-vP barrará a inserção deste traço, uma vez que o DP movido, de certa forma, já faz as vezes do clítico. A partir destas intuições iniciais, que, evidentemente, merecem uma pesquisa interlingüística mais detalhada no futuro, proporemos o seguinte filtro:

- (3) *O redobro de pronomes clíticos ocorrerá, possivelmente, apenas em línguas [VO], visto que estas não licenciam movimento visível do objeto para Spec-vP.*

Com respeito à presença de preposições em construções com redobro acusativo, vimos, no Capítulo 3, que algumas línguas apresentam o DP precedido por uma preposição funcional, enquanto línguas como o PB não a exibem. Esta diferença paramétrica entre as línguas, i.e., realização vs não-realização de preposições antes de DPs<sub>ACC</sub>, levou-nos a considerar que a preposição não participa do mecanismo de valoração do traço de Caso acusativo. Por enquanto, tomaremos como hipótese que a preposição é um marcador semântico do objeto. No espanhol e no romeno, por exemplo, a preposição seria um elemento funcional que codificaria o importe [+ANIMADO] e/ou [+ESPECÍFICO] ao D/NP na função sintática de objeto direto<sup>56</sup>. Entretanto, deixaremos esta discussão para uma pesquisa futura.

---

<sup>56</sup> Cf. Suñer (1988), Leonetti (2002), Bleam (1999), Mayer (2003), entre outros.

### 5.2.2. DERIVAÇÃO DE ESTRUTURAS DE REDOBRO DATIVO

Quanto às sentenças com redobro de objeto indireto, postularemos que a derivação acontece de maneira semelhante tanto no PB quanto no espanhol. As operações sintáticas podem ser assim descritas: após o VP ter sido formado e o traço de Caso do objeto indireto ter sido valorado pela preposição, há o envio deste SO a um primeiro Spell-Out. A derivação continua com o núcleo  $v^0$  sendo juntado ao VP e valorando o traço de Caso do objeto direto, se houver um, como é a situação das construções com verbos biargumentais. Para que a derivação convirja, é necessário ainda que o sujeito e o núcleo  $T^0$  tenham todos os seus traços formais ininterpretáveis valorados. Por esta razão, o verbo e o seu argumento externo, os quais estão na margem da fase v-VP, passam para a fase C-TP.  $T^0$  valoriza o traço ininterpretável de tempo do verbo, bem como o traço ininterpretável de Caso do sujeito e tem também seus traços-phi ininterpretáveis valorados. Em seguida para satisfazer ao EPP, o argumento externo é, então, movido a Spec-TP. Há outro Spell-Out e a estrutura formada é enviada a PF, onde o clítico será inserido, terminando assim a derivação.

É importante destacar que, à diferença do redobro acusativo preposicionado, a preposição presente no núcleo do PP complemento parece ser o item responsável pela valoração do traço de Caso do D/NP argumento interno do verbo transitivo indireto. O fato curioso aqui é que as línguas se distinguem tanto em relação ao uso da preposição que introduz um D/NP<sub>OBJETO INDIRETO</sub>, quanto à sua função e categorização.

Embora definir o comportamento léxico-sintático das preposições não seja o foco deste trabalho, ao ler um pouco sobre o estatuto das preposições, foi possível perceber que existe uma gradação quanto ao traço [+ ou – LEXICAL] da preposição. Segundo Farias (2006), há três tipos de preposições: (i) preposições funcionais que apenas realizam Caso e não alteram o papel temático do DP; (ii) preposições lexicais plenas: responsáveis pelo Caso e papel temático do DP complemento do núcleo preposicional P<sup>o</sup>; e, finalmente, (iii) preposições *half way* que atribuem Caso inerente ao seu DP complemento e que, em parceria com o verbo, são predicadores auxiliares na atribuição do papel temático. Não definiremos qual seja o exato estatuto das preposições presentes em construções de redobro dativo. Apenas consideraremos que elas seriam responsáveis pelo traço de Caso do objeto indireto e que, em outra etapa da derivação, ocorreria a cópia os traços-phi do D/NP<sub>OBJETO INDIRETO</sub> no núcleo funcional T<sup>o</sup>. A partir destas considerações, acreditamos que o estatuto teórico das preposições em construções com redobro constitua mais um tópico para futuras investigações.

A proposta de inserção do clítico acusativo ou dativo em construções de redobro sem perífrases pode ser esquematicamente resumida, conforme se vê na tabela seguinte:

TABELA (7)

**INSERÇÃO DOS CLÍTICOS EM CONSTRUÇÕES DE REDOBRO SEM PERÍFRASES**

Línguas	Núcleo funcional em que o clítico é inserido	Há movimento do verbo?
PB	T <sup>o</sup>	Sim, de v <sup>o</sup> →T <sup>o</sup>
Espanhol	T <sup>o</sup>	Sim, de v <sup>o</sup> →T <sup>o</sup>

Quando temos construções com redobro com apenas um verbo temático parece haver uniformidade quanto à inserção do clítico. Tanto no português quanto no espanhol, o clítico que redobra um D/NP<sub>ACC / DAT</sub> é inserido em T<sup>o</sup>. Observando os dados do romeno e do grego, aventaremos a hipótese que nestas línguas o local de inserção do clítico seja o mesmo que no PB e no espanhol. Quando se têm construções de redobro com perífrases verbais, o local de inserção do clítico parece variar, conforme veremos na seção seguinte.

**5.2.3. DERIVAÇÃO DE ESTRUTURAS DE REDOBRO COM PERÍFRASES VERBAIS**

Segundo apontam nossos dados, em construções com perífrases, diferentemente das construções apenas com verbos temáticos, a inserção de traços-phi poderá ocorrer em diferentes pontos da derivação, emergindo nessas situações a

próclise ou a ênclise, dependendo da variação paramétrica que se observa nas línguas quanto ao momento em que os traços-phi do D/NP<sub>OBJETO</sub> são inseridos. Nota-se que há uma importante diferença entre o espanhol e o PB quanto à colocação dos clíticos nas construções perifrásticas, as quais envolvem dois verbos: um verbo funcional e um verbo temático.

Em relação ao espanhol, o que se observa é que o clítico sempre ocorre em próclise ao verbo funcional, quando a perífrase traz o verbo temático na forma do participípio. Já nas perífrases envolvendo o verbo temático na forma de gerúndio, o clítico é, opcionalmente, inserido em próclise ao verbo funcional ou em ênclise ao verbo temático (cf. FERNÁNDEZ-SORIANO, 1993, p. 39), como indicam os exemplos a seguir:

- (4a) *me<sub>i</sub>* había hablado *a mí<sub>i</sub>*.
- (4b) \*había habladome<sub>i</sub> *a mí<sub>i</sub>*.
- (4c) \*había *me<sub>i</sub>* hablado *a mí<sub>i</sub>*.
- (5a) *te<sub>i</sub>* estoy viendo *a tí<sub>i</sub>*.
- (5b) estoy viéndote<sub>i</sub> *a tí<sub>i</sub>*.
- (5c) \* estoy *te<sub>i</sub>* viendo *a tí<sub>i</sub>*.

Já no PB, observa-se o oposto. Nesta língua o clítico é inserido sistematicamente em próclise ao verbo temático em construções envolvendo o participípio e o gerúndio, conforme demonstram os dados em (6) e (7):

- (6a) \* [...] *me<sub>i</sub>* tinha falado *comigo<sub>i</sub>*.
- (6b) \* [...] tinha falado-*me<sub>i</sub>* *comigo<sub>i</sub>*.
- (6c) [...] tinha *me<sub>i</sub>* falado *comigo<sub>i</sub>*. [Corpus de Fala Ouro Pretana]

- (7a) \* Eu *te<sub>i</sub>* tô vendo *você<sub>i</sub>* no espelho.  
(7b) \* Eu tô vendo-*te<sub>i</sub>* *você<sub>i</sub>* no espelho.  
(7c) Eu tô *te<sub>i</sub>* vendo *você<sub>i</sub>* no espelho. [Fala espontânea]

Vejam que os dados das duas línguas arrolados acima levantam a seguinte questão:

- (8) como explicar a relação espelhada que se nota no PB e no espanhol, visto que, apenas na primeira língua, o clítico orbita procliticamente ao verbo temático, enquanto, no espanhol, permite-se apenas a ênclise ao verbo principal ou a próclise ao verbo auxiliar?

Para responder esta indagação, postularemos que, em PB somente, a inserção do clítico ocorre sistematicamente em  $v^0$ , enquanto, no espanhol, a inserção do clítico variará mais, podendo ocorrer ora no núcleo  $v^0$  ora no núcleo  $T^0$ . Defenderemos a hipótese que a inserção do clítico dependerá do traço aspectual que a sentença carrega. Assim, será crucial para nossa análise a proposição de um núcleo funcional de natureza aspectual, situado a meio caminho entre TP e vP, local para onde o verbo temático no espanhol se desloca na sintaxe estrita (*narrow syntax*). Os detalhes desta análise serão explorados nas seções subsequentes.

### 5.2.3.1. INSERÇÃO DOS CLÍTICOS NAS PERÍFRASES DO PB

Segundo Galves (2001, p. 133), o PB é uma língua de caráter essencialmente proclítico. Além disso, “nas locuções verbais compostas por um auxiliar seguido de um particípio ou gerúndio, ou por um verbo modal seguido de um infinitivo, o pronome se liga, em próclise, ao verbo principal (temático)”. Nos dados de redobro selecionados para esta pesquisa, encontramos algumas ocorrências que confirmam esta intuição, a saber:

- (9) Vou *te<sub>i</sub>* contar uma coisa *pra você<sub>i</sub>*, meu amigo: a situação não está nada fácil.  
[Concurso TJ Militar. Prova disponível no site: [www.fumarc.com.br](http://www.fumarc.com.br)]
- (10) Porque o moço tinha *me<sub>i</sub>* falado *comigo<sub>i</sub>* [Corpus de Fala Ouro Pretana]
- (11) Eu tô *te<sub>i</sub>* vendo *você<sub>i</sub>* no espelho. [Fala espontânea]

Nossa proposta de derivação para enunciados com perífrases verbais prevê que as valorações dos traços de Caso acusativo e dativo se darão conforme apresentado na seção anterior. O que há de novo nas estruturas de (9) a (11) é a presença de uma categoria funcional relacionada ao traço aspectual da sentença, situada entre TP e vP, a qual rotularemos doravante como AspP, conforme a configuração sintática em (12).

- (12) [TP.....[AspP.....[vP.....[VP.....]]]]

Observem que a evidência para a proposição desta categoria está diretamente conectada com os traços aspectuais que as formas de gerúndio e de particípio codificam.

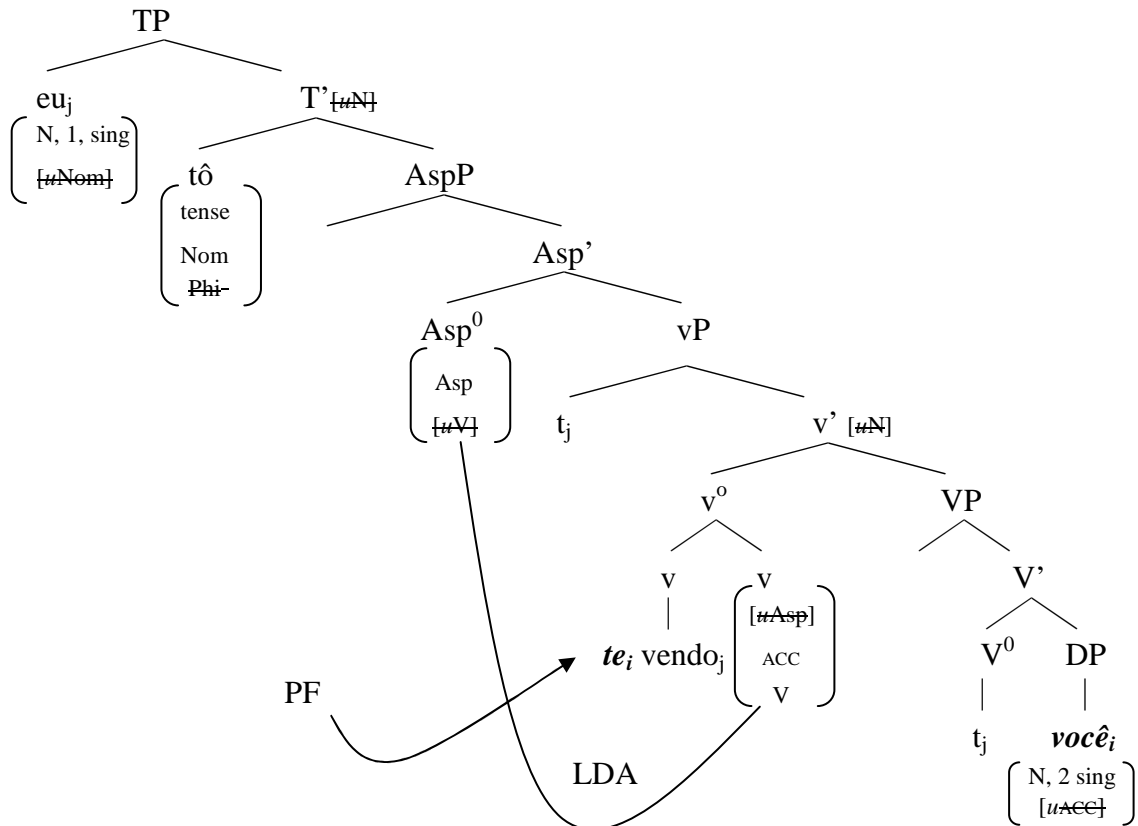


No caso de uma sentença como em (11) “Eu tô *te*<sub>i</sub> vendo *você*<sub>i</sub> no espelho”, o sistema computacional opera de maneira similar à derivação de redobro acusativo apresentada na seção 5.2.1. Porém, o verbo lexical *ver* ocupará o núcleo  $v^0$  e o verbo funcional *estar*, por sua vez, ocupará o núcleo  $T^0$ . Mais precisamente, consideraremos que o verbo temático não se desloca do núcleo  $v^0$  para a posição de núcleo de  $Asp^0$  na sintaxe estrita. Segundo esta análise, o movimento do verbo para  $Asp^0$  é, então, procrastinado até LF. O traço aspectual interpretável [*iASP*] do núcleo  $Asp^0$  valorará o traço ininterpretável [*uASP*] do verbo temático por meio de uma operação AGREE que se dá à distância (= *Long Distance Agreement*) e, por este mesmo mecanismo, ocorrerá a valoração do traço categorial ininterpretável V [*uV*] do núcleo  $Asp^0$  pelo núcleo  $v^0$  que possui um traço categorial V interpretável. Esta estrutura é mandada a Spell Out e o pronome clítico é inserido no núcleo  $v^0$ . Notem que é isso que explicará a razão pela qual o clítico permanecerá em próclise ao verbo lexical no PB, diferentemente do espanhol. A derivação segue, então, para a próxima fase forte C-TP, quando serão valorados todos os traços formais ininterpretáveis que ainda persistirem até a segunda fase forte.

Consideraremos que, nas perífrases verbais do PB, os traços-phi do D/NP<sub>ACC</sub> /<sub>DAT</sub> serão inseridos, após o Spell-Out, em  $v^0$ , fato que, a nosso ver, explicará a ocorrência do clítico em posição de próclise ao verbo lexical. A configuração arbórea em (13b) mostra a derivação completa da estrutura de redobro da frase (11), repetida a seguir como (13a).

(13a) Eu tô *te<sub>i</sub>* vendo *você<sub>i</sub>* [...].

(13b)



A derivação mostrada acima pauta-se em uma importante constatação de Galves (2001, p. 135) segundo a qual o clítico no PB é proclítico e fortemente atraído pelo verbo lexical. Esta característica do PB o diferencia bastante do espanhol, uma vez que nesta língua o clítico pode curiosamente figurar em próclise ao verbo funcional ou em ênclise ao verbo lexical, mas nunca pode ocorrer entre os dois verbos. Buscar uma explicação para esta variação será o objeto de análise da próxima seção.

### 5.2.3.2. INSERÇÃO DOS CLÍTICOS NAS PERÍFRASES DO ESPANHOL

Em espanhol, a posição na qual os clíticos<sub>ACC/DAT</sub> se encontram não é sempre a mesma. Sua variação parece estar diretamente conectada com as propriedades aspectuais da sentença, ou seja, se o traço aspectual presente em AspP é [+PERF] ou se é [+IMPERF]. Assim, há possibilidade de ênclise ou de próclise quando as perífrases possuírem formas no gerúndio ou no infinitivo, ou seja, quando apresentarem o traço [+IMPERF], conforme se vê pelos exemplos em (14) e (15):

(14a) Yo estoy viéndote<sub>i</sub> **a tí<sub>i</sub>**.

(14b) Yo **te<sub>i</sub>** estoy viendo **a tí<sub>i</sub>**.

(15a) Yo no voy a verte<sub>i</sub> **a tí<sub>i</sub>**.

(15b) Yo no **te<sub>i</sub>** voy a ver **a tí<sub>i</sub>**.

Quando se têm estruturas com participípio, [+PERF], o clítico aparecerá necessariamente proclítico ao verbo funcional, visto que ele não poderá hospedar-se no verbo temático. Tal situação fica evidenciada pela agramaticalidade dos exemplos (16b) e (16c), a seguir.

(16a) El muchacho **me<sub>i</sub>** ha visto **a mí<sub>i</sub>**.

(16b) \* El muchacho ha **me<sub>i</sub>** visto **a mí<sub>i</sub>**.

(16c) \* El muchacho ha visto**me<sub>i</sub>** **a mí<sub>i</sub>**.

Com base nos dados apresentados até aqui, nossa proposta é que a distribuição complementar que se observa quanto à colocação proclítica e enclítica dos pronomes átonos se justifica em função (i) de o clítico ser inserido em momentos distintos no

curso da derivação sintática e (ii) do traço aspectual que a sentença carrega. Assim, parece haver a seguinte correlação no espanhol:

(17a) se  $Asp^0$  possuir o traço [+PERFECTIVO] e se o verbo temático for uma forma no particípio, o clítico é sistematicamente inserido em  $T^0$ ;

(17b) se  $Asp^0$  possuir o traço [+IMPERFECTIVO] e se o verbo for preenchido por uma forma de gerúndio ou infinitivo, o clítico é inserido, opcionalmente, em  $T^0$  ou em  $v^0$ .

Essas intuições iniciais e os dados empíricos arrolados até aqui nos levaram a propor que a ênclise será possível no espanhol porque o verbo temático, que carrega um traço aspectual [ $uASP$ ], precisa ser movido para o núcleo  $Asp^0$ , deixando para trás o clítico em  $v^0$ . A motivação do deslocamento “visível” do verbo para núcleo  $Asp^0$  está possivelmente conectada com a necessidade de valoração do traço categorial  $V$  ininterpretável [ $uV$ ] deste núcleo já na sintaxe estrita (*narrow syntax*). Este traço seria “forte” e engatilharia o movimento do verbo para  $Asp^0$ . Neste ponto da análise, observa-se que a diferença fundamental entre o espanhol e o PB é que apenas neste último o verbo pode valorar os traços aspectual e categorial *in situ*, por meio de uma operação de concordância à distância (*Long Distance Agreement*), situação que explica por que não ocorreria ênclise ao verbo temático no PB. Quanto ao momento em que o clítico é inserido, em espanhol, nossa proposta é que ele será inserido em  $v^0$ , somente após o momento na computação sintática em que o verbo se move de  $v^0$  para  $Asp^0$ .

Com base nesta abordagem, proporemos que a derivação das perífrases do espanhol ocorre de maneira similar à apresentada na seção 5.2.1. Contudo, a novidade aqui é que uma categoria funcional de natureza aspectual [AspP] será ativada, local para onde o verbo temático deverá se deslocar na sintaxe estrita (*narrow syntax*). Assim, a derivação da sentença (18a) “Yo estoy viéndote<sub>i</sub> a ti<sub>i</sub>.”, a seguir, ocorrerá da seguinte maneira: num primeiro momento, o verbo c-seleciona seu complemento e há valoração do Caso acusativo. Como se trata de uma perífrase, o verbo lexical permanecerá em uma posição mais baixa e o verbo funcional ocupará o núcleo T<sup>o</sup>. Além disso, a forma *viendo* deverá valorar o seu traço aspectual ininterpretável por movimento visível até Asp<sup>o</sup>, saindo da posição que ocupava interna a v-VP. Também neste momento ocorrerá a valoração do traço categorial ininterpretável V do núcleo Asp<sup>o</sup>. Há um Spell-Out e, neste instante, o clítico é inserido, resultando a estrutura com ênclise<sup>57</sup>. Passa-se, então, à fase C-TP, para valorar traços ainda não valorados e, finalmente, a derivação se completa. No esquema arbóreo, a seguir, destacamos o momento em que o verbo lexical se move para Asp<sup>o</sup>, etapa (I), e o momento em que há a inserção do clítico, etapa (II). Na derivação seguinte, apresentamos as valorações que ocorrem no nível C-TP.

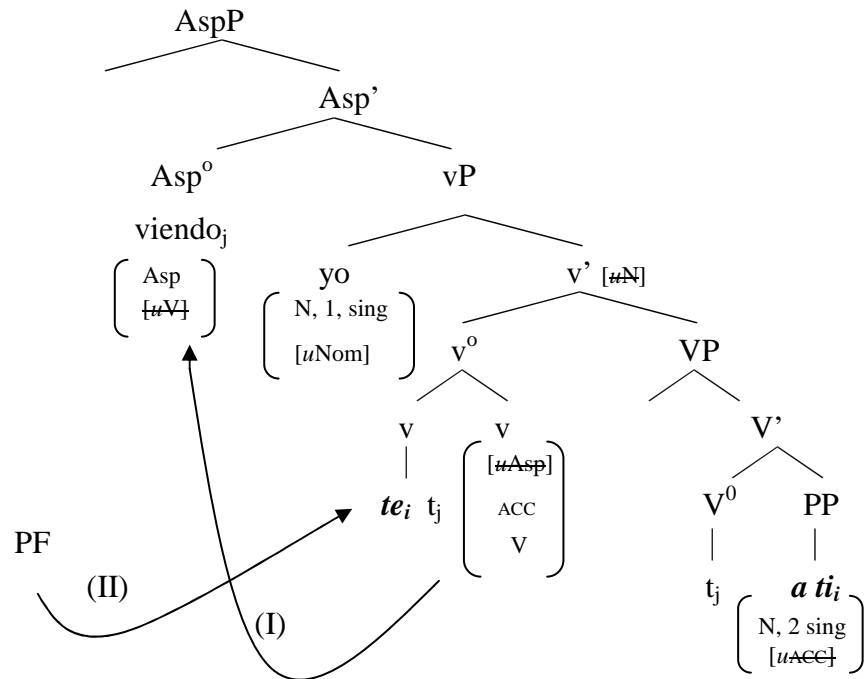
---

<sup>57</sup> O falante lê uma única forma: *viéndote*.

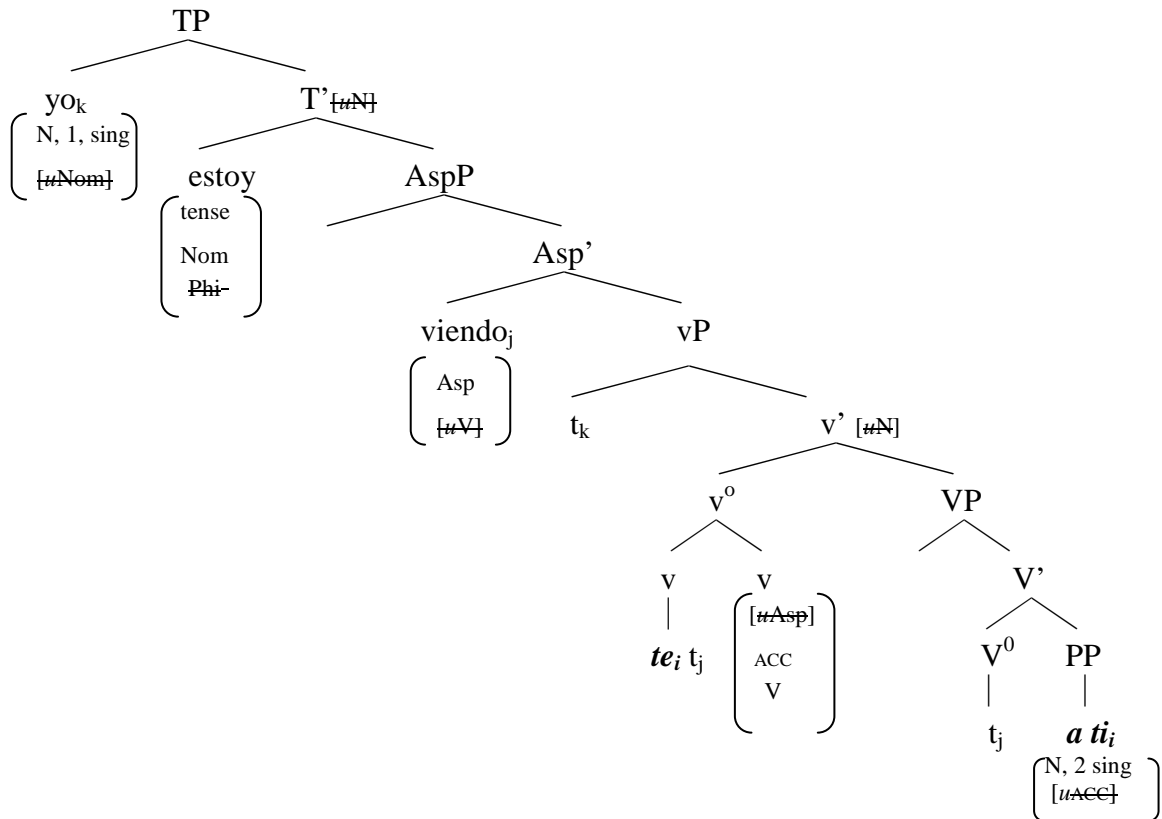
(18a) Yo estoy viéndote; *a ti*.

(18b)

**DERIVAÇÃO 1:** Movimento do verbo lexical até o núcleo Asp<sup>0</sup> e inserção do clítico



**DERIVAÇÃO 2:** Satisfação a EPP e atribuição de Caso nominativo

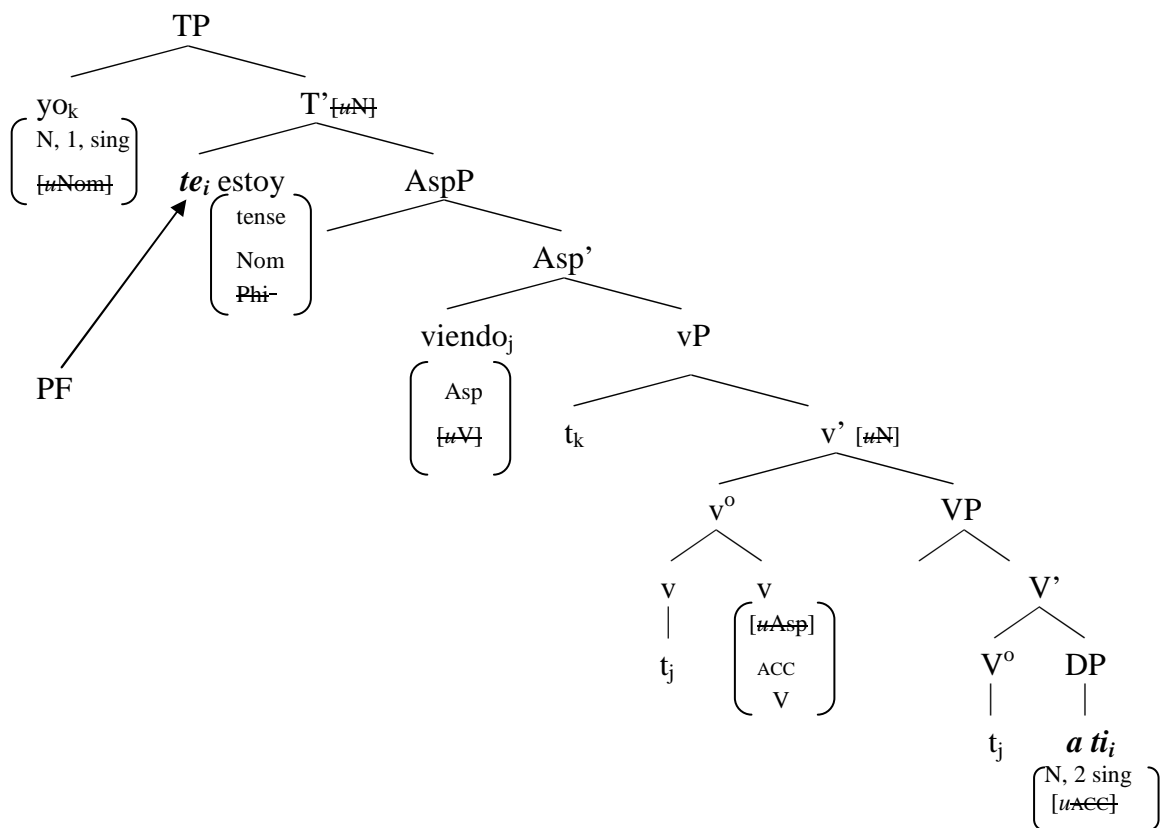


Construções com participío e com perífrases de gerúndio e infinitivo (desde que as duas últimas não estejam formadas por verbos factivos, semi-factivos, de opinião, de informação nem de dúvida)<sup>58</sup> permitem que o clítico apareça em posição de próclise ao verbo funcional. Assim, a derivação da sentença (19a) “Yo *te<sub>i</sub>* estoy viendo *a ti<sub>i</sub>*”, em que há próclise do pronome ao verbo funcional, ocorre da seguinte

<sup>58</sup> Verbos factivos, semi-factivos, de opinião, informação e de dúvida *não* permitem clíticos proclíticos ao verbo funcional (cf. LUJÁN, 1993, p. 241, 242).

maneira: na primeira fase forte v-VP, há valoração de Caso estrutural do objeto. A forma nominal do verbo *viendo*, que está na margem da concha v-VP, passa para a próxima fase a fim de valorar seu traço aspectual. Logo, ocorre a valoração do traço de Caso nominativo do sujeito da sentença. Há outro Spell-Out e a derivação se completa. Somente em PF, o clítico é inserido em próclise ao núcleo T<sup>o</sup>. Toda a derivação pode ser vista pelo diagrama arbóreo em (19b):

- (19a) Yo *te*<sub>i</sub> estoy viendo *a ti*<sub>i</sub>.  
 (19b)





### 5.2.3.3. RESUMO DA SEÇÃO

Em suma, a proposta de derivação das estruturas de redobro em construções perifrásticas pode ser resumida da seguinte maneira:

TABELA (8)

#### INSERÇÃO DOS CLÍTICOS EM CONSTRUÇÕES DE REDOBRO COM PERÍFRASES

Línguas	Núcleo funcional em que o clítico é inserido		Há movimento do verbo temático?
PB	em v <sup>o</sup>		Não. *v <sup>o</sup> →Asp <sup>o</sup> . É isto que explica a razão pela qual o clítico não ocorre enclítico em perífrases no PB.
Espanhol	em T <sup>o</sup> , nas perífrases com participio e em algumas perífrases de gerúndio e infinitivo.	em v <sup>o</sup> , em perífrases com gerúndio e com infinitivo.	Sim, de v <sup>o</sup> →Asp <sup>o</sup> . Ocorre nas construções com gerúndio e com infinitivo. É isso que explicará a razão pela qual o verbo costuma vir antes do clítico nessas orações, emergindo a ordem [V-cl]

Segundo nossa proposta, em construções com perífrases, o clítico é inserido, após Spell Out, em v<sup>o</sup>, exceto nas perífrases com participio do espanhol e em algumas perífrases de gerúndio e infinitivo. Nestes casos, o clítico é inserido em T<sup>o</sup>. A diferença que se observa entre o PB e o espanhol reside no fato de a categoria

aspectual AspP, que estamos postulando, exigir elevação do verbo lexical apenas no espanhol, e não no PB. Por fim, concluímos o seguinte:

(20a) nas perífrases do PB, o verbo lexical é enviado a Spell-Out muito cedo. Conseqüentemente, apenas o AE estará disponível para sair do vP, visto que o verbo lexical presente em v<sup>o</sup> já valorou seu traço aspectual por meio da LDA. Isto explicará a razão da agramaticalidade do exemplo abaixo em PB:

(i) \*Estou vendo-*te<sub>i</sub>* *você<sub>i</sub>*.

(20b) já no espanhol, vP é enviado a Spell-Out após o ponto da computação sintática em que há movimento do verbo de v<sup>o</sup> até o núcleo de Asp<sup>o</sup>. O clítico é inserido em v<sup>o</sup> somente depois que o verbo lexical move-se para fora do vP.

(20c) pode ser que, em espanhol, Asp<sup>o</sup> contenha um traço ininterpretável categorial “forte” [*uV*], o qual obrigaria a elevação do verbo temático até Asp<sup>o</sup>. Esta mesma natureza “forte” do traço V não se verificaria no PB. A diferença quanto à natureza forte ou fraca desse traço explicaria a razão pela qual a sentença a seguir é gramatical no espanhol.

(ii) Estoy hablándote-*a ti<sub>i</sub>*.

### 5.3. RESUMO DO CAPÍTULO

Tomando por quadro teórico o modelo de fases proposto por Chomsky (2005) e os estudos de Bobaljik (2006), analisamos neste capítulo como se dá a derivação de estruturas com redobro de pronomes clíticos no PB e no espanhol. Em conformidade com os dados que estas línguas apresentam, propusemos que a inserção do clítico em um núcleo funcional ( $T^0$  ou  $v^0$ ), no nível PF, formando uma estrutura com redobro, somente pode ocorrer após Spell Out.

Ainda conforme apontam os dados, o lugar em que o clítico é preferencialmente inserido é o núcleo  $T^0$ . Não obstante, a inserção tardia do clítico poderá variar em construções perifrásticas. O clítico poderá ser inserido, no núcleo  $v^0$ , em próclise ao verbo lexical, como no PB, ou ser inserido em ênclise ao verbo lexical, como no espanhol. Nesta segunda língua, será possível ainda, em construções com perífrases de particípio e em contextos verbais específicos, próclise ao verbo funcional. Neste caso, a inserção tardia do clítico ocorreria em  $T^0$ .

Para dar conta da variação paramétrica que se observa nas construções perifrásticas do PB e do espanhol, aventamos como possível hipótese que os traços-phi do  $D/NP_{OBJETO}$  são inseridos em distintos momentos durante a derivação. Dessa forma, teríamos que, tanto no PB quanto no espanhol, o clítico seria inserido em  $v^0$ . Entretanto, o verbo lexical, no PB, permaneceria em  $v^0$  e o clítico seria aí inserido numa posição proclítica ao verbo. No espanhol, o verbo lexical se deslocaria

de  $v^{\circ}$  para  $Asp^{\circ}$  para ter seu traço aspectual ininterpretável [ $\mu ASP$ ] valorado e para valorar o traço categorial ininterpretável V de  $Asp^{\circ}$ . Em seguida, no componente PF, o clítico seria inserido em  $v^{\circ}$ . Desse modo, teríamos o verbo lexical, em  $Asp^{\circ}$ , seguido pelo clítico presente em  $v^{\circ}$ , formando a estrutura enclítica. Esta análise parece dar conta da relação espelhada que se verifica entre o PB e o espanhol quanto à próclise e à ênclise em construções perifrásticas.

No espanhol, tem-se ainda próclise ao verbo funcional em construções com participípio e em algumas perífrases de gerúndio e infinitivo. Nestes casos, o clítico é diretamente inserido em  $T^{\circ}$ . Esta possibilidade de inserção do clítico parece estar conectada com as propriedades aspectuais da sentença. Dessa forma, quando  $Asp^{\circ}$  possuir o traço [+PERFECTIVO], o clítico deverá ser inserido em  $T^{\circ}$ . Quando  $Asp^{\circ}$  apresentar o traço [+IMPERFECTIVO], haverá opcionalidade de inserção do clítico em  $T^{\circ}$  ou em  $v^{\circ}$ .

Acreditamos que a proposta teórica que implementamos neste capítulo representa uma maneira mais simples de ver o fenômeno do redobro, visto que elimina questões relativas a Caso e a papel temático que tanto incomodaram os estudiosos anteriores. O estatuto especial do clítico e sua inserção após o Spell-Out permitem sua livre ocorrência com D/NPs que, em outros estudos, apresentariam as mesmas características sintáticas e, por isso, estariam competindo por um mesmo Caso e um mesmo papel temático.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho objetivou-se analisar o fenômeno do redobro de pronomes clíticos – coocorrência de um pronome clítico e um D/NP argumento interno de um verbo transitivo. Para tal, combinamos os pressupostos teóricos do modelo de fases de Chomsky (2005) com a proposta de inserção de traços-phi após o Spell-Out de Bobaljik (2006) e propusemos que os clíticos presentes em construções de redobro são cópias de traços-phi do D/NP<sub>OBJETO</sub> inseridas no componente fonológico. Endossou-se, assim, a proposta de Bobaljik de que concordância seria um fenômeno pós-sintático, já que se tem uma espécie de concordância entre verbo e o D/NP, sem, contudo, haver valoração dos traços de Caso. Os traços de Caso são valorados entre o verbo e o D/NP ou entre a preposição e o D/NP.

Línguas que licenciam construções de redobro de pronomes clíticos apresentam formas particulares de realização que, entretanto, não nos impedem de lançar sobre este objeto de estudo um olhar mais geral. Foram analisadas ocorrências de redobro no PB, no espanhol, no romeno e no grego e percebemos que o D/NP

redobrado deve apresentar o feixe de traços [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]]. Este feixe de traços poderá acionar alguns ou todos os seus traços, dependendo do contexto lingüístico. A variação paramétrica que se observa entre as línguas se deve, portanto, à forma como cada uma acionará este feixe de traços em construções com redobro acusativo e dativo. A proposta de um feixe de traços parece dar conta de englobar as diferenças no modo de produção do redobro de cada língua de uma forma mais satisfatória do que propor um único traço<sup>59</sup>. O feixe de traços [[+REFERENCIAL] [+ESPECÍFICO] [+DEFINIDO]] corrobora ainda nossa proposta de que o objeto redobrado deve apresentar uma capa funcional acima do nível NP. Isso significa que o item redobrado não pode ser um NP nu. Ao estabelecer desta forma o importe semântico-sintático do D/NP redobrado, conseguimos captar o fato de que o elemento redobrado deve sempre fazer referência a um elemento específico, previamente definido no contexto pragmático-discursivo.

Se comparada com a proposta de Jaeggli (1986), nossa proposta de inserção após o Spell-Out do clítico parece-nos muito mais simples já que torna-se desnecessário lançar mão da noção de pares relacionados pelo Caso, conforme apresentado na seção 1.1.1 do Capítulo 1. Ao dissociar a presença do clítico da necessidade de valoração de traços de Caso, também eliminam-se operações na sintaxe estrita e a proposição de categorias funcionais extras como, por exemplo, o

---

<sup>59</sup> Remetemos o leitor ao Capítulo 3, seção 3.3 para maiores esclarecimentos.

Big DP<sup>60</sup>. Por conseguinte, tem-se um sistema computacional mais leve – fato que mostra que nossa proposta também é mais econômica, atendendo às condições de Chomsky (2005, p.11) de facilidade de processamento e minimização da computação.

Considerar os clíticos presentes em construções de redobro como cópia de traços-phi e não como morfemas de concordância entre o objeto e o verbo parece eliminar alguns outros problemas. Um deles seria como explicar por que a concordância entre sujeito e verbo se dá de forma sistemática enquanto a concordância entre o objeto e o verbo se dá esporadicamente e em contextos bastante restringidos. A isto soma-se o fato de os morfemas de concordância como pessoa e número, pelo menos nas línguas românicas, tenderem a ocorrer à direita do verbo e não à esquerda como se verifica em construções de redobro.

As questões problematizadas por este estudo levantaram algumas outras questões teóricas que ficarão para pesquisa futura. Uma delas se refere ao estatuto da preposição presente em construções com redobro. Constatamos que existe uma variação paramétrica entre as línguas, conseqüente da exigência ou não deste elemento funcional. Propôs-se neste estudo que, em línguas como o espanhol e o romeno, a preposição não participaria da valoração de Caso acusativo e seria

---

<sup>60</sup> A análise do Big DP é uma configuração SPEC-NÚCLEO que estabelece que há uma operação de concordância de Caso, gênero, número e pessoa entre o clítico e o DP redobrado. Segundo esta abordagem, o clítico seria o núcleo do DP e o objeto redobrado seria seu especificador (cf. URIAGEREKA (1995), CECCHETTO (2000) e outros).

responsável por codificar o importe [+ANIMADO] [+ESPECÍFICO]. Apenas tocamos superficialmente neste tema e acreditamos que mereça um estudo mais detalhado. A definição do comportamento léxico-sintático das preposições no redobro dativo também mereceria uma investigação mais apurada.

Outro tema que esta pesquisa levanta e que não foi suficientemente explorado refere-se à provável generalização de que apenas línguas SVO permitiriam redobro de pronome clítico. Segundo apresentamos, parece que línguas SOV não permitiriam redobro visto que o preenchimento da periferia esquerda do verbo pelo clítico barraria o movimento do objeto para valoração do traço de Caso em Spec-vP.

Um fenômeno curioso que mereceria melhor análise é o obrigatório redobro de um DP pronominal na língua espanhola. Cogitamos a hipótese de que a estranheza de uma frase como “*Vi a él*” se deve, possivelmente, à não-satisfação de algum traço de margem, talvez de vP, não obstante, este é um assunto que deve ser cuidadosamente pesquisado.

Apesar de tentarmos responder algumas questões nucleares sobre o redobro de pronomes clíticos (como a valoração de Caso, por exemplo), acreditamos que estas e outras questões poderão suscitar novas investigações. Desse modo, consideramos que não esgotamos o tema, antes pelo contrário, sinalizamos uma série de possíveis temas para futura pesquisa.



*Este mundo é inconcluso:*

*Além há continuação.*

*Invisível como a música.*

*Evidente como o som.*

*Emily Dickinson (apud Gilberto Gil, 1998)*

## REFERÊNCIAS

ADGER, David. *Core Syntax: a minimalist approach*. New York: Oxford University Press, 2003.

ALEXIADOU, A. On the cross-linguistic distribution of (in)definiteness spreading. In: ÖLT SYNTAX WORKSHOP, 2006, Universität Klagenfurt. Disponível em: <<http://ifla.uni-stuttgart.de/~artemis/pdf>>. Acesso em: ago. 2006.

\_\_\_\_\_; ANAGNOSTOPOULOU, E. Toward a uniform account of scrambling and clitic doubling. In: W. ABRAHAM & E. VAN GELDEREN (eds.) *German: Syntactic Problems - Problematic Syntax*. Max Niemeyer Verlag, p. 142-161, 1997. Disponível em: <<http://ifla.uni-stuttgart.de/~artemis/pdf/scrambling-doubling.pdf>>. Acesso em 05 mai. 2007.

\_\_\_\_\_; ANAGNOSTOPOULOU, E. Clitic Doubling and (non) configurationality. *Linguistic List* 10.1276. Tue Aug 31 1999. Disponível em: <<http://ifla.uni-stuttgart.de/~artemis/pdf/nels30.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2007.

\_\_\_\_\_; ANAGNOSTOPOULOU, E. The subject-in-situ generalization and the role of Case in driving computations. *Linguistic Inquiry*, v. 32, n. 2, Spring 2001.

ANAGNOSTOPOULOU, E. Conditions on Clitic Doubling in Greek. In: H. van Riemsdijk (Ed.) *Clitics in the Languages of Europe. Language Typology*, Berlin: Mouton De Gruyter, v.III, p. 762-798, 1999.

\_\_\_\_\_. *The syntax of ditransitives: evidence from clitics*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2003 *apud* DIACONESCU, C. R.; RIVERO, M. L. An applicative analysis of double object constructions in Romanian. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN LINGUISTICS ASSOCIATION. 2005. Disponível em: <<http://ling.uwo.ca/publications/CLA-ACL/CLA-ACL2005.htm>>. Acesso em: 02 mai. 2007

ARAÚJO, Leonardo Eustáquio Siqueira. *Variação em locativos no português de Belo Horizonte [manuscrito]: estudo sociolingüístico*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2007.

BENVENISTE, É. *Problemas de lingüística geral I*. 2ª ed., Campinas, Ed. Unicamp, 1988.

BISPO, Karla Cristina; SALLES, Heloisa Maria. Estudo Comparativo do Dativo no Português Brasileiro e em Línguas Românicas e Germânicas. *Estudos Lingüísticos* XXXIV, 2005, p. 1343-1348.

BLEAM, Tonia M. *Leísta Spanish and the Syntax of Clitic Doubling*. Dissertação. University of Delaware. 1999.

BOBALJIK, J. D. Where's  $\Phi$ . Agreement as a post-syntactic operation. In Marjo van Koppen *et al.* (Eds.), Special Issue of *Leiden Papers in Linguistics* 3.2, p. 1-23, 2006.

BRANIGAN, Phil. Case valuation by phase. Unpublished ms. Memorial University. January, 2005. Disponível em: <<http://www.uccs.mun.ca/~branigan/papers/casetheory.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. Ele como um acusativo no português do Brasil. In: *Dispersos*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Editora da FGV, p.45-53, 1975.

CARDINALETTI, Anna; STARKE, Michal. *The Typology of Structural Deficiency: a case study of the three classes of pronouns*. University of Venice, University of Geneva. ms. 1994.

CASTILHO, C. M. M. Primeiras histórias sobre a diacronia do dequeísmo: o clítico locativo *en* e o dequeísmo das orações relativas no PM. 2004. Disponível em: <[http://www.fllch.usp.br/dlcv/lport/dequeismo\\_salvador.pdf](http://www.fllch.usp.br/dlcv/lport/dequeismo_salvador.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2006

\_\_\_\_\_. *O processo de redobramento sintático no português medieval: formação das perífrases com estar*. 2005. Tese (Doutorado) – Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

CECCHETTO, C. Doubling structures and reconstruction. *Probus*, 12, p. 93-126, 2000.

CELSO CUNHA, L. F.; LINDLEY Cintra. Nova gramática do português contemporâneo. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CHOMSKY, Noam; *Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures*. Mouton de Gruyter – Berlin - New York, 1993.

\_\_\_\_\_. *Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. Derivation by Phase. In: Kenstowicz, Michael (ed.) *Ken Hale. A Life in Language*, Cambridge, Mass.: MIT Press, 1999, p. 1-52.

\_\_\_\_\_. Minimalist Inquiries: The framework. In: MARTIN, R.; URIAGEREKA, J. (Eds.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, Cambridge, MA.: MIT Press, p. 89-155, 2000.

\_\_\_\_\_. *On Phases*. Ms. MIT, Cambridge, MA. 2005.

\_\_\_\_\_; LOBATO, Lúcia. *Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Brasília: Ed. UnB, 1998.

CIRÍACO, L; VITRAL, L; REIS, C. Intensidade e duração de formas reduzidas no Português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.12, n.2, p.145-157, jul./ dez.2004.

CORRÊA, L.T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolinguística*. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 1998.

CYRINO, S. Observações sobre a mudança diacrônica no PB: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I e KATO, M (Orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Unicamp. 1993.

DANILIUC, L. e DANILIUC, R. *Descriptive Romanian Grammar*. München: LINCOM EUROPA, 2000.

DIACONESCU, C. R.; RIVERO, M. L. An applicative analysis of double object constructions in Romanian. In: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN LINGUISTICS ASSOCIATION. 2005, Disponível em: <<http://ling.uwo.ca/publications/CLA-ACL/CLA-ACL2005.htm>>. Acesso em: 02 mai. 2007

DOBROVIE-SORIN, Carmen. *Syntaxe du Roumain: chaines thematiques*. Th. De Doctorat d'Etat, 1987.

DUARTE, F. B. Caso, Função sintática e Papéis Temáticos. In: *Revista Duc In Altum*, Muriaé, Faculdade de Santa Marcelina, v.6, n.1, 2006.

\_\_\_\_\_. *Estudos de morfossintaxe Tenetehára*. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_; RAMOS, Jânia. *Ordem de Constituintes, Conteúdo de Traços-phi e Mudança Gramatical no PB*. Belo Horizonte: UFMG, Nupevar, 2005, ms.

DUARTE, Maria E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I e KATO, M (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. Unicamp. 1993.

\_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

EVERETT, D. *Why there are no clitics. An alternative perspective on pronominal allomorphy*. A publication of The Summer Institute of Linguistics and The University of Texas at Arlington, 1996.

FARIAS, Jair Gomes. Variação entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, nº 1, p. 213-234, março, 2006.

FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés. Leísmo, laísmo y loísmo: estado de la cuestión. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madrid: Tauros Ediciones, 1993. p. 63-96.

FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. Los pronombres átonos en la teoría gramatical. Repaso y balance. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madrid: Tauros Ediciones, 1993. p. 13-56.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001. p. 125-179.

\_\_\_\_\_; SANDALO, Filomena. Clitic placement in Modern and Classical European Portuguese. In: CASTRO, Ana *et al.* *Romance Op. 47. Collected papers on Romance Syntax MIT Working Papers in Linguistics 47*. Cambridge: MITWPL, 2004. p.115-128.

\_\_\_\_\_; DOBROVIE-SORIN, C. Proclisis, enclisis and head-to-head merge. *Bucharest Working Papers in Linguistics*, Bucharest, v. II, n. 1, p. 35-50, 2000.

GIBRAIL, A. V. B. *O acusativo preposicionado no Português Clássico: uma abordagem diacrônica e teórica*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

GIL, Gilberto. *Quanta*. Zona Franca de Manaus: Warner Music Brasil, 1998. CD duplo, Q<sup>+</sup>, faixa 1.

GOMES, Christina Abreu. Variação e mudança na expressão do dativo no Português Brasileiro. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

GROPPI, M. Variación en la expresión del objeto directo. 2006. Disponível em: <[http://www.lle.cce.ufsc.br/congresso/trabalhos\\_lingua/Mirta%20Groppi.doc](http://www.lle.cce.ufsc.br/congresso/trabalhos_lingua/Mirta%20Groppi.doc)>. Acesso em: jun. 2006.

HAWKINS, J. A. *Definiteness and indefiniteness. A study in reference and grammaticality prediction*. London: Croom Helm, 1978 *apud* VIOTTI, E. Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais. *Revista do GEL: Grupo de estudos lingüísticos do estado de São Paulo*. São Paulo: Contexto, 2002.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

ISHIKAWA, Yumiko. Review of “On Phases”. 2005. Disponível em: <<http://www.hcn.zaq.ne.jp/language/LCCC006.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2007.

JAEGGLI, Osvaldo. Tres cuestiones en el estudio de los clíticos: el caso, los sintagmas nominales reduplicados y las extracciones. 1986. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madri: Tauros Ediciones, 1993. p.141-172.

JANES, Andrew. *Greek Clitic Doubling* (sum). In: *Linguistic List* 12.2680, Fri Oct 26 2001. Disponível em: <<http://listserv.linguistlist.org/cgi-bin/wa?A2=ind0110d&L=linguist&P=7876>>. Acesso em: 05 mai. 2007.

KARADZOVSKA, Daniela. *Clitic Doubling in Macedonian. Difficulties for English L2 learners*. Research Centre for English and Applied Linguistics, University of Cambridge. 2006

KATO, Mary Aizawa. Português Brasileiro falado: aquisição em contexto de mudança lingüística. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O PORTUGUÊS, 1994, Lisboa.

\_\_\_\_\_. Strong pronominals in the null subject parameter. *Probus*, 11, 1999, p.1-37.

KAYNE, R. Romance clitics, verb movement, and PRO. *Linguistic Inquiry*. vol. 22, nº4. USA: Massachusetts Institute of Technology, 1991.

LAKA, I. Unergatives that assign ergative, unaccusatives that assign accusative. *Papers on Case and Agreement*. MIT Working Papers in Linguistics. 1993, p.149-172.

LEONETTI, M. Specificity and Object Marking: the Case of Spanish *a*. In: VON HEUSINGER, K.; KAISER, G. (Eds.), *Proceedings of the Workshop "Semantic and Syntactic Aspects of Specificity in Romance Languages"*, Arbeitspapier 113. Fachbereich Sprachwissenschaft, Universität Konstanz, 2002.

LIMA, Marina. Marina – Todas. São Paulo: Polygram (Universal), 1985. LP e CD.

LUJÁN, M. La subida de clíticos y el modo en los complementos verbales del español. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madri: Tauros Ediciones, 1993.

MAGALHÃES, Telma M. V. A valoração de traços de concordância dentro do DP. *Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo, vol. 20, nº 1, Jan./ Jun. 2004.

MAYER, Elisabeth. *Clitic doubling in Limeño: A Case Study in LFG*. 2003. Dissertação (Mestrado). Australian National University. Agosto, 2003.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.

MORAIS, M. A. C. R. T. A preposição e a caracterização do objeto indireto: aspectos sincrônicos e diacrônicos. São Paulo: USP. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/CTorresMorais001.pdf>>. Acesso em: 18 Set. 2005.

\_\_\_\_\_; BERLINK, R.A. “Eu disse pra ele” ou “Disse-lhe a ele”: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: SEMINÁRIO DE PÓS-GRADUAÇÃO, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 29/03/2006.

NARO, Antony; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Estabilidade e mudança lingüística em tempo real: a concordância de número. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

NASCENTES, Antenor. (1953). *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1922.

OLIVEIRA, Marilza. A natureza do SN e do “clítico” acusativo de terceira pessoa no processo de aprendizagem do PB. In: *Estudos Lingüísticos XXIV*, 2005. p.229-234. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/gel/4publica-estudos-2005>>. Acesso em: 18 set. 2005.

\_\_\_\_\_. Adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição “a”. 2006. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/MOliveira001.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2006

\_\_\_\_\_. Nós se cliticizou-se? In: LOBO, T. *et al* (Orgs). *Para a História do Português Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, Vol. VI, Tomo I, 2006.

OLIVEIRA, Alan Jardel de. *Variação em itens lexicais terminados em /l/+vogal na região de Itaúna/MG*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

OMENA, Nelize Pires. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PESETSKY, David; TORREGO, Esther. T-to-C movement: causes and consequences In: Michael Kenstowicz (Ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001. p.355-426.

PONTES, E. *O tópicio no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

POPPER, K. (1967). *apud* FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madrid: Tauros Ediciones, 1993. p. 14



RAMOS, Jânia M. *Marcação de Caso e Mudança Sintática no Português do Brasil: uma abordagem gerativista e variacionista*. (Tese de Doutorado) - Unicamp, Campinas, 1992.

\_\_\_\_\_. O uso das formas Você, Ocê e Cê no dialeto mineiro. In: DA HORA (Org). *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa, PB, 1997.

\_\_\_\_\_. A alternância entre "não" e "num" no dialeto mineiro: um caso de mudança lingüística. In: COHEN, Maria Antonieta; RAMOS, Jânia Martins. *Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras / UFMG, 2002. p.156-157.

ROCHA, Ângela de Fátima. *Clíticos Reflexivos: Uma variante sóciolinguística na cidade de Ouro Preto*. 1999. 20-60 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 39<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2000.

RONCARATI, Cláudia. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, Maria da Conceição; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs). *Mudança Lingüística em Tempo Real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

SILVA-CORVALÁN, C. La función pragmática de la duplicación de pronombres clíticos. In: *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*. XXXI, 1981

SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. 4<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

SOUZA, Elizete Maria. *O uso do pronome 'eles' como recurso de indeterminação do sujeito*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SUÑER, Margarita. El papel de la concordancia en las construcciones de reduplicación de clíticos. 1988. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. (Org.). *Los pronombres átonos*. Madrid: Tauros Ediciones, 1993. p.174-184.

\_\_\_\_\_. Dialectal Variation and Clitic Doubled Direct Objects. In: KIRSCHER, C.; DECESARIS, J. (Eds.). *Studies in Romance Linguistics*. p. 377-397, 1989.

SVENONIUS, P. Impersonal Passives: A Phase-based Analysis. Paper submitted in September 2000 to HOLMER; SVANTESSON; VIBERG (Eds.). Proceeding of the 18<sup>th</sup> SCANDINAVIAN CONFERENCE OF LINGUISTICS.

URIAGEREKA, J. Syntax of clitic placement in western Romance. *Linguistic Inquiry*. Volume 26, n° 1, Winter, 1995.

VIOTTI, E. Sobre o efeito de definitude nas sentenças existenciais. *Revista do GEL: Grupo de estudos lingüísticos do estado de São Paulo*. São Paulo, Contexto, 2002.

VITRAL, L. A forma Cê e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v.1, n.4, p.115-124, jan./jun.1996.

\_\_\_\_\_. Sintaxe formal e gramaticalização: roteiro de uma pesquisa. In: NICOLAU, E. (Org). *Estudos sobre a estrutura gramatical da linguagem*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, 2001a.

\_\_\_\_\_. Identificando clíticos: evidências fonéticas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001b. Inédito.

\_\_\_\_\_. A interpolação de Se e suas conseqüências para a teoria da cliticização. *Revista da Abralin*, v.1, n.2, p.161-197, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. O Papel da Frequência na Identificação de processos de gramaticalização. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 10, n. 18, p. 128-162, 2006a.

\_\_\_\_\_. A evolução do SE reflexivo em português na perspectiva da gramaticalização. In: LOBO, Tânia *et al* (Orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2006b, v. 6, p. 107-133.

\_\_\_\_\_; RAMOS, J. Gramaticalização de “você”: um processo de perda de informação semântica? *Filologia e Lingüística Portuguesa*. v.3. São Paulo, Humanitas Publicações, 1999.

\_\_\_\_\_; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

YOKOTA, R.. *A marcação de Caso acusativo na interlíngua de brasileiros que estudam o espanhol*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

YOON, James. Noam Chomsky: “Derivation by Phases”. To appear in M. KENSTOWICZ, M. (Ed.), *Ken Hale: A life in Language*, MIT Press, 2000

